

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR

Fundada pelo Maj. João Ribeiro Pinheiro

No prélo:

ESCOLA DO PELOTÃO

(Complemento do Combate e Serviço em Campanha)

Major Araripe

Livro indispensável à instrução nos corpos de tropa de todas as armas, nas escolas de instrução militar e nos Tiros de Guerra.

2.ª edição melhorada

Preço 12\$000

INSTRUÇÃO DE TRANSMISSÕES

Cap. Lima Figueirêdo

Agentes de transmissão, telephonía, telegraphia, optica e radiotelegraphia.

3.ª edição muito aumentada.

Preço 10\$000

15 — AV. MARECHAL FLORIANO — 15

RIO DE JANEIRO

CASA EDITORA HENRIQUE VELHO

Acaba de Sahir

a Nova Edição (6.^a)
do

Combate e Serviço em Campanha

P R E Ç O - 12 \$ 000

LIVRO INDISPENSÁVEL
aos Officiaes e Sargentos de TODAS
AS ARMAS - Já no 20.^o milheiro

*Com elle reiniciamos a restauração da BIBLIOTHECA
DE CULTURA MILITAR, destruída com o incendio que
soffremos.*

15- HENRIQUE VELHO -15
AVENID. MARECHAL FLORIANO

A DEFESA NACIONAL

— REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES —

DIRECTOR-PRESIDENTE :

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO :

Lima Figueirêdo

GERENTE :

A. da Silva Chaves

Anno XXIV

Brasil — Rio de Janeiro, Janeiro de 1937

N.º 272

S U M M A R I O

LITERATURA — HISTORIA — GEOGRAPHIA — SCIENCIA

O surto no Japão — Major *Nicanor G. de Souza* 3

SECÇÃO DE INFANTARIA

O batalhão na defensiva — Thema: Maj. *F. Brayner* —
Solução: Cap. *A. Maggessi* 27

SECÇÃO DE CAVALLARIA

A D. C. na execução das missões que lhe cabem no
“Quadro da Batalha” — Cap. *Ferlich* 57

SECÇÃO DE ARTILHARIA

Palanque “Tenente Hilario” — Cap. *Waldemiro Pimentel* 71

SECÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA

Meteorologia para a artilharia — Cap. *W. D. Hohenthal* 75

SECÇÃO DE TRANSMISSÕES

Esquadrão de transmissões — Cap. *Rubens Massena* 83

SECÇÃO DE PEDAGOGIA

- Em defesa do instructor — Cap. *Souza* 91

SECÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES

- Alerta Mocidade! — Cap. *José Maria Leite de Vasconcellos* 95

- A convicção e a moral — Cap. *Edgard da Cruz Cordeiro*

NOTICIARIO E VARIEDADES

- Em continencia ao Barão do Cerro Alto — Cap. *Lima Figueirêdo* 105

- Preconceitos da nossa literatura biographica e o que não se disse sobre Benjamin Constant — Ten. *Umberto Pergrino* 109

- Bibliographia 113

NO RIO GRANDE DO SUL



Photographias colhidas durante a viagem tactica realizada pelos officiaes da Escola de Estado Maior.



Aspectos da solemnidade para entrega dos diplomas aos officiaes que concluiram o curso de Estado Maior.

que a situação chineza aggrava-se cada vez mais, descambando para a anarchia, procurou acautelar-se. Cortou incontinentem todos os laços que o prendiam á China, com o objectivo unico de preservar o povo japonez de tão perigoso contacto. Data dahi, talvez, a primeira medida que o tornou o paiz solitario, como era conhecido na antiguidade.

Apezar da medida radical tomada, de caracter puramente externo, não repudiou a civilização chineza. Continuou a adaptala e assimilal-a ainda mais, procurando mesmo melhoral-a nos pontos mais aceitos pelo povo, como por exemplo, o respeito e a veneração tributada por este ao Imperador, o espirito de ordem, disciplina e de amor á Patria e o culto aos antepassados, que constituem ainda hoje caracteristicas moraes do japonez.

Dentre os costumes levados pelos chinezes e adaptados ao Japão, cumpre assignalar o do "uké", ou dos deveres familiares; verdadeiro dogma segundo o qual todos faziam parte de uma mesma familia, cujo chefe supremo — o imperador — passou a ser considerado mais um arbitro, uma divindade ou mesmo um symbolo do que uma força dirigente.

Esse dogma que penetrou na indole do japonez antigo, actuou evidentemente na transformação politica e social operada naquelle paiz no inicio do seculo X, e pela qual o imperador passou a governar por pessoas interpostas, tornando-se dahi mais um suzerano do que um soberano. E ahi está a explicação de haver-se o Japão regido politica e socialmente, a partir desse seculo, por um sistema de governo semelhante ao feudal, então adoptado no occidente.

Antes porem disso, seguirá o regimen imperial que se caracterizou:

1) pela instabilidade da sua Capital, que mudava de local, conforme as conveniencias dos soberanos todas as vezes que havia successão de imperadores, fixando-se durante o seculo VIII maior tempo, cerca de 80 annos, em Nára. Nesse periodo, chamado de epoca Nára, o Japão muito floresceu nas artes, letras e religião;

2) pelo facto dos imperadores cercarem-se de uma corte numerosa e organizada, permittindo aos que de mais perto privavam com elle, a interferencia nos negocios do Estado, o que causava certas vezes, sem duvida, uma série de medidas governamentaes que nem sempre correspondiam aos interesses do povo e do paiz;

3) por terem o mau habito de abdicarem muito cedo, em plena pujança da vida, afim de desfructar pacificamente os gosos terrenos longe das attribulações que a função imperial impunha.

Tudo isso fez crear dentre os palacianos e nobres um ambiente que sem ser infenso aos imperadores, concorria para que muitos notaveis da terra procurassem, a todo o custo, approximar-se dos soberanos para afastal-os dos maus elementos.

Entre estes, uma familia, a dos Fujiwara, cheia de ambições, logrou a melhor parte. Em pouco tempo todos os postos importantes do Estado estavam em seu poder. Conseguio tambem que os soberanos adoptassem como regra, procurar no seu seio as suas esposas.

O poder dos Fujiwara que teve começo na época Nára, augmentou ainda no fim do seculo VIII quando a Capital foi transferida para Heian, hoje Kioto, onde permaneceu até o seculo XVIII. Mais tarde, pelos fins do seculo IX conseguiram os Tijiwara o cargo de intendententes do palacio imperial o que lhes permitiu escolher ou obrigar á abdicação os soberanos que de resto nada mais eram do que simples joguetes em suas mãos.

Seja como for, a época dos Fujiwara que durou até o seculo XII foi brilhantissima em todos os pontos de vista. Como tudo no mundo, elles tiveram tambem o seu fim. Em quanto se entediavam e se enfraqueciam gosando as delicias da corte em Kioto, preparava-se nas provincias um movimento revolucionario, originado no Uqué, e que daria em resultado a implantação no seculo XII do feudalismo.

A semelhança deste, ás familias nobres mais influentes e possuidoras de terras coube, na pessoa dos senhores féudaes ou daimyos, o papel de intermediarios entre o poder symbolico exercido pelo imperador e o povo. O novo regimen politico japonez era accentuadamente militarista; os daimyos cercavam-se de numerosos guerreiros denominados "samurais" e utilizavam-se para o seu serviço das demais classes do povo, aliás sem nenhum outro direito que o da alimentação. Dessa forma, a constituição unitaria do imperio deixou de existir, dando lugar ao novo regimen que mais se accentuou quando alguns dos daimyos, auxiliados pelos samurais dominaram e reduziram outros á vassalagem, extendendo assim, pela conquista, seu poderio sobre vastos territorios.

Dentre elles, os da casa de Minamoto conseguiram assenhorear-se de quasi toda a metade Nordeste da ilha principal. Em contraposição ao seu poderio só uma outra havia, a dos Taïra. A

rivalidade surgiu e dentro em pouco se iniciava a luta entre elas. A vitória sorriu ora a uma, ora a outra nas batalhas travadas para a conquista da supremacia, cobrindo-se ambos os exércitos de inúmeras glórias cantadas ainda hoje nos livros japoneses.

Em fins do século XII, Yoritomo, chefe de Miamoto, homem de rara energia e melhor político, conseguiu dominar os Taïra, consolidando mais uma vez o poderio de sua casa. Instalou-se em Kamakura de onde passou a dominar todo o país. O imperador conferiu-lhe o título de "tai-shogun" ou generalíssimo, hereditário em sua família.

Desse modo fundou-se o governo shogunal ou simplesmente shogunato, que por muitíssimos anos encampou todas as realidades do poder temporal japonês, mantendo em uma verdadeira tutela, aliás muito respeitosa, o imperador e toda sua corte.

Os sucessores de Yoritomo foram por sua vez dominados pela família dos Hōjōs, cujos chefes com a designação de regentes passaram a governar o Japão até a queda desse regimen. Os Hōjōs foram em geral chefes notáveis políticos e militarmente falando. A um delles — Tokimuno deveu o Japão, no fim do século XII, não haver sido assolado, por duas vezes, pelas hordas mongólicas, quando estas tentaram incorporar o arquipélago ao império do terrível Tamerlão.

O feudalismo japonês apesar do respeito que tributada à figura dos soberanos, que com a implantação desse regimen só dispunham do poder espiritual, nunca foi por estes olhado com sympathia. Alguns, auxiliados por influentes daimyos, procuraram restabelecer o poder unitário do império. Facto curioso porém ocorria todas as vezes que sahiam vitoriosos os imperadores: o poder lhes era novamente usurpado pelos daimyos auxiliares, que incontinentemente tornavam a estabelecer o shogunato em seu favor.

O feudalismo japonês durou do século XII ao ano de 1868 quando começou a ser abolido. A primeira vista o regimen em apreço nos parecerá insuportável, como de facto o foi na Europa. A realidade entretanto era bem outra se levarmos em conta que os japoneses aplicavam com muita sabedoria, sinceridade e rigor o princípio do "Bushido" que como o Uki, encontrava sua origem na civilização chinesa.

O Bushido era um verdadeiro código que muito se assemelhava ao adoptado pela cavalaria no período medieval europeu. Além de ser um conjunto de regras de um grande alcance moral e de assistência material aos fracos, constituía a lei suprema se-

guida por todos os samurais. Estes, afóra o heroismo e uma viril resistencia physica e moral que deviam possuir, eram obrigados a sacrificar-se pela causa da justica social e tributar sympathia irrestriccta pelos fracos.

O sistema economico japonez durante essa época obedecia, como é evidente, ás normas feudaes, que differiam um pouco das que caracterizaram o regimen europeu. Lá não se conheciam as violencias tão frequentes do feudalismo occidental em que os fortes quasi sempre abusavam do seu poder. Sómente no fim do shogunato, pelos fins da primeira metade do século passado, houve, como resultante de injustiças commettidas pelos shoguns e samurais disturbios provocados pelos plebeus, com o fim de melhorar sua situação economica, já muito precaria.

Tal era a vida do Japão que embora proseguisse sua politica de isolamento, vio-se constantemente presa de olhares cubicosos, á cata de occasião propicia para intervirem materialmente nos seus destinos, obrigando-o a abrir seus portos ao commercio livre.

A ansia com que observavam paiz tão mysterioso chega ao auge quando na Europa, Marco Polo, viajante veneziano, que, parece, lá esteve, narrou phantasicamente suas extraordinarias viagens pela Asia atravez a Mongolia. Em sua opinião, o Japão era o paiz das maravilhas e riquezas, habitado por pagãos de certa cultura. Possuia em tamanha profusão o ouro, de exportação prohibida, que esse metal servira até como material principal na construcção do palacio do imperador.

Diante de taes narrativas não faltaram aventureiros ou navegantes que intentassem approximar-se, no correr dos séculos XV e XVI, daquellas paragens, sem conseguirem contudo o almejado exito.

De outro lado, o mundo catholico, no trabalhoso zelo de propagar a sua fé por toda a parte, procurou, por meio de missões religiosas para lá enviadas, fazer proselytos dentre os naturaes do archipelago. Nesse sentido, de 1.500 a 1.600 Hespanha e Portugal não pouparam esforços; enviaram muitos missionarios, dentre elles sobresahindo-se a figura excelsa de S. Francisco Xavier — o apostolo das Indias.

O resultado dessas missões, apezar da belleza de sua finalidade, não foi favoravel ao catholicismo. Ellas não conseguiram modificar, salvo poucas excepções, o espirito religioso do povo que já abraçava convictamente o Buddhismo — herança dos chinezes, ou o Schintoismo, religião primitiva do Japão.

O shintoismo não possuia livros sagrados nem dogmas; caracterizava-se por uma mythologia um tanto incoherente, por uma forma de culto aos antepassados em que os da familia imperial occupavam o primeiro logar e pela propiciação das forças da natureza. O culto principal era o da deusa Amaterasú, antepassado da actual dymnastia imperial.

Os navegadores e os religiosos não esmoreceram nas suas investidas; os shoguns por sua vez continuaram a reprimil-as, chegando mesmo a prohibir o desembarque de forasteiros e a saída de japonezes do paiz.

Nesse sentido tomaram os shoguns medidas bem mais radicais, não permittiram, a partir de 1.600, a construcção de embarcações capazes de afrontar o alto mar. A não ser os chinezes e hollandezes, aos ultimos dos quaes concederam em 1548, installarse, para fins exclusivamente commerciaes, numa ilha junto a Nagasaki, a ninguem mais foi dado pôr o pé no archipelago. Isolou-se desse modo o Japão cerca de 300 annos, transigindo apenas com esses dois povos simplesmente por elles não terem outros interesses senão os commerciaes.

Esquecia-se porem o paiz em apreço, que si os hollandezes assim procediam, nunca se prevalecendo de sua situação especial para influir na vida politica, social ou religiosa do povo, elles contudo se prestavam indirectamente a esses fins. Na soffreguidão de tudo vender, serviam de intermediarios clandestinos no commercio de livros e publicações de fonte europeia, onde os japonezes se apercebiam pouco a pouco do que occorria fóra de suas terras, de modo a viver e governar-se de outros povos, etc.

Tudo isto, como é natural, calou profundamente no espirito de certos elementos mais cultos do povo e servio para innocular insensivelmente o germe da revolução que estouraria em 1868, transformando dahi tão radicalmente os destinos do paiz em questão.

No inicio do seculo XII, a Inglaterra, França, Russia e Estados Unidos começaram a volver suas vistas para a Asia, cujos mares passaram a ser palmilhados pelos seus navios. Os hollandezes, unicos representantes do occidente estabelecidos no Japão, muito justificadamente procuraram por todos os meios manter a situação de privilegio que ali desfructavam. Sentindo-se ameaçados de perder aquella commercio que tanto lhes custára, trataram de annullar ou pelo menos retardar a concorrencia imminente.

Faltando-lhes nessa época a força material com que defender seus interesses, lançaram mão de todos os outros meios, entre os quais a perfidia não raras vezes representou papel saliente. Assim, uma propaganda insidiosa começou, em que, não raro, historias, façanhas terríveis e aventuras temíveis cometidas por aqueles povos foram contadas aos japonezes. Como argumento nas suas narrativas apresentavam sempre o poder mortífero das armas de fogo empregadas e contra as quais os japoneses que só possuíam armas brancas e sem uma organização militar estavel, nada poderiam fazer. Aconselharam portanto ao Japão, esquivar-se de contacto, tão perigoso, afim de mantendo sua tradição de solitário, continuar fechado aos "Barbaros".

Esqueceram-se porém os hollandezes que com esse proceder commetiam o erro de apreciação. Da mesma forma por que incutiam no japonês o terror aos estrangeiros, davam-lhe claramente a conhecer a impossibilidade de proseguir naquela política de isolamento. Foi pois, bem fácil ao Japão compreender o estado crítico de sua situação, de que só se livraria mediante um sacrifício que lhe seria fatal ou humilhante.

De resto, para aggravar ainda mais as condições do paiz nos meados do seculo XIX, as cousas no interior não iam bem. Reinaava no povo um mixto de terror ao estrangeiro e de confiança ilimitada no seu valor, esta gerada pelo isolamento em que viveu e que o fez convencer-se de que se bastaria por si mesmo. Além de tudo, uma grande parte dos japonezes começava a oppôr-se contra as medidas prohibitorias da saída do paiz e contra o regime político que começava a mostrar sua fallencia, sendo o causador de serios dissidentes nas classes populares.

Nesse estado de cousas que, de certo, muito contribuiu para o bom exito da missão que levava, foi que o almirante americano Perry, à testa de uma esquadra de quatro unidades apenas encontrou o Japão em 1853, ao ancorar na bahia de "Uraga".

Paiz tradicionalista, cheio de preconceitos que a civilização chinesa legára, de população e governo hostis a todo e qualquer estrangeiro, não recebeu de bom grado a esquadra americana que o boato e o medo fizeram tratar-se de força innumerável. Acreditando na invasão a desencadear-se a todo o momento, o alarme foi geral e o signal de alarme transmittido a toda a ilha. Os padres shintoistas acorreram aos templos e clamaram aos deuses o auxilio do sobrenatural contra os Barbaros ali postados.

Tudo isso foi em vão, mesmo porque a missão levadas por Perry era outra muito differente.

Contra os costumes e a tradição, o shogun Yeyoshi deixou de decidir pessoalmente; reuniu os seus secretários e os principais daimyos em um verdadeiro conselho de estado, do qual resultou a deliberação de receber sem hostilidades a esquadra americana.

Isto posto, enviaram imediatamente a Perry uma delegação que se utilizou de embarcações com mais de duzentos annos de uso, na falta de outras mais modernas.

Dizem que à delegação foram dadas instruções restrictivas para receber a esquadra; mas si tal é verdade, esta desvaneceu-se em presença do poder offensivo dos navios americanos. Perry teve permissão para realizar os estudos hydrographicos dos mares japonezes de que estava encarregado e bem assim desembarcar ou enviar directamente ao imperador, sem o intermedio dos hollandezes como do costume, a mensagem de que era portador.

Nessa mensagem, os Estados Unidos solicitavam:

- 1.º) a abertura dos portos ao commercio americano;
- 2.º) um tratado de commercio;
- 3.º) a segurança individual para os naufragos que aportassem ás costas japonezas.

Perry, homem educado na boa diplomacia, uma vez tomada essa primeira approximação, deu-se por satisfeito e retirou-se das costas japonezas.

Após sua partida estes pensaram na reacção e procuraram preparar-se para mais uma vez manter a inviolabilidade de suas ilhas.

Os filhos dos daimyos, os nobres e os samurais passaram, como outrora a só se dedicar ás causas da guerra; procuraram, por meio dos hollandezes, exercitá-los nos processos de combates europeus, sem que para isso dispuzessem de armamento adequado. Não dispondo dos recursos bellicos com que fazer face aos invasores, embora affeitos e dispostos á luta, desilludiram-se e concluíram que nada podiam contra os barbaros providos de armas de fogo e com uma organização política e militar mais logica. A historia sempre a lembrar aos povos o seu destino, quando olvidam os seus meios de Defesa.

Os principais países europeus ao terem ciência do que ocorreria com relação a Perry, deram-se pressa em enviar ao Japão expedições navaes para pleitear tratamento igual ao solicitado pelos americanos. Alguns delles, chegaram mesmo a empregar

meios de acção diferentes, ansiosos por mostrar que outros argumentos mais convincentes, como a voz do canhão, serviam para mais depressa conseguir os seus intentos.

A Russia enviou o almirante Poutiatine para observar as intenções americanas. A França foi mais radical, não trepidou em ordenar até o bombardeio da costa, chegando uma de suas fragatas a atirar contra dois pontos do littoral.

Semelhantes occorrencias espantaram o povo e a reacção foi tentada, embora nunca passasse de méro platonismo. Mais uma vez o alarme geral foi dado, e os padres shintoistas como das outras feitas, rogaram aos deuses, sem melhores resultados.

Assim, em 1854, quando o almirante Perry novamente chegou áquelle paiz, agora á frente de uma esquadra poderosa, constituida de 10 unidades e 2.000 homens de desembarque, só restou ao shogun curvar-se á realidade dos factos. A força como sempre impunha vontades e dictava leis.

A Perry foi permittido desembarcar e dirigir-se ao imperador afim de saudal-o e pedir-lhe a approvação da mensagem enviada no anno anterior. Tudo foi concedido e dessa forma, a 13 de Fevereiro de 1854, assignou o Japão com os Estados Unidos, o primeiro tratado de commercio que sua historia regista.

Logo a seguir, as exigencias compelliram a ter procedimento igual com relação á Inglaterra, França, Russia e Hollanda sucessivamente. Estavam dessa forma abertos ao mundo os portos daquelle paiz, que iniciava assim o segundo acto de sua existencia.

Os tratados impostos por essas nações implicavam numa diminuição da soberania japoneza, por isso que o obrigavam ao regimen da extraterritorialidade, ao sistema de concessões com jurisdição consular, alem de fixar-lhe as tarifas alfandegarias.

O governo shogunal foi logo accusado de traição e o paiz passou por uma série de perturbações gravíssimas de 1854 a 1860. A principio mostravam-se os japonezes infesos ao novo estado de cousas e inspirados apenas pelo odio ao estrangeiro. Afastavam-se desses e de tudo que lhes pertencesse ou fosse de origem, a ponto de não tocarem nos presentes dados pelos americanos; entre os objectos offertados figuravam muitas armas de guerra que ficaram abandonadas por muito tempo nos porões do palacio imperial. Por outro lado não tardaram a chegar á conclusão de que se adoptassem os costumes e habitos dos estrangeiros, poderiam como estes, obter os mesmos resultados que levaram á prosperidade commercial e industrial os paizes do occidente.

II — O INICIO DA TRANSFORMAÇÃO

Começaram pois, em 1855, a assimilar os costumes desses povos, adaptando-os cuidadosamente ao seu, do mesmo modo por que muitos annos antes haviam copiado e adaptado os dos chinezes. Para isso, crearam escolas para o ensino de linguas estrangeiras; fundaram centros officiaes de aprendizagem dos methodos e processos industriaes e commerciaes e cursos officiaes de traducção de todas as publicações e livros que pudessem interessar o Estado e o povo. Procuraram apprehender a cultura occidental e os ensinamentos praticos e objectivos concernentes á vida commercial e industrial que ali se iniciava. Relegaram para plano secundario as leis sobre a proibição de sahida do paiz. Foram nesse particular um pouco mais alem, pois utilizando-se clandestinamente dos navios estrangeiros surtos nos seus portos, abandonavam o Japão em busca dos centros europeus, principalmente dos ingleses, onde pudessem haurir conhecimentos praticos da vida, estudar os costumes, as sciencias e o regimen industrial desse povo.

Ao retornarem ao Japão estavam modificados; tornaram-se adversarios da ordem politica-social então reinante, a que accusavam de causadora do atraso em que o paiz se encontrava. Iniciaram logo a propaganda de um Japão novo. Todos os que se achavam em condições de sahir do paiz, o abandonavam temporariamente á cata do saber e de um banho de civilização.

O governo não se alheiou a essa nova situação; ao contrario, começou a comprehendel-a, acabando por transigir em tudo que foi possivel. Revogou a lei prohibitoria de sahida dos japoneses. Foi mesmo ao encontro dos anseios do povo, enviando em 1860, á Europa, para estudar tudo que interessasse o paiz, uma primeira missão, cujos membros mais tarde prestariam relevantes serviços em todos os ramos da actividade publica.

Apesar de tudo, o espirito de reacção contra os novos costumes e os estrangeiros não estava amortecido; numerosos homicídios e violencias foram commettidos. Os praticados contra os ingleses geraram tal effervescencia que a legação ingleza foi incendiada em 1862. A resposta da Inglaterra não se fez esperar e em 1863 mandava por uma grande esquadra um ultimatum. O imperador tomou o partido dos nacionalistas e ordenou a resistencia ao estrangeiro. Os daimyos de Nagata e Satsuma, os mais poderosos de então, reagiram contra os navios estrangeiros. O resultado de tudo foi o bombardeio de Kagoshima (Satsuma) pelos ingleses

e logo depois o forçamento de Shimonoseki por uma frota Mixta (francezes, americanos, hollandezes e inglezes). Os japonezes foram duramente castigados e dahi se convencerem de que não podiam proseguir na trilha que traçara o seu governo com relação ao mundo exterior.

Entrementes travou-se uma lucta interna entre os tradicionais-partidarios do velho Japão e os reformistas que desejavam impôr o regimen imperial unitario e abrir o paiz á civilização occidental. Ambos disputaram o poder, terminando por este ultimo levar a melhor. Apesar desta victoria, os bombardeios de Shimonozeki e Kagoshina deram novo alento ao partido tradicionalista, que dessa forma continuava a alimentar a xenophobia, bem como a manter o feudalismo.

O partido reformista ou imperial não se deu por vencido, continuou na propaganda do novo regimen.

Em 1866 as clans bellicosas e disciplinadas de Nagato e Sutsuma, influenciadas pelos patriotas, armaram-se á europeia, revoltaram-se e bateram as forças de Shogun. Este morreu no anno seguinte e em 1868 o ultimo imperador xenófobo, Komei, o principal sustentatucu do velho regimen japonez e responsável de todo o mal-estar ali reinante.

Substituiu-lhe no poder o seu filho Matsuhiro — o illustre Meiji — que pelos seus serviços como vamos ver, coube transformar o Japão em uma nação moderna.

Este grande homem de estado sacudiu o paiz daquelle torpor que durava séculos. Auxiliado pelas clans de Satsuma, Nagato, Hizem e Tosa annullou o poder feudal e suprimiu o shogunato que já durava 7 séculos. Com o auxilio do Exercito de Saigo Takamori (Samurai, Satsuma) venceu os partidarios da familia Tokugawa, uma das unicas partidarias acerimas do velho regimen.

Em fins de 1868 o partido imperial estava victorioso e de posse de toda a linha principal e assim tambem restabelecida a autoridade imperial directa.

A transformação politica e social operada com a suppressão do regimen feudal e a abolição do shogunato não foi obra de um momento, durou alguns annos. Longas e habeis negociações foram necessárias para despojar os daïmyos e samurais de seus privilégios antigos. Finalmente em 1871 ou 1873 convenceram-se da necessidade e num espirito de renuncia os 270 daïmyos (tal era a sua quantidade) doaram seus dominios ao Estado. Seus direitos, regalias antigas foram trocados por compensações pecuniarias e a

outorga de privilegios politicos e economicos de nova natureza. Muitos delles foram até aproveitados para conselheiros privados e publicos do imperador. De resto, tanto os Nagata como os Satsuma deram ao paiz homens notabilissimos.

Não se diga porém que esse estado de cousas ocorreu suavemente, lá como em toda parte houve tambem a ambição e o interesse pessoal. Alguns pseudo idealistas auxiliaram a restauração do poder imperial com o fito de logo depois restabelecerem as velhas tradições do shogunato. Entre estes ha a notar Saigo Takamori que se retirou da corte para Kagoshima onde fundou uma Escola Militar. Em 1877 revoltou-se e só difficilmente foi vencido após 21 dias de heroica resistencia em Shiroyama. Seus companheiros de lucta que se mostraram menos turbulentos, exerceram grande influencia no Governo de Mutsuhito.

Mutsuhito transferio a Capital para Tokio e concorreu grandemente entre 1874 e 1889 para formar as bases do liberalismo japonez, dotando tambem o paiz de uma Constituição.

III — O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO

Homem de grande visão, comprehendeu logo ao assumir o poder que com isto estavam dados os primeiros passos para um futuro melhor. Não seria com simples leis ou decretos que elle conseguiria modificar o paiz como do seu desejo, nem transformar a nação semi-barbara numa outra que marchasse ao lado das mais progressistas do occidente.

A tarefa a que se propôz era séria e espinhosa; o seu lema era não estacionar. Comprehendeu desde logo que o primeiro escolho a vencer consistia na modificação da mentalidade de seu povo. Só assim este seria capaz de receber sem choque a transformação de que elle era o timoneiro. Tratava-se, portanto, antes de tudo, de transformar as forças moraes do paiz. Tornal-o capaz de acatar e cooperar no programma que traçára, cuja execução faria do Japão velho uma nação moderna, erigida nos mesmos fundamentos que fizeram a grandeza das potencias de hoje.

O primeiro passo para a consecução desse desideratum consistia em "**instruir e reeducar no menor tempo e a todo o custo o povo japonez**", para dessa forma tornal-o apto a receber e assimilar tudo que concorresse para a grandeza do paiz. A tarefa a que se impoz Muthuhito foi secundada com extraordinaria tenacidade pelo povo.

As consequencias ahi estão. Em 68 annos, o Japão arrancado de uma semi-barbarie, transformou-se no que é hoje, uma potencia sob qualquer aspecto. Realizou uma mudança tão digna de ser apontada, como imitada, comprovando de forma irretorquível de que si, sociologicamente pôde haver raças superiores, no ponto de vista anthropologico, é o caso japonez, isso nem sempre é verdadeiro. Na raça a que se allude, producto de tres outras, o seu sangue está muito longe de ser considerado nobre. Esbora-se pois, parcialmente a theoria racista segundo a qual ás raças nobres estão destinadas a vanguarda da civilização.

A instrucção rationalmente diffundida por todas as camadas sociaes, constitui não só a primeira directriz de Governo de Mutsuhito, como o factor principal da transformação por que passou o Japão. A esse respeito, cabe citar o seu primeiro manifesto á nação, onde muito bem se deprehende a importancia que elle dava ao problema educacional de seu povo, a viga mestra que urgia fixar para só depois, então, tratar de outros assumptos de importancia para o governo. Desse manifesto é bom assignalar o seguinte:

"Cultivae as sciencias e as artes para desenvolver as vossas faculdades e aperfeiçoar os vossos dótes moraes".

Não satisfeito com isto, decreta e impõe successivamente:

- 1." que o saher seja procurado no mundo inteiro para assegurar a propriedade do Imperio;
- 2." que a instrucção seja disseminada de tal sorte que não reste em nenhuma aldeia uma só familia ignorante, e em nenhuma desta um só membro ignorante, sem distincão de sexo ou de classe;
- 3." que a cada pae, ou irmão mais velho cabe o dever imperioso de administrar o ensino aos seus filhos ou irmãos mais moços, incutindo-lhes que o saber é o capital indispensavel para que prospere e se eleve;
- 4." que os que erram ou vivem sem tecto, arruidados e famintos só chegam a tal extremo por falta de instrucção.

Esta tem sido a directriz principal do Japão, tão bem seguida annos a fio por governantes e governados.

Actualmente aquelle paiz pôde informar-se de ter a formidavel cifra de 99 ½ % de sua população alphabetizada.

A nossa Constituição de 1934 legisla muito sabiamente sobre a educação do povo. Infelizmente até agora pouco se tem feito a tal respeito. E' necessario apenas que sua letra seja cumprida

pelos governantes e comprehendida pelos governados, afim de que, nos aperfeiçoemos moral e materialmente, possamos dest'arte melhorar as nossas condições de existencia, sentir que somos cada vez mais brasileiros e nacionalistas e annullemos, dentro do mais breve prazo, de grande parte de nosso povo a ignorancia, factor de todas as miserias e males que desolam a nossa sociedade.

IV — O SURTO INDUSTRIAL E ECONOMICO

Uma vez conseguido o alicerce em que se basearia todo o edificio japonez, surgiu a Mutsuhito outro problema igualmente importante, mas cuja solução dependia do primeiro. O novo problema era o seguinte:

"Como resolver a situação económica de seu povo, habitando um territorio exiguo, agricolalemente pouco produtivo e sem a quantidade necessaria de materias primas, principalmente ferro e carvão, com que fazer face, economicamente, ao custeio de sua subsistencia e do progresso do paiz".

Com effeito, logo apôs a abertura dos portos, o Japão comprehendeu que para livrar-se da sujeição exterior, deixar de ser um paiz semi-colonial, era preciso ler pela mesma cartilha em que liam os paizes estrangeiros; imitar-lhe a escola; applicar-lhes os processos e methodos; igualal-os e si necessário fosse, superar-lhos. Uma série de factores naturaes e intrinsecos reagiam, porém, contra isso. Paiz de sólo hostil sob todos os aspectos, com 17% apenas da área cultivavel, não lhe seria possível erigir sua economia lançando mão da agricultura, nem da actividade pastoril ou da exportação de materias primas, aliás, insuficientes ás suas necessidades.

Mais tarde, esses mesmos factores que actuaram no inicio da sua transformação, reagirão de novo e servirão para explicar e talvez mesmo justificar sociologicamente a expansão japoneza para o Coréa, Ilha Formosa, Mandchúria, etc. Com um territorio assaz pequeno para conter uma população que cresce desde 1868, o Japão está hoje superpovoado.

Para esse excesso, elle tem procurado collocal-o ao N. da Australia; na America do Norte e, hoje em dia, na Mandchuria e na America do Sul.

Nesta parte do Continente americano, principalmente no Perú e Brasil já se notam tentativas de enkistamento de nucleos japonezes que si não forem desde já olhados pelas autoridades com-

petentes que os compillam mediante sabias medidas á assimilação aos nossos costumes e indole, poderão mais tarde transformar-se em zonas de influencia e occasionar uma série de aborrecimentos para nós. Cumpre que não percamos de vista esse fato e objectivamente annulemos qualquer velleidade a esse respeito.

Volvamos porém ao nosso assumpto. A despeito da difficultade que apresentava a solução do problema economico, de importancia capital para a vida do seu povo e a independencia financeira do paiz, o imperador Mutsuhito, pondo á margem a carencia de materias primas que caracterisa o sólo japonez, proclamou como segunda norma de governo: "Erigir-se o Japão moderno esteiado na industria". E por esse meio, estava certo de que desobrigaria o paiz dentro de pouco tempo da tutella dos capitaes estrangeiros.

Muitos factores extrinsecos concorreram para o seu rapido progresso industrial. Dentre elles, um diz respeito ao facto de as industrias japonezas se haverem iniciado cerca de um século apóis o seu aparecimento na Europa; facto este do qual resultou a applicação de processos industriaes já sancionados pela practica, escoimados portanto daquellas tentativas que tantos dissabores e decepções causaram ás industrias na Europa e Estados Unidos. O outro, relaciona-se com a avidez com que as nações industriaes procuraram pôr á disposição do Japão, com intenções de ganho, machinas, especialistas, operarios technicos e tudo mais que interessasse á criação de novas fabricas.

Ao lado de tudo isto, muito concorreu para o progresso industrial a indole da população. Povo sujeito aos mais terríveis cataclysmas e em lucta constante contra seu sólo hostil, habitou-se a obedecer, a considerar sempre o interesse collectivo e o do Estado acima do particular. Adquiriu, dessa forma, marcadas qualidades de abnegação, ordem, disciplina que o tornou e o torna um instrumento docil e apto a aprehender tudo que lhe foi ensinado pelos seus mestres europeus ou americanos.

Não se tratava porém só de crear as industrias; tornava-se mistér impulsional-as para que igualassem ou mesmo superassem suas similares estrangeiras. Para isso, os dirigentes do Japão enviaram aos centros industriaes europeus e americanos na qualidade de observadores ou operarios todos que pudessem mais tarde, quando de volta, prestar seu concurso efficiente e productivo á nação. Por outro lado impunha-se ainda evitar o dispendio inutil de energias, deixando que cada um tomasse uma directriz diver-

gente que não correspondesse aos interesses do Estado. E assim teria acontecido, si desde logo não houvessem sido tomadas medidas acauteladoras, tendentes a racionalizar a industria e os trabalhos correactos incipientes, consoantes os interesses vitaes do paiz e do povo.

A esse resultado chegaram observando que os operarios, especialistas e technicos estrangeiros para lá enviados eram individualistas, não tinham outro interesse senão o de sua pessoa. Trabalhavam, é verdade, mas pouco produziam, pois, em geral estavam aferrados á mesma rotina que caracterizava os seus paizes de origem. Desobrigavam-se de suas tarefas, mas sem outros objectivos que o ganha pão ou a ansia de melhorar suas condições economicas particulares.

Não seguiam nenhuma orientação e seu trabalho não tinha programma preestabelecido, o que acarretava esforços desordenados e resultados pouco compensadores para o paiz.

Para evitar aquelles exemplos que absolutamente não serviam aos interesses nacionaes, urgia educar seus operarios, empreiteiros, especialistas e technicos numa outra escola differente da europeia, onde a industria era obra exclusiva dos capitalistas empreiteiros, que alem de se ignorarem uns aos outros, desconheciam por completo os interesses do Estado.

V — A ECONOMIA DIRIGIDA

Dessa forma, afim de que fosse possivel tirar o resultado de que carecia, havia necessidade de o Japão nada deixar ao acaso, nem á simples iniciativas privadas que não consultasse directamente os interesses do povo e do Estado. Para isso, teve de estudar, examinar, comparar, comprar e distribuir a producção de que precisava para tornar-se economicamente independente. Teve enfim, de dirigir toda a sua economia através de departamentos publicos adredes. Organizou então uma Comissão de Plano constituida de conselheiros do imperador e destinada a estudar as necessidades do paiz, suas possibilidades e os recursos de que precisava. Dest'arte coube ao Japão, nesses últimos tempos, a primazia de uma organização controladora da economia nacional.

A economia dirigida constitue pois a terceira norma do Governo de Mutsuhito. Por ella, o Estado dirige e orienta toda a producção e todas as actividades.

O progresso industrial japonez, é pois a resultante do facto de haver sido sua industrialização emprehendida segundo um plano emanado e executado pelo governo.

O Estado tudo controla; até para a aprendizagem dos methodos occidentaes as cousas ali se passaram de modo differente.

Em quanto os paizes occidentaes deixavam á iniciativa privada o estudo "in loco" das cousas estrangeiras, o Japão enviaava á Europa, á sua custa, o pessoal necessario, impondo-lhe as directrizes que lhe convinham, calcadas nos interesses do Estado. Dessa forma, todos os enviados á Europa, dirigiam-se por um só cerebro e tinham sempre como objectivo trabalhar, pesquisar e aprender para beneficio de sua patria.

O resultado não se fez esperar, a industria japoneza desde o seu inicio tornou-se internacional, ao contrario da europeia que antes disso permaneceu cerca de um seculo puramente nacional. Um outro factor do progresso industrial japonez residio no facto della haver começado applicando logo os methodos e processos já em practica no occidente; lá não houve aquelles periodos de tentativas que tamanhas decepções causaram aos europeus.

Para encorajar a industrialização das provincias, o imperador Mutsuhito tudo facilitou, ordenando o emprestimo ou financiamento da machinaria indispensavel.

De resto, tudo no inicio ficou sob a tutella immediata do Estado. A fiação, a tecelagem, a construcção naval, a fabricação do vidro, do gaz, etc., pertenciam-lhe, mesmo as que eram propriedade dos Satsuma, dos Mitsui e dos senhores de Maebaski e outros aristocratas, unicos que adquiriram anteriormente a practica comercial, estavam sob a sua tutella.

As minas existentes no paiz (carvão, cobre, ferro, etc.) como tambem as vias de communicação a elle pertenciam e hoje pertencem. Foram e são geridas por especialistas que estudaram á custa delle, no estrangeiro o meio de exploral-as e transformar metallurgicamente seus minérios.

Em 1874 construiram a primeira via ferrea de Tokio á Yokoama e o povo começou a utilizar-se em 1878 das viaturas hippomoveis.

O Estado jamais cessou de agir; por isso o parque industrial japonez cada vez mais cresceu de importânciā e tornou-se tambeā mais complicado. Como é natural o periodo de iniciação começou a attingir o fim. Desde que o Estado tinha certeza de que uma industria sob sua tutella podia caminhar sozinha, retirava-se para

aliviar o organismo publico e tambem para ter possibilidades de incrementar outras. Contudo continuava a controlal-a technica e financeiramente, atravez de organizações centraes que alem de tudo tinham a tarefa da compra das materias primas em melhores condições economicas; persuadiam tambem ás emprezas privadas a associarem-se, centralizando seus esforços e rationalizando suas producções.

Em 1895, o Japão accelerou a passagem de suas emprezas para os particulares. Nesse momento, facto curioso ocorreu. O numero de especialistas e de homens dispondos captaes para movimentar qualquer industria de vulto não era grande. De outro lado, o quadro de industriaes e empreiteiros em condições de geril-a ainda era pequeno, já pela falta de capacidade e até mesmo de pendor para essa actividade, como principalmente pela ausencia de captaes necessarios.

O japonez em geral, mostrara-se até então, pouco admirador das qualidades intrinsecas de um bom industrial, como ás da profissão commercial. Sua educação millenaria fizera-o apreciar mais um militar, que para elle continuava a ser um samurai; admirava mais um simples soldado, um artifice, um proprietario rural do que qualquer magnata.

Dessa forma, quando o Estado se retirou da direção de certas emprezas importantes, essas foram ter ás mãos daquellas mesmas familias já riquissimas em 1871 e que se haviam já iniciado, sob as suas custas, em certos negocios industriaes do paiz antes mesmo do advento da nova éra.

Os monopolios do Estado transformaram-se consequentemente em monopólio dessas familias, as unicas que possuiam os capitais, a experienca e os conhecimentos technicos para levar avante o funcionamento das novas industrias que despontavam. As cousas correram normalmente e em pouco tempo tudo estava entrozado e em franco funcionamento.

Por outro lado, essas mesmas familias diferenciaram-se e hoje sómente duas dellas, as de Mutsui e Mitubishi são proprietarias de quasi tudo no Japão.

Tal estado de cousas acarretou modificaçao na base moral da economia, que passou assim do governo para a mão de particulares. Nem por isso porem houve ali solução de continuidade nos methodos economicos adoptados por Mutsuhito; pois a economia continuou a ser "dirigida" como tinha sido anteriormente. A politica economica desses magnatas é a mesma do Estado porque

embora tenham a direcção de quasi todas as industrias, dos bancos, das vias de communicação, etc. proseguem nas tradições de sâo patriotismo que os levam a ser nacionalistas antes de tudo para só depois se considerarem capitalistas internacionaes.

Dirigem suas empresas e fabricas consoante ás necessidades do Estado que continua a controlar tudo. Jamais elles procuram auferir lucros em detimentos dos interesses nacionaes, como tambem não entram em confabulações com os inimigos de sua patria. De mais a mais quando o seu modo de agir prejudica os interesses nacionaes, o Estado intervém logo para repor, como lhe convem, as cousas nos seus justos logares.

Da applicação systematica e encadeada da economia dirigida, pôde ufanar-se o Japão de ter conseguido em 70 annos um surto formidavel. A Grande Guerra muito concorreu para isso; pois elle teve de desenvolver ainda mais sua industria, para satisfazer os aliados que lhe solicitavam constantemente toda sorte de artigos manufacturados ou de fabricação exclusiva. Assim a industria japoneza tomou em 1915 novo rumo. Racionalizou-se ainda mais, corrigiu seus proprios erros, defeitos ou deficiencias; renovou sua machinaria; reformou todo o seu equipamento fabril; centralizou ainda mais o seu organismo economico, coordenando melhor a producção por meio de trusts, fusões, associações, cooperativas e incorporações, graças ao reforço de capitaes lá chegados. Iniciou-se tambem na industria chimica que lhe faltava.

Essa, em pouco tempo tomou incremento tal, que já em 1934 suppria 84% das necessidades do paiz em colorantes, adubos, potassa, sodas e artigos correlactos. E o paiz ficou tambem em condições de fabricar os gazes de combate de que necessitar.

A industria mecanica tomou igualmente novo incremento, afim de ver-se livre da estrangeira; hoje conseguiu attingir o seu objetivo. Tem capacidade para apparelhar todo o paiz, como prover em melhores condições a China, as Indias, a Africa, os Balkans e até o Brasil, onde iniciou seria concorrencia ás outras nações industriaes exportadoras.

VI — A INDUSTRIA MILITAR

Povo habituado a narrar o valor de seus guerreiros e a citar os feitos de seus samurais, não quiz após a revolução de 1868 ficar na dependencia de outros no que concernia ás fabricações de guerra e á construcção naval.

Comprehendeu logo que para enfrentar os demais, tinha de abandonar os velhos processos de combate baseados até 1868 no emprego exclusivo das armas brancas, que manejavam com extraordinaria dextereza. Tratou pois de combate á europeia, pondo á margem a partir da chegada, pela segunda vez do comodoro Perry, os seus magnificos sabres samurais; os kombos, especie de bastão de ferro e madeira e os magnatas, faca de punho longo, que até hoje, continuam a ser usados pelo seu exercito, como tradição.

As fabricações de guerra iniciaram-se em 1877, época da ultima revolta do Japão velho contra o novo. Tres annos mais tarde o Major Murato Tsuneyoshi inventou um fuzil tão bom quanto qualquer similar francez, allemão ou inglez. Immediatamente o Estado creou uma fabrica de fuzis que são pouco depois vendidos em todo o Oriente.

Até 1904, a industria dos armamentos ficou nas mãos do Estado que designava para dirigir-a officiaes de tradição samurai. Em 1905 a Guerra com a Russia, obrigou-o a permittir a creaçao de uma usina privada, cujas acções foram em grande parte compradas por magnatas ingleses (Vickers, etc.). Com a guerra 1914-1918 a situação melhorou e as fabricações de guerra ultrapassaram todas as outras.

O Japão tornou-se um potentissimo productor de armas para todo o mundo. Com a terminação da conflagração mundial, as cousas nesse particular iriam mal se não fosse a China em constante agitação e por isso mesmo consumindo cerca de 37 % dos armamentos que o Japão fabrica. De mais o Japão procura sempre soccorrel-a em material ou mesmo fazer-lhe a guerra que continua para elle, a ser uma obra heroica, uma causa pura e divina que só os povos, como elle, heroicos e nobres, podem sustentar. Por isso, o exercito japonez é modelar e cada official é antes de tudo um samurai.

A construcção naval seguiu as mesmas pegadas. Todas as leis e decretos promulgados a partir de 1870 incentivaram sua creaçao. O Estado interveio, mandando á Inglaterra commissões de estudos de que fez parte, na primeira, um joven cheio de ardor e que mais tarde assinalaria na batalha de Tsushima, a unica decisiva nos mares nesses ultimos tempos, commandando a esquadra japoneza.

Esse joven foi Togo. Estudou e apprehendeu no Collegio Naval de Greenwich, o mesmo onde se iniciára na doutrina da guerra naval, um seculo antes, o famoso Almirante Nelson.

A construcçao naval de commercio desenvolveu-se rapidamente a partir de 1904. De 1918 a 1922 o Japão modernisou toda a frota em trâfego, que se compunha de cerca de 1.100 unidades com mais de 1000 toneladas. Hoje em dia a tonelagem é de 4 milhões de tns. brutas representando uma renda de 120 milhões de yens, com graves riscos para os Estados Unidos e Inglaterra que não vêm com muito bons olhos esse desenvolvimento.

A frota de guerra japoneza que tanto se notabilizou na guerra Russo-Japoneza começou a aparecer em 1896, quando dispunha de 32.300 tns. apenas de couraçados, todos construídos no estrangeiro. Em 1933, a esquadra tinha 161 unidades, representando um valor 26 vezes maior e toda ella fundida e construída exclusivamente nos estaleiros nacionaes.

Para que se tenha uma idéa mais nitida do que seja o progresso industrial japonez basta o seguinte quadro elucidativo sobre a confecção de machinas (tirado de uma estatística sobre o Japão):

Discriminação das machinas	1931	1932	1933
Machinaria de fiação e tecidos . . .	5.156	3.650	4.878
Machinas electricas e diversas . . .	2.686	1.414	2.724
Machinas de impressão	248	371	902
Bombas diversas	351	344	909
Caldeiras	408	343	577
Machinas para trabalhos de metaes e madeiras	209	216	566
Machinas diversas	4.569	4.601	15.301
	13.637	10.939	25.857

REPARTIÇÃO DAS USINAS E FABRICAS JAPONEZAS

PRINCIPAES INDUSTRIAS	Pequena		Média		Grande	
	Fabricas	Operarios	Fabricas	Operarios	Fabricas	Operarios
Fiação e tecidos . . .	16.474	234.600	1.205	255.000	362	482.000
Siderurgia e metal- lurgica . . .	3.184	49.000	85	21.000	14	42.000
Mechanica e appa- relhamento . . .	4.146	72.000	198	47.000	69	152.000
Ceramica . . .	2.486	40.000	76	18.000	14	14.000
Industria chimica . .	2.383	56.000	189	43.000	30	29.000
Madeiras e serrarias	3.737	53.000	38	6.000	6	—
Industria de livro .	2.190	41.000	66	12.000	6	7.000
Productos alimenticios	10.203	138.000	97	22.000	30	31.000
Electricidade e gaz	377	7.000	16	3.000	—	—
Diversos	4.137	69.000	75	15.000	—	10.000
Total	49.317	849.000	2.045	442.000	525	767.000

Nota — Grande industria — a que emprega no minimo 500 operarios. — Media, a que tem de 100 a 500. — Pequena, a que occupa de 10 a 100 operarios.

VI — CONCLUSÃO

O Japão no estado de progresso que attingiu, com uma população que cresce assustadoramente anno a anno para um território assás pequeno e com carencias de recursos naturaes, procura como uma lei sociologica fatal, estender-se para o Sul e para Leste (Australia e America); a falta de materias primas e o receio da Russia o impulsionam para o Norte e para Oeste (Mandchuria e China) ao mesmo tempo que o progresso e a producção espantosos de suas industrias, desenvolvidas muito rapidamente, o forçam a conquistar o mercado mundial, como vem fazendo intelligentemente e sobretudo com muita tenacidade. Cabe então aos paizes que sof-

frem a sua concorrencia se defendarem, antepondo á sua politica imperialista e economica os meios necessarios á infiltração de sua influencia.

"Eis pois relatados em breves linhas os principaes factores " "que fizeram de uma nação semi-barbara ha 70 annos, uma das " "mais importantes do mundo contemporaneo. Oxalá que, seguin- " "do racionalmente tão salutares exemplos, possa o nosso ex- " "tremado Brasil em pouco tempo desfructar em toda a Terra, " "papel igual."

Livros á venda na «A Defesa Nacional»

MANUAL DO OFFICIAL ORIENTADOR DE ARTILHARIA E.

M. E., 1. ^º Fasciculo	3\$000
--	--------

NOTS S/ EMPREGO DA ARTILHARIA, Major <i>Ignacio Verissimo</i> .	10\$000
---	---------

TIRO INDIRECTO DE METRALHADORAS, Cap. <i>Eduardo Campello</i>	2\$000
---	--------

A SECÇÃO DO COMMANDO NO BTL. Cap. <i>Delmiro de Andrade</i> .	8\$000
---	--------

ELOGIO DE CAXIAS, Gral. <i>Góes Monteiro</i>	2\$000
--	--------

PREPARAÇÃO E MACHINISMO DO TIRO	6\$000
---	--------

FORMULARIO DO CONTADOR — Ten. <i>José Salles</i>	4\$000
--	--------

CADERNETAS DE ORDENS E PARTES (blacos supplementares 2\$000)	8\$000
---	--------

INDICADOR ALPHABETICO — Sub. Ten. <i>Odilon Braga</i> . . .	4\$500
---	--------

REGULAMENTO DE EDUCAÇÃO PHYSICA — 3. ^a parte	8\$000
1. ^a parte, no prélo	8\$000

REG. N. ^o 3 (Administração) Ten. <i>Aristarco G. Siqueira</i>	7\$000
--	--------

ANNUARIO MILITAR DO BRASIL, 1934	15\$000
--	---------

ANNUARIO MILITAR DO BRASIL, 1935	15\$000
--	---------

R. S. C. (reedição de 1936)	6\$000
---------------------------------------	--------

R. T. A. P. (reedição de 1936) 1. ^a parte	4\$000
--	--------

SEÇÃO DE INFANTARIA

Redactor: FLORIANO BRAYNER
Auxiliares: BAPTISTA DE MATTOS
MANOEL GUEDES

O batalhão na defensiva

Thema: Major F. Brayner

Solução: Cap. A. Maggessi.

(CONTINUAÇÃO DO N.º 271)

I — SOLUÇÃO

O presente caso concreto tem por fim o estudo de um Batalhão na defensiva.

A decisão do Commando Vermelho, tomada temporariamente devido ao mau estado e pequeno rendimento das comunicações, além das destruições executadas pelos azuis; — as informações relativas aos grossos inimigos e à Cavalaria, os quais na tarde de 29 de Abril alcançaram regiões respectivamente, a 23 e 16 quilômetros E. de REZENDE; finalmente, o facto da Cavalaria Vermelha já estar em contacto com a dita inimiga na linha geral: JOAQUIM LEITE-FLORIANO-ESPIRITO SANTO e, também das Vanguardas da 1.ª D. I. guardarem a linha: M.º DO QUEIMA PITO-BULHÕES, fazem concluir desde logo, — embora o inimigo não possa ser considerado longe, — consistir o problema em curso, no caso de um Regimento podendo organizar sua defesa sob eficiente cobertura (protecção):

- da Cavalaria;
- de uma das Vgs. da 1.ª D. I.

Em synthese, a situação se CARACTERIZA para o R. I. e subsequentemente para os Btls., numa defensiva temporaria, porém typica, completa.

II — MÉTODO DE TRABALHO

UMA SOLUÇÃO DO THEMA

Qual o trabalho imposto pelo tema?

- 1.º — Dizer, objectivando o mais possível, como foram realizados os reconhecimentos dos Cmto. do 1.º R. I. e do I/1.º R. I..
2.º — Redigir a Ordem de Defesa do I/1.º R. I..

Nota — A carta e os calcos acompanharam o numero 271 de Dezembro.

3.^a — Fixar as dotações de munições a realizar na P. R., escalonando-as convenientemente, no interior do quarteirão Norte (I Btl.).

Em corroboração á conclusão do item I, trata-se de facto para o Cmt. do I Btl., de resolver completamente um problema defensivo.

Para tanto, duas phases distintas podem ser a PRIORI encaradas:

1.^a — Trabalho preparatorio na carta;

2.^a — Reconhecimento de 1.^a cathegoria em companhia do Cel. do 1.^o R. I.; Reconhecimento da 2.^a categoria (reconhecimento minucioso do terreno)tendo junto a si os quadros indispensaveis do Btl.

Sómente depois da applicação cuidadosa e calma de tal methodo de trabalho, poderá elle decidir sobre o estabelecimento do Plano de Fogos, o Dispositivo, a Repartição das Missões, etc., e, finalmente, redigir sua Ordem de Defesa.

A — RESPOSTA AO PRIMEIRO QUESITO DO THEMA:

A 1.^a D. I., na tarde do dia 29 de Abril, quando recebe a missão de installar-se nas alturas a W. do RIO PIRAPITINGA, tem suas tropas na situação seguinte: (Thema).

Vanguardas — (Tropas dos 2.^o e 3.^o R. I.), guardando a linha: M.^o QUEIMA PITÔ-BULHÕES.

— Outras tropas

1.^o R. I. — I Btl. — FAZ. SANTOS DUMONT;

II Btl. — EST. DE MONTA;

E. M. — III Btl. — C. M. R. e Bia. I. — Região da Caixa D'Agua.

Nesse mesmo dia, 29 de Abril ás 20 horas, o Cmt. do 1.^o R. I. recebe em seu P. C. na Caixa D'Agua, a Ordem da D. I.

Devido ao adeantado da hora, o Coronel é forçado a se limitar a um estudo da situação na carta para chegar a conclusões sobre a OCCUPAÇÃO do seu Sub-Sector, a qual, aliás, só será assentada definitivamente, depois do reconhecimento a ser executado no dia seguinte, 30 de Abril, pela manhã.

MAS, IRA' ELLE APROVEITAR A PRIMEIRA PARTE DA NOITE 29/30, SO'MENTE COM ESTE TRABALHO PESSOAL ?

Não.

Logo após o recebimento da Ordem da D. I., com um rapido vislumbre da situação e da sua missão, ordena ao Ajudante para

convocar ao P. C. R. I. ás 21 horas, os commandantes de unidades estacionadas nas vizinhanças da localidade e tambem aos Cmts. dos I e II Btls., cujos estacionamentos estão ligados ao do seu E. M. por meio de boas estradas.

No momento em que os Commandantes subordinados se reúnem em Caixa D'Agua, já o Coronel tem tomado em LINHAS GERAES a sua decisão e lhes faz saber o seguinte:

- Situação.
- Missão da D. I.
- Missão do R. I. — Unidades Vizinhas.
- Limites do S/Sector.
- Definição das posições.
- Dispositivo e Missões previstas para os Btls.
- Cooperação da artilharia.
- Objectivo do reconhecimento para o dia seguinte — Pontos de reunião — Hora de partida — Itinerario inicial.

Os Cmts. de unidade tendo já uma orientação segura sobre a situação tactica e as missões que lhes são impostas, voltam aos seus P. C. afim de, ainda durante a noite 29/30, pois não ha tempo a perder, proceder ao TRABALHO PREPARATORIO NA CARTA: (Este trabalho, no que concerne ao I Btl., será abordado mais adeante).

RECONHECIMENTO DO CORONEL

A posição a organizar achando-se a cerca de 30 kilometros W. da linha attingida pelos grossos inimigos no fim da jornada de 29, pode o Coronel effectuar, sem nenhum impecilho, seu reconhecimento desde ás 05,50 horas do dia 30, utilizando como meio de transporte, seja o cavallo, seja algum automovel de que dispuser na occasião.

Seu sequito nesse momento será constituído pelos Cmts. da C. M. R., Bia I., Officiaes de Informações e de Transmissões. Ordenanças em numero limitado ao mínimo.

Quanto aos Cmts de Btl., como se trate de ganhar tempo no prepero da posição, resolve não inclui-los desde logo no seu sequito; ao contrario, proporciona-lhes a iniciativa de irem com antecedencia reconhecer os seus quarteirões, devendo todavia, após os mesmos, aguardarem encontro nos locaes e ás horas abaixo:

- a) Cmt. do I Btl. — Casa no espião S. E. do M.^o SURDO ás 07,30 horas.
- b) Cmt. do II Btl. — M.^o FRIO ás 08,30 horas.

c) Cmt. do III Btl. — M.^o do MEIO ás 09,00 horas.

Antes de partir, será de bom alvitre o Cel. enviar o 2.^o Ten. Cmt. do Pel. Escl. M. acompanhado de uma patrulha de esclarecedores montados, pequeno effectivo, até o M.^o do QUEIMA PI-TO afim de estabelecer contacto com a Vg e obter informações complementares sobre a situação.

O RECONHECIMENTO DO TERRENO, terá em duplo fim: (R. E. C. I — 2.^a Parte — 266 — 267).

- 1 — constatar por onde o inimigo poderá avançar, se atacar;
- 2 — concluir sobre a melhor maneira de ocupar o terreno da defesa pelo R. I.

Para se satisfazer o fim acima, tratar-se-á em linhas geraes de reconhecer:

- a) os caminhamentos ou eixos cobertos, desenfiados ou não ás vistas, que podem conduzir o atacante á proximidade da posição;
- b) os obstaculos que tolhem seus movimentos e os pontos por onde elle é obrigado ou levado a passar;
- c) as partes do terreno a ocupar para obter vistas e bater efficazmente os itinerarios ou direcções possiveis do ataque;
- d) as facilidades que o terreno offerece para os contra-ataques.

O Cmt. do R. I. com o sequito já determinado, dirige-se rapidamente pela estrada RETIRO-FAZ. DA BARRA-FAZ. DA MANGUEIRA até ás alturas: M.^o DO ARRUDA — Col. a S. E. deste MORRO, as quaes constituem o limite do horizonte visivel da posição que terá de organizar.

Lança um golpe de vista sobre o corte do PIRAPITINGA e verifica que o unico ponto de PASSAGEM IMPORTANTE para o inimigo é a ponte W. da FAZ. DA MANGUEIRA e que as margens do rio são cobertas de matto em quasi toda a frente confiada ao R. I.

Dois itinerarios, sendo um do Norte e outro de E. vão se entroncar nesta Faz. — Caminhos secundarios ligam RAYMUNDO á FAZ. O terreno a E. do PIRAPITINGA até a FAZ se caracteriza por uma crista descendo suavemente de N. para S.

Ao Sul da FAZ. DA MANGUEIRA apresenta-se uma baixada mais ou menos limpa de vegetação a não ser nas immediações da FAZ. DA BARRA. Proximo a esta FAZ., ha uma pista que vêm

ter ao cotovelo do PIRAPITINGA, indicando a possibilidade de passagem pelo menos com meios de fortuna.

Alongando a vista para W. na margem direita do PIRAPITINGA observa que o terreno começa a se elevar de maneira quasi imperceptivel até os pés das encostas do M.^o do SURDO-M.^o da ARVORE GRANDE, para d'ahi em aclice gradativamente mais forte ir limitar o horizonte pela linha geral: GRANDE MATTO-CAPUCHO-MEIO-FRIO-ARVORE GRANDE.

O Cel. desce até a FAZ. MANGUEIRA; passa na ponte, indo até cerca de 300 metros a W. da mesma.

Entra desta vez no quarteirão do I Btl., com os demais quadros do R. I.; detém-se por poucos minutos em ALONSO onde lhe vêm as primeiras conclusões:

— a não ser nas proximidades imediatas do leito do PIRAPITINGA, todos os movimentos do inimigo serão vistos das alturas a W. que dominam um terreno de declive uniforme e descoberto;

— o rio PIRAPITINGA constitue obstáculo certo aos movimentos do inimigo que afinal só contará com uma boa passagem;

— a FAZ. MANGUEIRA;

— o rio PARAHYBA com mais forte razão será de mui difícil travessia para o inimigo, uma vez conseguida a travessia do PIRAPITINGA, haverá maior interesse e vantagem em se apoderar do saliente S.W. de SURDO e ulteriormente dos M.^o DO MEIO e da ARVORE GRANDE, como pontos sensíveis da posição Vermelha.

Emfim, o Cel. vai até SURDO, reconhece com o Cmt. Btl. a zona limitrophe com o 2.^o R. I. ao N. volta pelo caminho que baliza a L. P. R.; sobe ao M.^o DO CAPUCHO, faz um giro de horizonte, observa as imediações: orlas do GRANDE MATTO — M.^o do Sul — M.^o D MEIO — M.^o FRIO e termina por acompanhar com a vista o modelado do terreno até o horizonte visível a E. Segue, depois pela pista sobre a linha de crista M.^o DO MEIO — M.^o FRIO; para neste ultimo, observa, recebe a apresentação do Cmt. Btl e vai, de acordo com o método estabelecido, até M.^o ARVORE GRANDE. É claro que durante este trajecto os Cmts. de Btl., C. M. R. e Off. de Informações têm tomado suas notas sobre Observatórios. P. C., possibilidades no estabelecimento do Plano de Fogos, Dispositivos, Trabalhos, etc.

O Cel. finda o seu reconhecimento na zona onde passa a L. D., tendo junto a si os elementos do R. I. e o Cmt. do III Btl. com

quem se encontra previamente no M.^o DO MEIO e assenta as condições de cumprir sua missão e de executar um contra ataque seja sobre M.^o do CAPUCHO, seja sobre M.^o ARVORE GRANDE (Desnecessario dissertar por mais tempo nestes assumpto que já está resolvido).

De posse de todos os elementos da situação tactica, o Cel. volta ao P. C. e toma emfim a sua Decisão, que é traduzida em summa pela Ordem de Defesa constante do Thema.

E' admissivel que ao deixar o Major do I Btl. depois do reconhecimento, cerca das 08,30 horas, o Coronel lhe tenha dito que dentro de uma hora e meia lhe dará os elementos essenciaes e definitivos da ordem de defesa e que será de toda conveniencia o pre paro das proposições sobre organização do quarteirão, visto como ha certa urgencia em se ter prompta a organização defensiva da posição.

O Major fica desde logo ao par da intenção do Cel. e tem uma impressão esclarecida do terreno que lhe é confiado, com declive suave até o PIRAPITINGA, descoberto e se prestando ao emprego das armas automaticas.

TRABALHO PREPARATORIO DO CMT. BTL.

Antes de acompanharmos o Cmt. do I Btl. no reconhecimento do quarteirão que lhe confiou o Coronel, vamos vêr como se comporta elle, de volta ao seu P. C., na FAZ SANTOS DUMONT, durante a 1.^a parte da noite 29/30.

Não ha duvida que se trata de RACIOCINAR tendo em vista fazer o reconhecimento do dia seguinte com ideias approximadas do que pôde ser o terreno na realidade e, grosso modo, do dispositivo a tomar.

Ordena ao Ajudante para providenciar sobre a convocação dos Cmts. subordinados (Cmts. de Cia. Fuzs. C. M. B., Sec. Bia. Inf.) no P. C. em Santos Dumont ás 22,30 horas do dia 29, afim de lhes comunicar o ambiente (situação) e lhes dar ordem de reconhecimento para o dia 30 de manhã.

QUAES OS ELEMENTOS DISPONIVEIS PARA TAL ESTUDO?

— As notas resultantes da exposição verbal feita pelo Coronel em seu P. C. de FAZ. CAIXA D'AGUA;

A carta de REZENDE — 1/20.000. Uma carta propria e rara em casos desta natureza.

— Uma observação preliminar pôde ser feita com relação á imprecisão a que, sómente com os elementos acima estará sujeito o Major com o seu raciocínio.

Com efeito, sem dispor siquer de uma ordem, taxativa do Cel., sem mesmo ter visto e estudado o terreno da acção, seria temerario e quiçá erroneo, avançar muito o preparo da installação defensiva de sua unidade. Pois, á proporção que se desce nos escalões das unidades de infantaria, mais preponderam os pormenores do terreno. O Cmt. do I Btl. só poderá assentar utilmente o Plano de Fogos e o Dispositivo de sua unidade, no proprio terreno; ahí, em ultima analyse, elle scientificará aos Cmts. de Cia., os pontos de apoio cuja defesa lhes incumbirá (Doutrina do R. E. C. I. — 2.^a parte — § 266) (Gen. ALLEHAUT — "Le Combat de L'Infanterie" pag. 143); dá ao Cmt. da C. M. B. indicações precisas sobre o modo pelo qual concebe a acção das metralhadoras.

ENTÃO, QUE VAE FAZER NO CASO PRESENTE, O CMT. DO I BTL. ?

Pouca cousa: preparo da carta, medidas, raciocínio tactico simples que constituirá uma base para o reconhecimento do dia seguinte. Eis-o:

1 — AMBIENTE MATERIAL.

— Em fim da jornada de 29 de Abril o Btl acha-se articulado em SANTOS DUMONT.

Está com efectivo e munições completas, embora um pouco fatigado em virtude das operações anteriores.

— Tempo fresco, devido ás fortes chuvas que caíram dois dias antes e agora cessaram por completo.. Amanhece ás 5 horas e anoitece ás 18,30.

— O tempo disponivel para o preparo preliminar da operação de defesa e expedição da ordem é de cerca de 15 horas.

2 — AMBIENTE INTELLECTUAL

Devido ás dificuldades de reabastecimento decorrentes do máo estado das communicações e das destruições feitas pelo inimigo, por algum tempo interrompeu-se o movimento offensivo dos Vermelhos. O Commando resolveu deter-se enquanto realiza o apparelhamento das suas retaguardas.

E' necessario então, ORGANIZAR-SE DEFENSIVAMENTE para estar prompto a parar uma offensiva inimiga que se torna possivel desde o dia 2 de Maio proximo. Embora os preliminares da ocupação devam estar decididos á tarde do dia 30, o Btl. para

cumprir a MISSÃO defensiva nas melhores condições, aproveitará os dias e noites subsequentes no aperfeiçoamento da sua instalação de modo a tirar dos meios disponíveis o maximo partido possível.

QUAES OS CARACTERES ESSENCIAES DA DEFESIVA ?

(Contribuição didactica). O Major PARANHOS já vos disse e nós repetimos aqui.

A posição de Resistencia sendo definida, a manobra defensiva repousa essencialmente:

- num bom emprego dos FOGOS;
- numa cuidadosa organização do TERRENO;
- num jogo rapido das RESERVAS.

1.^o — FOGOS — “A defesa é o fogo que se detem” (R. E. C. I. — 2.^a Parte — § 123).

Dentro desta ideia dominante, o esforço do defensor consiste em organizar, coordenar e ajustar um sistema de fogos successivos e poderosos, que atingirão o inimigo desde longe, e irão aumentando a efficacia á medida que elle se approxime da posição, á frente da qual, finalmente, tomarão o ASPECTO DE UMA BARRAGEM INTRANSPONIVEL. No interior da posição a CONTINUIDADE DOS FOGOS seja tratada tambem com todo o empenho.

2.^o — ORGANIZAÇÃO DO TERRENO

E' logico que a efficacia dos Fogos depende muito da natureza e configuração do terreno.

Trata-se, portanto, de UTILIZAL-O E ORGANIZAL-O, afim de proporcionar á defesa:

- bons observatorios;
- campos de tiro extensos;
- obstaculos para atrazar o inimigo e mantel-o durante o maior tempo sob o fogo da defesa;
- cobertas e abrigos para proteger o defensor contra as vispas e os tiros.

Como não existe terreno ideal, satisfazendo integralmente a todas estas vantagens, a organização surge para modifical-o artificialmente e conseguir ás melhores condições de aproveitamento.

3.^o — JOGO DAS RESERVAS

Durante o combate quando o inimigo consegue destruir ou neutralizar o pessoal da defesa e penetrar na posição, cabe ás reservas a tarefa importante de:

ou CONTRA ATACAR para retomar o terreno;
ou restabelecer a continuidade do fogo.

CONCLUSÃO: — A defensiva é sempre uma situação de carácter preconcebido e passivo; porque, apezar de todas as hypotheses, o inimigo pode atacar por onde não se espera. E assim sendo, o unico meio de remediar tal situação, é o commandante manter-se:

- vigilante e manobreiro;
- protegido por um systema de fogos perfeito;
- com tropas moralmente fortes a ponto de defenderem a todo custo o terreno da acção.

3.º — MISSÃO: — DE QUE SE TRATA ?

Defender o quarteirão N. — linha de deter exclusive — com todos os seus meios e mais 2 Secs. M. R. e 1 Sec. da Bia. I.. Realizar a barragem principal á frente do quarteirão, com o maximo de densidade diante do M.º DO SURDO. Manter a posse do M.º do CAPUCHO e fornecer os P. A. na frente do quarteirão. Esta missão apresenta quatro particularidades interessantes para o Cmt. Btl. :

- 1.º — o Btl. não ocupará a L. D.;
- 2.º — deve ser obtido o maximo de densidade deante do M.º do SURDO;
- 3.º — MANTER a posse do M.º do CAPUCHO;
- 4.º — fornecer os P. A. do quarteirão.

Taes particularidades vão servir de base á continuaçao do raciocinio do Major e influir sensivelmente nas suas decisões.

4) — TERRENO: —

A' priori, o Ajudante ou o official de informações assinalou na carta:

- os limites do quarteirão do Btl.;
 - o traçado approximado das linha principal de resistencia, linha de deter e linha de P. A.;
- De inicio o Major constata que o quarteirão:
- tem approximadamente 1.400 metros de largura, isto é, uma frente relativamente extensa;
 - é dividido no sentido da profundidade por tres ravinas principaes cujas cabeceiras ficam: na MATTA GRANDE; a E. do M.º do SUL; a S. E. do M.º do MEIO. Estas ravinas nada mais são do que os fundos de tres compartimentos de terreno, que deixam de existir quasi na linha da

crista principal: M.^o do NORTE — M.^o do SUL — M.^o do CAPUCHO — M.^o do MEIO — M.^o FRIO;

— tem seus flancos bem apoiados sobre alturas successivas.

Trata-se em seguida para o Major, de saber quais as possibilidades táticas do terreno tanto em relação ao atacante — o inimigo; quanto ao defensor — sua unidade. E' principalmente, como todos sabem, pelo modelado, pelas suas características essenciais: cristas, ravinas, fundos e cobertas, que se poderá imaginar com procedência como provavelmente o inimigo manobrará para conquistar a posição e em consequência quais as medidas a tomar para repelir o ataque.

O terreno adiante da L. P. R. apresenta-se como um grande compartimento limitado a E. pelas alturas do M.^o do ARRUDA, etc. e a W. pela linha de crista principal já definida no quarteirão do Btl.

O fundo deste compartimento é balizado pela PIRAPITINGA que, por estar com seu volume augmentado, constitue um obstáculo de certo valor, normal à direcção de ataque do inimigo.

A E. do Rio, uma estrada que vem do Norte e vai ter á ponte W. da Faz. da MANGUEIRA. Esta estrada percorre a encosta W. de uma crista alongada que fica a cerca de 400 m. do PIRAPITINGA.

A W. do rio, uma larga faixa de terreno, descoberta, com aclive suave e uniforme, até atingir a L. P. R. A S. E. de SURDO, destaca-se um espião que constitue um saliente do quarteirão.

CONCLUSÕES:

1.^o — A E. do PIRAPITINGA:

- bons observatórios para o inimigo nas alturas de M.^o do ARRUDA, etc.;
- locais favoráveis á collocação de bases de fogos, na grande crista logo a E. do Rio, permitindo o tiro por cima das tropas de ataque.

2.^o — A W. do PIRAPITINGA:

- interesse que terá o inimigo em se apoderar em 1.^a urgência do saliente de SURDO e da crista N. desta localidades, onde disporá de uma boa base de partida para progredir depois no interior da posição, efectuando o torneamento da MATTA GRANDE pelo Sul e tendo como direcção geral de ataque: SURDO-CAPUCHO-MEIO;

- campo de tiro extenso e uniforme, permittindo á defesa um bom emprego das armas automaticas, cuja rascancia deve ser aproveitada ao maximo;
- bons observatorios em CAPUCHO-M.^o FRIO e, mais á frente, no mamelão N.W. de SURDO — na orla S. da GRANDE MATTA — na crista do limite S. do quartelão;
- necessidade de contra-atacar o inimigo caso elle consiga tomar o pé em SURDO e, ulteriormente, se apoderar do M.^o do CAPUCHO que figura como a chave da posição do Btl.

Direcções a reconhecer:

- sobre SURDO, partindo da altura ao N.;
- sobre CAPUCHO, partindo do M.^o do SUL pelo collo, para atingir de surpresa o flanco do inimigo.

5) INIMIGO:—

Não ha intervenção immediata do inimigo. Antes de chegar o contacto da Posição de Resistencia, embora opere em seu território, terá elle de vencer uma série consideravel de obstaculos. Em particular os seus grossos que se acham a cerca de 30 kms. da L. P. R., terão para avançar, poucas vias de comunicação; alem disso, haverá transposição de cursos d'agua numa estação de fortes chuvas, manobras preliminares de combate, ajustamento de dispositivo, etc.

As possibilidades do inimigo, serão pois limitadas a movimento e progressão lentas, decorrentes:

- das poucas vias de comunicações;
- da necessidade de repellir a Cavallaria vermelha;
- da transposição de rios, em particular do importante curso do PARAHYBA;
- do engajamento contra as Vgs. da 1.^a D. I. na frente QUEIMA PITÔ-BULHÕES;
- da progressão até as alturas que dominam o PIRAPITINGA logo a E.

Por todas estas razões, na reunião havida anteriormente no P. C. do Cel., chegou-se á conclusão logica de que o contacto com a P. R. só será possível a partir do dia 2 de Maio.

Nada se sabe sobre Aviação. Mas, nas condições actuaes da guerra, é sempre indicado prevenir-se contra a surpresa desastrosa deste moderno meio de guerra cuja potencia de desmoralização senão de destruição, é considerável.

No terreno, por occasião do reconhecimento, o Major assentará com o Cmt. Cia. Mtr. Btl ou das Secs. Mtr. Rtl. quantas Secs. das mais afastadas da L. P. R., serão encarregadas eventualmente da defesa anti-aerea.

6) MEIOS: —

Alem de seus meios organicos, o Btl. conta com 2 Secs. Mtr. do R. I. e 1 Sec. da Bia. I.

Está em condições de cumprir perfeitamente a missão que lhe foi confiada, mesmo numa frente de 1.400 metros. Não consegue, porém, desde logo sobre a sua repartição, porque esta vai depender do reconhecimento do terreno.

O Major está terminando este estudo na carta quando chegam os Cmts. de Sub-unidades convocados ao seu P. C.

Incontinentre, expõe-lhe na carta o seguinte:

- Situação;
- Missão do Btl.: Limites do quarteirão;
- Linhas de defesa: L. P. R. — L. de apoio — L. D. — L.V.
- Conclusões e ideias basicas tiradas do raciocínio ora feito, as quaes serão ou não sancionadas pelas condições do terreno, a serem examinadas *in-loco*, no dia seguinte.

EM SYNTHESE:

— esforço da defesa pronunciado ao N. afim de impedir que o inimigo, apoderando-se de SURDO, possa depois ameaçar M.^o do CAPUCHO;

— confiar cada um dos compartimentos contidos no quarteirão, á ocupação e defesa por elemento constituido;

— deslocamento do Btl. e ocupação da posição, já no dispositivo de defesa, na 2.^a parte da jornada de 30.

Ordem para execução do Reconhecimento — Dia 30 —

PONTO DE REUNIÃO: para todos os Cmts. de Cia. Fzs. —
Bifurcação na encosta W. do Capucho ás 05,00 horas.

SEQUITO DO CMT. Btl.:

Cmt. Cia. de Metr. Btl.;

Off. de Informações;

Cmt. Sec. Mtr. R. I.

Cmt. Sec. Bia I.

Ordenanças — 3.

Partida da Faz. SANTOS DUMONT — 04,30 horas.

Após estas rapidas indicações o Major dá por finda a reunião.

RECONHECIMENTO DO CMT. DO I/1.^o R. I.

O reconhecimento consiste:

- 1.^o — num estudo geral da zona a percorrer pelo inimigo e do quarteirão do Btl.;
- 2.^o — no TRABALHO MATERIAL DE ORGANISACÃO.

Para executar este ultimo, o primeiro cuidado do Cmt. Btl. é estabelecer o Plano de Fogos, acto essencial da defesa. Só depois que este plano tem sido assentado no terreno e materializado por um ou mais croquis ou calcos, elle fixa, em função dos locaes dos principaes órgãos de fogo, o Dispositivo do Btl.

Dentro deste trabalho material de organisação, na parte concernente á ORGANISACÃO do TERRENO, o Cmt. do Btl. determina:

- o traçado do obstaculo, segundo as direcções principaes de tiro e evitando que o mesmo revéle o local das a.a.;
- o traçado do obstaculo, segundo as direcções principaes litar os flanqueamentos;
- o traçado do conjunto das parallelas e sapas de modo a servir ás zonas das Cias. e órgãos de fogo e ligal-as para a retaguarda com o P. C. Btl.

O resultado do reconhecimento, nesta parte, é estabelecido num croquis ao qual se annexam:

- avaliação dos meios para realizar os trabalhos, em homens e dias;
- ordem de urgencia para os trabalhos previstos. Esta ultima, que depende do TERRENO e da SITUAÇÃO, pode

ser:

- 1.^o — Preparo dos locaes de combate (elementos de trincheira profundos e estreitos);
- 2.^o — Preparo dos observatorios;
- 3.^o — Construcção das defesas accessoriais.
- 4.^o — Construcção das SAPAS.
- 5.^o — Construcção das PARALLELAS.
- 6.^o — Construcção dos ABRIGOS.

Segue-se a ORDEM DE EXECUÇÃO, comprehendendo:

ORDEM DE EXECUÇÃO

I — Programma dos trabalhos a executar na ORDEM de URGENCIA já determinada.

II — Missão de cada sub-unidades (em principio cada Cia. é

encarregada dos trabalhos comprehendidos no seu sub-quarteirão.

- III — Repartição pelas sub-unidades dos trabalhadores disponíveis dados ao Btl. (se fôr o caso).
- IV — Repartição dos recursos em ferramentas e material, organização do reaprovisionamento (depositos, meios de transporte, se fôr o caso).
- V — Processos e regime de trabalho (de dia e de noite).
- VI — Determinação precisa do trabalho a executar pelas unidades de per si por DIA ou por DOIS DIAS (1)
- VII — Roteiro para a camuflagem.
- VIII — Roteiro para o disfarce.

Nesta ordem de ideias, abordemos o quadro de reconhecimento do Cmt. Btl.

No dia 30, ás 04,30, elle sae a cavallo de SANTOS DUMONT, passa em RETIRO, de maneira a attingir o M.^o do CAPUCHO ás 05,00 horas. Só é acompanhado pelo sequito determinado na ordem de reconhecimento. Ahi no CAPUCHO, onde se lhe apresentam os Cmts. de Cia. Fuz., procede a um giro de horizonte de forma a se certificar que todos fiquem bem orientados.

Elle assim se expressa aos seus commandados:

"Effectivamente o aspecto geral do terreno corresponde ao estudo que fizemos hontem na carta. Em frente — a E., a linha de alturas do M.^o do ARRUDA limitando o nosso horizonte. Caminhando com a vista para W. vemos a crista alongada que desce para o S. até a Faz. da MANGUEIRA. Na encosta W. dessa crista uma estrada bem nitida que vae ter á ponte W. da Faz. da MANGUEIRA; a seguir o corte do PIRAPITINGA de margens cobertas e algumas plantações, depois uma larga faixa de terreno descoberto, com algumas pistas nas imediações de ALONSO, a clive muito suave e uniforme até as proximidades da L. P. R. do nosso quarteirão que, como sabemos, é nitidamente definida pelo caminho do SURDO. E' nessa faixa, até a margem W. do PIRAPITINGA, que vamos estabelecer a nossa barragem principal. Desde já podemos concluir que, se por um lado o inimigo dispõe de bons observatorios para conduzir sua manobra offensiva, de bons locaes para assentar sua base de fogos iniciaes atirando por cima

(1) Esta ordem é dada diariamente, de vespera. O processo de trabalho POR DIA permite obter a ordem de urgencia determinada pelo Cmt. Btl. Pois elle pôde fixar aos subordinados uma tarefa precisa, facilmente controlavel.

das tropas de ataque, por outro lado, elle não só terá difficultade de passar o PIRAPITINGA nas condições actuaes e sem a ponte, — que o Commando pôde mandar destruir quando fôr opportuno, — como tambem será fortemente batido por fogos efficazes da nossa posição". Passar do agora ao estudo do quarteirão, temos — ao Sul, o limite do I Btl. com o II, representado pela crista alongada que, mais a S. W. vae se entroncar no M.^o do FRIO. Entre este limite e a altura em que nos achamos, uma ravina bem funda, que começa a E. ou S. E. do M.^o do MEIO (este a S.W. donde estamos) e finda na L. P. R.; temos assim definido um primeiro compartimento secundario. Continuando com a vista da direita para esquerda (S. para N.), percebemos: em frente, as quebradas e uma larga garupa que vão ter á L. P. R.; — a N. E., a crista S. do SURDO, que se adeanta da L. P. R. formando um saliente e encobrindo para nós a localidade do SURDO; entre a nossa posição e aquella crista, um novo compartimento secundario cujo fundo é definido pela ravina que tem cabeceiras a E. do M.^o do SUL, dentro do MATTO. Ao N., a GRANDE MATTA limitando a nossa vista, contra indicada para occupação, mas facilitando esconderijo eventual contra as vistas aereas. Sem embargo, a carta nos assignala um terceiro compartimento contendo o povoado do SURDO que neste momento está occulto ás nossas vistas.

Mudando a frente para W., temos: ao N. W. o M.^o do SUL que se presta á occupação com o duplo fim de realizar barragem interior atravez o collo e flanqueamento da encosta W. do CAPUCHO (onde nos achamos), e tambem, permitir um contra ataque de surpresa sobre o flanco do inimigo que tome pé no CAPUCHO; a S. W., o M.^o do MEIO, outro ponto de apoio interessante, por proporcionar fogos de enfiada na ravina que se extende a E. (do mesmo M.^o) e, tambem, prestar-se á installação de uma boa base de fogos para apoiar um contra ataque a CAPUCHO, partindo como já alludimos, do M.^o do SUL".

Terminado este estudo geral, que demora uns 30 minutos, o Cmt. do Btl. dá ás 05,30 horas aos Cmts. das 1.^a, 2.^a e 3.^a Cias. Fuzileiros as directivas verbaes seguintes:

CMT. 1.^a CIA. — Reconhecer isoladamente a faixa do terreno comprehendido pelo compartimento Sul, encarando a hypothese de ahí se installar defensivamente, dispondo comente de 2 Pels.

PONTO DE ENCONTRO: M.^o do MEIO ás 08,45 horas.

CMT. 2.^a CIA.: — Reconhecer o compartimento central, na previssão de ahí se installar com a Cia.

PONTO DE ENCONTRO: — Bifurcação central do compartimento (sobre a L. P. R.) — ás 08,00 horas.

CMT. DA 3.^a CIA. — Reconhecer o sub-quarteirão do SURDO, afim de occupal-o defensivamente.

PONTO DE ENCONTRO — SURDO, ás 07,00 horas.

Dirige-se em seguida rapidamente por M.^o do MEIO até M.^o FRIO, reconhece o limite com o II Btl. e assenta com o Cmt. desse Btl. a maneira de realizar a ligação de fogos determinada na ordem do R. I.

Dahi em diante, com o auxilio do pessoal componente do sequito vae o Major assentar no terreno a **ossatura do plano de fogos**, isto é, estudo da barragem geral, dos tiros no interior da posição e dos tiros longinquos. Assim:

Quando os Cmts. de Cia. Fuz. de novo com elle se encontrarem, terão, no proprio terreno, conhecimento certo, do dispositivo do Batalhão, e das MISSÕES respectivas e as informações relativas ao plano de fogos interessando o ponto de apoio que tenham de organizar.

Em quanto os Cmts. Cia. Fuz. completam seus reconhecimentos depois da decisão acima, elle volta ao P. C. para redigir, no começo da tarde, sua ordem de defesa, ao mesmo tempo que o Official de Informações, por indicações suas prepara o equipamento de quarteirão no que se relaciona com a observação e transmissões.

TRABALHO MATERIAL DE ORGANIZAÇÃO

I — PLANO DE FOGOS: —

1.^o — Barragem geral.

A barragem principal, constitue objecto de maximo cuidado da parte do Cmt. Btl.

Duas questões se apresentam no caso:

1.^a — Onde collocar a barragem ?

2.^a — Com que meios realizal-a ?

A primeira questão está claramente resolvida pela Ordem de Defesa do R. I.: "Realizar a barragem principal á frente do quarteirão, com o MAXIMO de DENSIDADE diante do M.^o do SURDO". "A Barragem principal será applicada na margem W. do rio PIRAPITINGA, nas condições impostas pelas missões dos Btls."

De facto, é o Coronel quem, fixando a faixa do terreno a bater, ajusta as acções de seus dois Btls. empregados em 1.^o escalão.

Sendo o terreno uniforme, permitindo tirar partido da rascancia e não apresentando pontos de referencia com excepção de ALONSO, pode-se admittir que ella passe perto da L. P. R., numa zona de 500 ms. de profundidade approximadamente, com a modalidade de um cruzamento e maxima densidade diante do saliente do SURDO.

Tem-se, assim, determinado ONDE VÃO CAHIR os projectis. Resta saber onde serão collocadas as armas encarregadas da baragem. O Cmt. Btl. com seus auxiliares, segue rapidamente pelo caminho que conduz a SURDO no limite anterior da posição e ahi inicia este trabalho tendo em mira que se trata da zona de maior densidade de fogos e tambem onde mais cedo terá de se avistar com o Cel. do R. I.

2.^a questão — Com que elementos realizar a barragem ?

Devendo a zona batida ser continua, densa e profunda para se tornar intransponivel, serão empregados ahi todos os meios de fogo de que dispõe o Btl..

METRALHADORAS: —

- a) — A OSSATURA DO SYSTEMA DE FOGO, será obtida pelas metralhadoras. No caso presente o Cmt. Btl. pôde á primeira vista ficar um pouco indeciso sobre a melhor maneira de empregar as suas a.a. mais poderosas:
 - ou collocal-as a.a. mais perto da L. P. R. para obter flanqueamentos a curta distancia pela utilização efficaz da rascancia (0 a 500 ms.);
 - ou, ao contrario, prefere realizar certo escalonamento das metralhadoras em profundidade. admittindo a hypothese de, em caso de ruptura da frente, combater em toda a profundidade da posição.

Isto é apenas uma questão de terreno. Em principio, a CONTINUIDADE do fogo prima sobre a PROFUNDIDADE; e só depois de obtida a primeira, é que os orgãos de fogo disponiveis são collocados mais á rectaguarda para realizar a profundidade do sistema de fogos. Acontece porem que em geral o terreno não permite, pelo seu modelado variavel, pelas suas caracteristicas as mais caprichosas, que se effectue ou melhor se obtenha o flanqueamento approximado. Recorre-se então, á profundidade, aos cruzamentos restrictos.

Ora, o combate se desenrola na orla da Posição de Resistencia; e tambem constitue principio que é na L. P. R. e nas suas immediações que se emprega o maximo de meios.

O combate no interior da P. R. é admissivel, deve mesmo ser previsto; mas, não constitue regra e muito menos principio. E' uma eventualidade aceitavel, para a qual todo chefe tem o dever de se prevenir.

O fim é impedir o inimigo de abordar, ou melhor, de **rometer** a P. R.

Na faixa de terreno adiante da L. P. R., no quarteirão do I Btl., como já se viu, facil se torna a realização dos flanqueamentos, com unica excepção quanto ao saliente de SURDO. Portanto, não será temerario ter as a.a. um pouco avançadas, quando o seu rendimento será completo.

Porque assim procedendo, embora sacrificie um pouco a profundidade, aumenta a efficiencia da barragem geral, que é a peça mestra da defesa.

O Cmt. Btl. durante todo o seu trabalho que admittimos se execute dentro das previsões de tempo já estudadas, decide para seus auxiliares o seguinte:

— no compartimento Norte:

1 Sec. M. B.: N.^o 3, no espião S. E. do M.^o do SURDO, garantindo a ligação de fogos com o 2.^o R. I. e flanqueando o M.^o do SURDO, nas condições estipuladas na Ordem do R.I.

1 Sec. M. B.: N.^o 4, na encosta N. E. do M.^o do SURDO cruzando fogos com a S₃ e flanqueando o saliente a S. E. de SURDO.

— no compartimento Centro:

1 Sec. M. B. — N.^o 2, no pé da encosta S. E. da MATTA GRANDE, batendo de enfiada o caminho de Faz. da BARRA e flanqueando a grande garupa S. E. do M.^o do CAPUCHO.

1 Sec. M. R. — N.^o 5, a S. E. do M.^o do CAPUCHO, no pé da encosta da grande garupa, flanqueando a frente do compartimento e batendo até a extremidade E. do saliente de SURDO.

— no Compartimento Sul:

1 Sec. M. M. — N.^o 1, na encosta S. E. da grande garupa S. E. de CAPUCHO, garantindo a ligação de fogos com o II Btl. por cruzamento á frente da garupa alongada 600 m. E. do M.^o FRIO.

1 Sec. M. R. — N.^o 6, na encosta 100 ms. N. N. E. do CAPUCHO, em condições de bater toda a crista do saliente de SURDO até a orla da GRANDE MATTA — Atirar eventualmente na direcção de ALONSO, encarregar-se da defesa anti-aerea eventual.

Os locaes ocupados pelas a.a. do Btl. e mais a ligação de fogos dos vizinhos quasi garantem uma perfeita continuidade em toda a frente.

b) — MORTEIROS: — O Cmt. Btl. utiliza a sua Sec. Mrt. para reforçar os pontos fracos da barragem geral. Objectivo principal: zona logo á frente do saliente do SURDO. Objectivo eventual: ponte W. da Faz. da MANGUEIRA.

Posição: cabeceira de ravina ao N. do M.^o do CAPUCHO.
Observatorio: CAPUCHO.

c) — SEC. BIA. INF. — Posição a procurar na vertente N. E. do M.^o do MEIO em vigilancia sobre o M.^o do ARRUDA e grande crista logo a E. do PIRAPITINGA, afim de reduzir as a.a. que se revelarem.

d) — ARTILHARIA DE APOIO DIRECTO — (Como lembrança).

O thema não expõe os meios. Em caso como este, os fogos de deter da artilharia seriam pedidos na parte da frente que mais preocupa o Cmt. Btl., na zona mal batida pelas Mtrs.

ZONAS PRINCIPAES: SURDO E ALONSO.

Assim, com a juxtaposição e a superposição dos diferentes meios, consegue o Cmt. Btl. constituir a BARRAGEM GERAL, cuja densidade é maior na zona onde se espera o esforço principal do inimigo. O que aliás é taxativo na Ordem do Coronel — Missão recebida.

— Restará reforçar a BARRAGEM nas partes menos batidas por tiros frontaes. A organisação desses fogos compete aos Cmts. Cia. Fuz. que entrarão em ligação intima com os Cmts. Cia. Mtr. Btl., Mrt. e Sec. Mtr. R., depois que estes tiverem determinado precisamente as zonas batidas pelas suas armas.

2.^º — No interior da posição, serão previstos tiros para fechar as sapas depois de construidas, barrar o desembocamento do CAPUCHO, para W., bater a orla S. da GRDE. MATTA e enfiar as ravinhas dos compartimentos Centro e Sul. Pedido á Art. de uma concentração sobre CAPUCHO. Emprego de F. M. disponiveis e 1 Sec. Mtr. R., nas outras missões. Aliás ao Btl. da L. D. cabe a parte mais importante no caso.

3.^º — TIROS LONGINQUOS E TIROS ANTI-AEREOS:

a) — Os TIROS LONGINQUOS serão efectuados adiante do Escalão de vigilancia. No caso presente o TERRENO e as distancias permitem cobrir o escalão de vigilancia por

fogos das a.a. em posição atraç da L. P. R. que poderão hostilizar o inimigo quer antes, quer depois de atravessar o PIRAPITINGA (vide calco).

As armas encarregadas dessas MISSÕES EVENTUAES (ou secundarias), atirarão de locaes diferentes daquelles escolhidos para cooperar na barragem principal.

b) — TIROS ANTI-AEREOS: — A cargo de Sec. Mtr. R., n.º 6 em posição na encosta 100 ms. N. N. E. do CAPUCHO, com escuta propria.

— Em summa, com as medidas acima tem o Cmt. Btl. estabelecido definitivamente o seu PLANO de FOGOS.

II — DISPOSITIVO DO I/1.º R. I.

O dispositivo, é função do plano de fogos, o qual por sua vez depende directamente do terreno. Portanto, o processo inverso, de se collocarem primeiramente as unidades e depois cuidar-se do estabelecimento do plano de fogos, constitue um erro ou falta de noção de methodo, que é preciso evitar. Tal inversão, só é admissivel no caso premente da **defensiva em contacto estreito**. Assim mesmo, deve-se aproveitar a noite para os reajustamentos indispensaveis no dispositivo de fim de jornada.

O dispositivo é tambem função da frente a ocupar, que no caso presente é de 1.400 ms. approximadamente.

O Cmt. do Btl. tendo em mãos os croquis e calcos das posições das suas a.a. e petrechos, a saber:

- 2 Sec. Mtr. Btl. no compartimento N.;
- 2 Sec. (Mtr. Btl. e Mtr. R. I.) no compartimento C;
- 1 Sec. Mtr. Btl. no compartimento S. todas proximas á L. P. R.,

tendo em vista:

- que o modelado do terreno, chato, descoberto e difficil para a progressão do inimigo, contrasta com a posição do seu Btl. que dispõe de bons pontos de apoio e observatorios;
- que o Coronel lhe recomienda maior densidade em SURDO e posse do CAPUCHO;
- que, finalmente, seu Btl. não ocupará a L. D.; — decide dosar seus meios, tanto quanto possivel obedecendo ao principio da ECONOMIA de FORÇAS, mas tambem sem se esquecer que esta palavra ECONOMIA não deve ser tomada no sentido de PARCIMONIA(e sim, com a signifi-

mada no sentido de PARCIMONIA e sim, com a significação de uma "JUSTA REPARTIÇÃO".

Nestas condições, constitue na sua frente tres pontos de apoio a ocupar e organizar cada um por uma Cia. Fuz.; e mais á retaguarda, no CAPUCHO, um outro ponto de apoio, guarnecido por 1 Pel. sob as suas ordens directas.

- Ponto de apoio N. (SURDO) — 3.^a Cia. Fuz.;
- Ponto de apoio C. (CENTRO) — 2.^a Cia. Fuz.;
- Ponto de apoio S (SUL) — 1.^a Cia. (menos 1 Pel.);
- Ponto de apoio CAPUCHO — 1 Pel./1.^a Cia. á disposição do Cmt. Btl..

LIMITES DOS SUB-QUARTEIRÓES (calco).

Termina pela constituição do ESCALÃO DE VIGILANCIA. A missão imposta pelo Coronel é de exclusiva vigilância do fosso do PIRAPITINGA. Quer dizer, missão de alerta e retrahimento diante do avanço inimigo.

Os efectivos serão pois reduzidos ao minimo: 1 G. C. em posto para cada sub-quarteirão a seu proprio encargo durante o dia.

Admittimos que seja o sufficiente porque da L. P. R. as vistas são extensas.

A' noite, será indicado ter a mais, um nucleo avançado no saliente do SURDO, a cargo da Cia. do N.; um posto em ALONSO e serviço permanente de patrulhas ao longo do rio e nas imediações do ALONSO.

Em resumo, o dispositivo do Btl. é o seguinte:

— um ESCALÃO de VIGILANCIA: 3 G. C. com nucleo avançado á noite.

— um ESCALÃO DE RESISTENCIA:

- a) na L. P. R. e imediatamente á retaguarda, na L. Ap.: 3 Cias. Fuz. (menos 1 Pel. da 1.^a Cia.) juxtapostas e 5 Sec. Mtr.;
- b) mais atras, em profundidade: 1 Pel. no CAPUCHO, 1 Sec. Mtr. R., 1 Sec. Mrt. e 1 Sec. Bia. Inf.

III — REPARTIÇÃO DAS MISSÕES

Antes de voltar ao P. C. para redigir a Ordem de Defesa, o Cmt. do Btl. dá a cada um dos seus commandados as missões respectivas:

1.^a Cia. Fuz. (menos 1 Pel.) — Organizará e defenderá o ponto de apoio Sul, afim de barrar a progressão do inimigo da re-

gião de Faz. da BARRA e, em qualquer caso, impedir-lhe o accesso sobre CAPUCHO ou sobre a garupa alongada a E. do M.^o FRIO.

Destacará em P. A., 1 G. C. (em ponto a reconhecer) com missão de vigilância.

2.^a Cia. Fuz. — Organizará e defenderá o ponto de apoio do Centro, tendo em vista particularmente barrar a progressão nas immediações de ALONSO e, a todo custo impedir o accesso ao M.^o FRIO.

Destacará em P. A. o maximo de 1 G. C. com missão de vigilância de dia, podendo á noite ter um outro G. C. em posto em ALONSO.

3.^a Cia. Fuz. — Organizará e defenderá o ponto de apoio N., afim de impedir a todo o custo que o inimigo tome pé em SURDO.

Deverá prever um contra-ataque na direcção S. E. sobre a garupa alongada a S. E. de SURDO.

Destacará em P. A. com missão de vigilância um G. C. (ponto a reconhecer). Durante a noite dobrará a vigilância com um nucleo avançado sobre a garupa S. E. de SURDO.

1 Pel./1.^a Cia. Fuz. — Organizará e defenderá a todo custo um ponto de apoio em CAPUCHO, superpondo seus fogos aos dos pontos de apoio Centro e Sul e se oppondo a toda ruptura da L. P. R. Vigiará particularmente a direcção geral de SURDO.

Com estas missões e todos os elementos da defesa, como já alludimos, os Cmto. de Cia. Fuz., completam em pouco tempo seus reconhecimentos e enviam relatorios ao Cmt. Btl.

B) — RESPOSTA AO SEGUNDO QUESITO DO TRABALHO A EXECUTAR — REDACÇÃO DA ORDEM DE DEFESA DO I BTL.

De volta ao seu P. C. o Cmt. Btl. dispõe de todos os elementos para redigir e expedir sua ordem.

Tal ordem bem completa, deve ser concisa e conter em annexos (quadros e calcos ou croquis) os itens já estudados no terreno.

O Cmt. do Btl. deve se louvar no memento para o R. I. (§ 601 do R. E. C. I. —2.^a Parte), tirando delle o indispensável para dar fórmula á sua Ordem de Defesa.

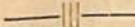
C O N C L U S Ã O

Do presente estudo dois objectivos interessantes podemos distinguir:

1.^o — importancia primordial do estabelecimento do plano de fogos;

2.^o — necessidade de applicar os processos de commando á luz de um methodo intelligivel e prompto.

Nota — Restringimo-nos aqui aos quesitos do thema, o que já não é pouco pela extensão do assumpto. Mas, alludimos de passagem ao interesse em se proceder a um estudo didactico da Observação, das Transmissões e da Organização do Terreno no quadro do Btl. Esta ultima foi apenas esboçada.



1.^o R. I.

P. C. na Faz. SANTOS DUMONT, 30
(trinta) de Abril, ás 13 (treze)
horas.

I Btl.

N.^o n+1

Carta de REZENDE

1:20.000

O R D E M N.^o.....
(Defesa do Quarteirão do CAPUCHO)

I — Informações sobre o inimigo: —

(Thema — Confirmação do exposto na reunião da vespera) — CONCLUSÃO: Antes do dia 2 de Maio, não é de esperar o contacto do inimigo com a P. R.

II — Informações sobre as tropas amigas: —

(Thema — Exposição feita pelo Cmt. Btl. no P. C.)

III — Situação e missão: —

- a) SITUAÇÃO: Cessou temporariamente o movimento offensivo dos Vermelhos.
- b) MISSÃO DO 1.^o R. I.: Enquadrado ao N. pelo 2.^o R. I. e ao S. pelo 3.^o R. I., deverá impedir que o inimigo desemboque do rio PIRAPITINGA, desde BANANAL até a sua confluencia com o PÁRAHYBA; e deste rio, entre a confluencia citada e o cotovelo a S.W. de RAYMUNDO.
- c) MISSÃO do I/1.^o R. I.: Occupar, organizar e defender o quarteirão do Norte, linha de deter exclusive e, em particular:
 - Realizar a barragem principal á frente do quarteirão, com maximo de densidade diante do M.^o do SURDO;
 - Manter a posse do M.^o do CAPUCHO;
 - Fornecer os P. A. frente do quarteirão.
- Meios supplementares: 2 Sec. Mtr. R. I. e 1 Sec. Bia. Inf.
- d) UNIDADES VIZINHAS: II/1.^o R. I. ao Sul e 2.^o R. I. ao N.
- e) LIMITES: Vide calco n.^o 1.

IV — Intenção do comando:

Retardar a progressão do inimigo, desde seu apparecimento nas alturas E. do rio PIRAPITINGA.

Na defesa da P. R., empregar todo esforço afim de impedir ao inimigo a posse do saliente de SURDO e, em qualquer caso, barrar-lhe o accesso ao M.^o do CAPUCHO.

V — Definição da posição: —

Posição de L. P. R.	} Vêr calco n. ^o 1.
Resistencia (L. Ap.)	
Postos Avanç. — L. V.	

VI — Dispositivo de defesa — Missões:

- a) Na L. P. R. e na L. Ap., tres Cias. Fuz., juxtapostas:
 - 1.^a Cia. (menos 1 Pel.) — ao Sul
 - 2.^a Cia. — ao Centro
 - 3.^a Cia. — ao Norte
 } Limites dos sub-quarteirões: Vêr calco n.^o 1.
- b) No INTERIOR da POSIÇÃO: 1 Pel/1.^a Cia. Fuz. no M.^o do CAPUCHO.
Cia. Mtr. Btl., Sec. Mtr. R. I., Sec. Mrt., Sec. Bia. Inf. (vêr Plano de fogos).
- d) POSTOS AVANÇADOS: Secções fornecidas:
 - pela 1.^a Cia.: 1 G. C. em ponto a escolher e comunicar.
 - pela 2.^a Cia.: 1 G. C. em ponto a escolher e comunicar.
 - pela 3.^a Cia.: 2 G. C.: em ponto a escolher e comunicar.
- d) MISSÕES:
 - 1.^a Cia.** (menos 1 Pel.) — Organisará e defenderá o ponto de apoio Sul, afim de barrar a progressão do inimigo da região de Faz. da BARRA e, em qualquer caso, impedir-lhe o accesso ao M.^o do CAPUCHO ou á garupa E. do M.^o FRIO.
 - 2.^a Cia.** — Organizará e garantirá a defesa do ponto de apoio do Centro, tendo em vista particularmente barrar a progressão das immediações de ALONSO e, a todo custo, impedir o avanço sobre o M.^o do CAPUCHO.
 - 3.^a Cia.** — Organizará e garantirá a defesa do ponto de apoio Norte, afim de impedir a todo custo que o inimigo tome pé em SURDO.

Deverá prever um contra ataque na direcção S. E. sobre a garupa S. E. de SURDO.

1 Pel./1.^a Cia. — Organizará e defenderá a todo custo um ponto de apoio em CAPUCHO, superpondo seus fogos aos dos p.

apoio Centro e Sul e se oppondo a qualquer ruptura de L.P.R.
Vigiará em particular a direcção geral de SURDO.

Os elementos destacados em P. A. terão missão de vigilância
A' noite as 2.^a e 3.^a Cias. reforçarão os P. A. com pontos res-
pectivos em ALONSO e no saliente de SURDO.

VII — Plano de fogos: —

(Vêr o quadro, o calco n.^o 2 e carta annexos).

Fogos de Artilharia — Como lembrança.

VIII — Medidas particulares de defesa: —

— Defesa anti-aerea — Sec. Mtr. R. I. a 100 m. N. E. do CAPUCHO.

— Defesa contra gases — Como lembrança.

— Defesa anti-aerea.

IX — Ligações pelo fogo:

- 1) Com o quarteirão Sul — Vêr o Plano de fogo — Sec. 1.
- 2) Com o sub-sector Norte — Vêr o Plano de fogo — Sec. 3.
- 3) Entre os sub-quarteirões — Norte e Centro a cargo da 3.^a Cia.
- 4) Entre os Sub-quarteirões — Centro e Sul — a cargo da 2.^a Cia.

X — Observação — Ligações e transmissões: —

- 1) PLANO DE OBSERVAÇÃO — Calco n.^o 3.

O Off. de informações providenciará no sentido deste plano
poder funcionar desde as 08,00 horas do dia 1.^o de Maio.
P. O. do Btl. — CAPUCHO.

- 2) LIGAÇÕES: —

— P. C. R. I. — Casa 300 m. W. de M.^o do MEIO.

— P. C. I Btl. e Cia. Mtr. Btl. — Encosta W. do M.^o do CAPUCHO.

— P. C. II Btl. — Encosta W. do M.^o GRANDE.

— P. C. 1.^a Cia. — Quebrada S. E. do M.^o do CAPUCHO.

— P. C. 2.^a Cia. — Encosta S. W. da GRANDE MATTA.

— P. C. 3.^a Cia. — Encosta S. W. do M.^o do SURDO.

- 3) TRANSMISSÕES: —

- a) Rêde telephonica: Serão ligados por telephone todos os P. C.:
Btl — R. I. e Btl. — Cias..

Serviço prompto até ás 14 horas do dia 1.^o (Vêr calco n.^o 1).

- b) Signalisação optica: Vide calco.

Posto optico do Btl. — M.^o do CAPUCHO.

Central optica do R. I. — Vertentes S. E. do M.^o COMPRIDO
— Serviço prompto a funcionar ás 10.00 horas do dia 1.^o.

XI — Conducta em caso de ataque:

- Desencadear a barragem geral.
- A posição será mantida a todo custo. Ponto a cobrir em permanencia: M.^o DO CAPUCHO.
- A posição será mantida a todo custo.

XII — Trabalhos: —

As sub-unidades atacarão os trabalhos logo após a collocação do Dispositivo.

Objecto do ANNEXO II — Ordem Particular para execução dos trabalhos:

- A) Phase preliminar — sua ordem de urgencia:
- entrada em posição de a.a.
 - limpeza dos campos de tiro para satisfazer ás missões normaes.
 - construcção dos espaldões para a.a. e abertura dos abrigos individuaes e de nichos para deposito de munição.
 - abertura da sapa de ligação para facilitar o remuniciamento e o reabastecimento das guarnições das a.a.
 - ligações dos abrigos individuaes dentro do G. C. podendo atingir 0m,40 de profundidade.
 - Ligação dos G. C. no interior dos Pels.
 - Preparo do P. O. e do P. C. do Btl. e do local do C. R. do Btl. (cabeceira de ravina W. de CAPUCHO) pelos sapadores do Btl.
 - Preparo do P. S. pelos padioleiros e sapadores. Deverá estar prompto até ás 12,00 horas do dia 1.^o de Maio.
- B) Phase de proseguimento — devendo apresentar no dia 3 á tarde, o aspecto seguinte:
- locaes de combate constituidos por trincheiras estreitas e profundas;
 - observatorios do Btl. e Cias. preparados;
 - defesas acessorias formando uma rête continua diante da L. P. R. e na frente do saliente de SURDO;
 - trincheiras e sapas já rasgadas com uma profundidade 0,m70 em média para permittir a circulação a coberto;
 - órgãos de transmissões abrigados;
 - construcção de P. C. e alguns abrigos, iniciada.

XIII — Prescripções relativas á collocação do dispositivo: —

- Uma vez terminados os reconhecimentos do Btl. e das Cias., haverá o deslocamento das sub-unidades, parte por M.^o BONI-

TO, parte por M.^o COMPRIDO, afim de tomarem o dispositivo de defesa. Approximação feita por escalões:

- a) Cias. Fuz. e Cia. Mtr. Btl. — orientadas pelos guias que tenham tomado parte no rec.^o e sejam mandados ao seu encontro; (lembança)
- b) Sec. Mtr. Btl. e Sec. Bia. Inf. — dirigidos pelos proprios Cmts.;
- c) Os pontos de encontro com a tropa e os movimentos preliminares serão regulados pelos Cmts. Cia. a partir das 12 hs.

XIV — Partes de instalação: —

As sub-unidades e os Serviços deverão estar dispostos no terreno até ás 18.00 horas, quando remetterão suas partes.

2.^a PARTE DA ORDEM N.^o.....

1) S. I.: —

- a) Distribuição da refeição quente da tarde a ser feita nas posições. As faxinas de transporte e distribuição ficarão a cargo dos Cmts. Cia.
- b) T. C₁ (inclusive o carro cosinha), estacionarão na ravina N.W. do M.^o do SUL, proximos á pista. T. C₂ irão estacionar a partir das 18.00 horas em CAIXA DAGUA, onde tomarão contacto com os T. E. amanhã, 1.^o, entre 7 e 9 horas.

2) S. S.: —

P. S. do R. I. — em RETIRO.

P. S. do Btl. — ravina em W. do CAPUCHO, proximo ao caminho de RETIRO.

3) REMUNICIAMENTO: —

C. Rem. — encosta S. W. do M.^o do MEIO, proximo á bifurcação.

Na P. R., serão organizados depositivos de munição de segurança a ser empregada na barragem geral.

Taes depositos formação:

- nos P. R. de Cias. Fuz. e Mtr.,
- junto a cada Sec. Mtr. Btl. e Sec. Mtr. R. (estas a cargo do Cmt. da Cia. Mtr. Btl.).

(a.) Major A — Cmt. do I Btl.

DESTINATARIOS:

Cmts.: 1.^o R. I., como parte; 2.^o R. I., II e II/1.^o R. I., como informação; Cias. Fuz., Mtr. Btl., Sec. Mtr. R., Sec. Bia. Inf., Chefes S. S. do Btl., S. I. — para execução. Archivo. Total — 14 exemplares.

RESPOSTA AO TERCEIRO E ULTIMO QUESITO DO THEMA

Dotações de munições a realizar na P. R. e seu escalonamento no interior do Quarteirão Norte (I Btl.)

1.º — BALANCEAMENTO DAS DOTAÇÕES:

As munições conduzidas pelas unidades de infantaria, obedecem ao seguinte escalonamento:

- 1.º — Escalão das posições de combate;
- 2.º — Escalão do trem de combate.

A) — Escalão das posições de combate:

- a) Conduzidas pelos homens:
 - Fuzil — 60 cartuchos por Fuzileiro.
 - Fuzil — 90 cartuchos por Volteador.
 - F. M. — 1.260 cartuchos por Esquadra.
- b) Conduzidas pelos cargueiros:
 - Mtr. — 5.400 cartuchos por peça.
 - Mrt. — 90 projectis por peça.
- c) Conduzidos pelas viaturas:
 - Canhão de I. — 64 projectis por peça.

B) — Escalão do trem de combate:

Munição transportada em viaturas.

- a) Na Cia. Fuz.:
 - Fuzil — 3.200 cartuchos (permittindo elevar a dotação de todos os homens a 90 cartuchos).
 - F. M. — 4.500 cartuchos (mais 500 tiros por F. M.).
 - b) Na Cia. Mtr. Btl.:
 - Mtr. — 23.000 cartuchos (augmentado de 2.880 tiros a dotação de cada arma).
 - Mrt. — 80 projectis (mais 40 por peça).
 - c) No Batalhão:
 - Fuzil — 25.600 cartuchos.
 - F. M. — 80.600 (mais 2.985 tiros por F. M.)
 - Mrt. — 180 projectis (mais 90 por peça).
 - d) na Bia. Inf.: 192 projectis (mais 48 projectis por peça).
- Tendo em vista o desencadeamento da BARRAGEM GERAL e, admittindo que possa ser repetida duas vezes, faça-se um calculo

rapido do consumo pelas diversas armas obedecendo ás condições de execução determinadas no Plano de Fogos.

1.^o METRALHADORAS:

5' de fogo, sendo:

- 2' com cadencia acelerada, de 200 t.p.p.m., as mesmas atirando SIMULTANEAMENTE;
- 3' com cadencia normal, de 50 t.p.p.m., as peças atirando ALTERNADAMENTE.

Tem-se:

$$1 \text{ Peça: } 2 \times 200 + 75 = 475 \text{ tiros}$$

$$1 \text{ Peça: } 2 \times 200 + 75(1) = 475 \text{ tiros}$$

$$\text{Secção:} \qquad \qquad \qquad 950 \text{ tiros}$$

Agora, se a barragem se repete 2 vezes:

Cada peça — 1.425 tiros. Secção: 2.850 ou 2.900 tiros.

Visto que a munição disponível por peça é, na posição de combate, de 5.400, o consumo com a barragem geral não é exagerado, dando:

$$5.400 - 1.425 = 3.975 \text{ cartuchos de sobra por peça.}$$

Isto significa que é possível executar também as missões eventuais e concentrações, em boas condições.

1.000 peças nas concentrações, permitem ainda um saldo de 3.975 — 1.000 = 2.975 tiros para attender ás missões eventuais com grande latitude. Conclusão: De acordo com o princípio, ao entrar na defensiva uma tropa só pode contar com as munições que transporta; portanto,, é natural instituir-se junto de cada peça nichos ou depósitos com os 5.400 cartuchos constituindo uma SEGURANÇA.

2.^o — F. M. — n barragem geral:

$$5' \times 60 \text{ (rajadas de 7 a 8)} = 300 \text{ tiros.}$$

$$\text{Repetição 2 vezes} = 900 \text{ tiros.}$$

$$\text{Saldo para missões eventuais: } 1.760 - 900 = 860 \text{ tiros.}$$

Pode-se também adoptar o mesmo critério que para a Mtr.

3.^o — MORTEIRO: $5' \times 5 = 25$ tiros.

$$2 \text{ vezes mais: } 3 \times 25 = 75 \text{ tiros.}$$

4.^o — CANHÃO DE I.: $2' \times 6 = 12$ tiros.

$$3' \times 4 = 12 \text{ tiros.}$$

$$\text{Mais 2 vezes: } 72 \text{ tiros. Saldo } 112 - 72 = 40 \text{ tiros.}$$

Finalmente DOTAÇÃO ESCALONADA:

(1) Na realidade uma peça daria 100 tiros e a outra 50; mas arredondamos para facilitar o cálculo.

- I — a) nos NICHOS junto de cada peça de Mtr. - 5.400 cartuchos
 b) idem junto de cada F. M. — 1.760 cartuchos.
 c) idem junto de cada Mrt. — 130 projectis.
 d) idem junto de cada canhão de I. — 112 projectis.
 e) Dotação por homem armado de fuzil — 90 cartuchos.
 f) Idem por grupamento de V. B. — 48 granadas.
- II — No P. R.^o ravina W. de CAPUCHO (da Cia. Mtr. Btl.) — 11.500 cartuchos.
 Nos P. R.^o de cada Cia. Fuz.: Fuz. 4.300 cartuchos; F. M. 13.400 cartuchos.
- III — No C. R.^o do Btl.: Fuzil, 12.800 cartuchos; F. M., 40.300 cartuchos; Mtr., 11.500 cartuchos e Mrt., 90 projectis.

— || —

Aos Srs. Representantes durante o anno de 1936

A Direcção da A DEFESA NACIONAL agradece mais uma vez a dedicação de todos os seus Representantes e lhes deseja inúmeras felicidades no anno de 1937.

Temos o dever de dirigir um agradecimento especial ao Sr. Capitão Gilberto Oscar Virgilio de Carvalho representante no 7.^o R. I. que conseguiu mais de 100 assignantes e o Sr. Capitão André Monteiro que, como representante no 25.^o B. C. obteve mais de 50 assignantes.

SEÇÃO DE CAVALLARIA

Redactor: PAIVA CHAVES
Auxiliar: LADARIO

A D. C. na execução das missões que lhe cabem no "Quadro da Batalha"

CAP. FERLICH
Professor da E. E. M.

FASCICULO III

TITULO UNICO

Estacionamentos

CAPITULO I — Condições de ordem material

CAPITULO II — Condições de ordem tática

ESTACIONAMENTOS

Normalmente, os periodos de movimento são entrecortados por **periodo de descanso**, que visam dar o tempo necessário á tropa para repousar, preparar alimentos, cuidar dos cavalos e conservar o material. Esses **periodos de descanso** designam-se genericamente por **estacionamentos**.

Na D. C. dá-se uma "zona de estacionamento" para cada um dos elementos subordinados (Bdas. — B. I. M. etc.) ou para cada "agrupamento de marcha".

Uma "zona de estacionamento" de D. C. deve, antes de tudo, ser rica em aguadas e si possível ter zonas de mato (que abriguem das vistas aéreas).

A questão da agua nos estacionamentos da cavalaria é fundamental. Uma "zona de estacionamento" sem agua suficiente é **impropria** para uma unidade de Cavallaria e constitue um factor importante na questão do **desgaste** da arma. Eis, porque o nosso R. E. C. C. frisa: "Os estacionamentos da Cavallaria são collocados nas proximidades de aguadas, riachos, lagôas, etc., ou nas localidades que tenham **agua sufficiente**".

Para que o repouso se torne efectivo é necessário que haja no estacionamento um "ambiente de segurança". Esse "ambiente" só poderá ser obtido completamente si as tropas:

- conseguirem subtrair-se ás vistas aereas;
- forem protegidas contra incursões do inimigo.

Em summa, um estacionamento deve satisfazer condições de duas ordens diferentes (conforto e segurança) que são, quasi sempre, contraditorias.

As condições que visam dar conforto á tropa **são de ordem material** e se traduzem na pratica:

- pela escolha do modo de estacionamento;
- pela preparação do estacionamento;
- pelo dispositivo das tropas nas "zonas de estacionamento".

As condições que visam érear o "ambiente de segurança" **são de ordem tactica** e se traduzem na pratica:

- pelas medidas tomadas contra as intervenções terrestres;
- pelas medidas tomadas contra as intervenções aereas.

C a p i t u l o I

CONDIÇÕES DE ORDEM MATERIAL

A) — Escolha do modo de estacionamento

Ha tres modos fundamentaes de estacionamento.

- acantonamento;
- acampamento;
- bivaque.

Esses modos permitem as combinações **acantonamento bivaque** ou **acampamento bivaque**, conforme a situação.

A escolha de um desses modos depende dos recursos que ofereça a "zona de estacionamento" dada á D. C., bem como da situação tactica do momento.

ACANTONAMENTO

E' o modo de estacionamento que offerece maiores vantagens sob o ponto de vista da **conservação dos effectivos**.

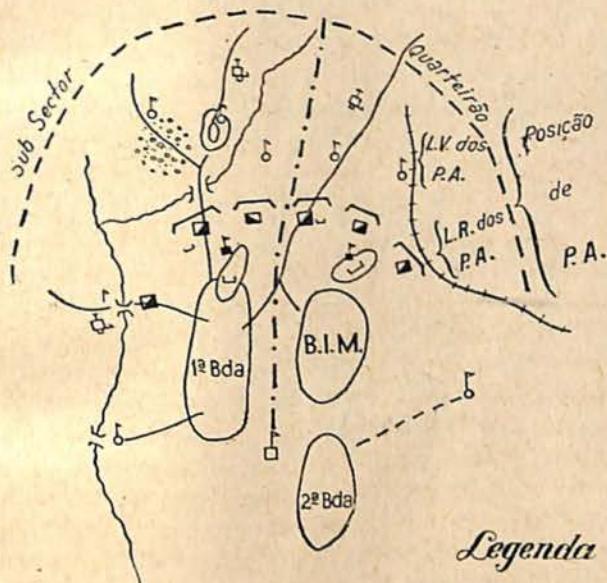
A capacidade das superficies cobertas avalia-se num acantonamento ou bivaque, na falta de outras indicações, á razão de 2 metros quadrados por homem, 3 por cavallo e 8 por viatura.

Este modo de estacionamento será pouco commum entre nós em vista das poucas e distanciadas povoações que aparecerão nos theatros de operações.

empregados em cada sub-setor; assim como a **conducta** desses elementos **em caso de ataque**.

A conduta a manter pelos P. A. depende da intenção do Gen., mas, em regra erduz-se a dois casos:

ESBOÇO N° 17
Dispositivo completo de P.A.



Legenda

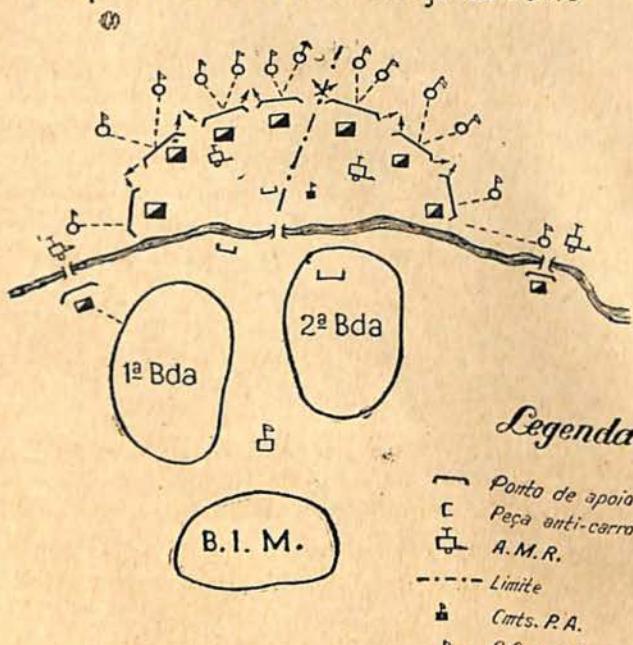
- Ponto de apoio
- Peça anti-carro
- ⊕ A.M.R.
- - - Limite
- Cmds. P.A.
- Q.G. e outros elementos.

— oferecer uma primeira resistência e depois manobrar em retirada, afim de dar o tempo necessário ao Cmdo. para tomar suas disposições;

— excepcionalmente, manter a posição sem ideia de recuo.

Este ultimo caso só se apresenta quando o Gen. resolve aceitar o combate sobre a propria L. R. P. A.

ESBOÇO Nº 18
Dispositivo de P.A. em cabeça de Ponte



EMPREGO DA ARTILHARIA NOS P. A.

Quando se tornar necessário dar apoio de Art. aos P. A., o Cmt. da D. C. pôde:

- colocar toda a Art. em condições de bater na frente dos P. A.;
- empregar, apenas, parte da Art. com a missão de apoio aos P. A.

Na maioria dos casos a Art. fica á disposição do divisionário, que determina a posição e o consumo de munição delegando aos cmts., de sub-sectores ou de quarteirão o cuidado de regular por.

menoríssadamente as condições do apoio a realizar, assim como as ligações necessárias.

Quando a compartimentação do terreno ou o afastamento da L.R.P.A. o comporta, o cmt. da D.C. pôde collocar a Art. á disposição dos Cmts. de Sub-Sectores e mesmo, em certos casos, á disposição dos cmts. de quarteirões.

A artilharia encarregada de apoiar os P. A. estabelece-se em vigilância e prepara a sua intervenção, que se produz sob a forma de tiros de interdição sobre os caminhos que possam ser utilizados pelo inimigo e tiros de deter sobre os pontos importantes.

Entretanto, a acção da Art. só poderá ser encarada — em proveito dos P. A. — si fôr possível preparar os tiros durante o dia e si dispuser de ligações rápidas e seguras com os elementos em linha.

RESERVA DOS P. A.

Em certos casos, podem ser constituidas "reservas" dos P. A. que ficam á disposição do cmt. dos P. A.; as unidades que as constituem são articuladas em pontos escolhidos de modo a:

— cooperar, si possível com as suas mts. no plano de fogos da L. R., atuando notadamente nos intervallos existentes entre os pontos de apoio;

— acolher as guarnições dos pontos de apoio, quando estas se retrairem.

Conforme as circunstâncias, essas reservas, podem ser empregadas para contra atacar.

OS AU. M. NOS P. A.

O cmt. da D. C. pôde collocar pelotões de A. M. R. e A. M. C. á disposição dos cmts. de Sub-Sectores ou do cmt. dos P. A. quando este fôr designado por elle.

Os A. M. R. são normalmente empregados além da linha de vigilância (durante o dia) para prolongal-a e iniciar o retardamento do inimigo.

Os A. M. C. só poderão ser attribuídos aos P. A., também durante o dia. O seu emprego só poderá ser encarado para contra-ataque:

— seja com o objectivo de retomar um ponto de apoio (quando não ha ideia de recuo);

— seja para livrar uma unidade de aferrada (quando os P. A. tiverem por missão retardar).

C) — Organização do commando nos P. A.

Os P. A. na D. C. sob o ponto de vista commando, são em principio organizados em "Sub-Sectores" de Bdas. ou "quarteirão" do B. I. M.

Os Sub-Sectores das Bdas. são, normalmente, repartidos em quarteirões de R. C.

Conforme a situação os P. A. poderão ter commandos por sub-sector ou commando unico designado pelo Gen. cmt. da D. C. (frente estreita ou P. A. em cabeça de ponte).

Cada cmt. de Sub-Sector é responsável pela organização e funcionamento dos P. A. no respectivo Sub-Sector, quando não ha commando geral dos P. A. designado pelo cmt. da D. C..

D) — Medidas de defesa tomadas dentro do dispositivo.

O grosso da D. C. estaciona sob a protecção dos P. A., mas esta protecção deve ser reforçada por medidas de segurança tomadas pelas unidades subordinadas no interior dos seus estacionamentos.

Essas medidas consistem em collocar-se a periferia do estacionamento em "estado de defesa sumaria" (barricadas, etc.) particularmente contra engenhos blindados que não tenham sido detidos pelos P. A.

E) — Medidas contra as intervenções aereas.

As medidas que se tomam nos estacionamentos, contra as intervenções aereas, são de duas especies:

— disfarce das vistas;

— defesa anti-aerea.

O disfarce é a garantia primordial da segurança e repousa, particularmente, na disciplina de estacionamento (circulação, disfarce dos trens, extinção de luzes etc.).

A defesa anti-aerea exige medidas **activas** e **passivas**.

As medidas ativas consistem na collocação de mtrs. contra aviões e instalação de A. A. A. (quando é dada a D. C.).

As medidas passivas consistem em utilizar-se abribos existentes ou preparar-se elementos de trincheira.

SEÇÃO DE ARTILHARIA

Redactor: DJALMA D. RIBEIRO
Auxiliar: PEDRO GERALDO

Palanque "Tenente Hilario"

CAP. WALDEMIRO PIMENTEL

Chefe do S. V. do 1.^o R. A. M.

O 2.^o Tenente Hilario Bueno, chefe das officinas do 1.^o Regimento de Artilharia Montada, concebeu e construiu, em Setembro de 1935, um palanque para prisão de animaes, com os seguintes caracteristicos:

1 CABO de 25 metros, com dois arames de $\frac{1}{4}$ retorcidos, com ganchos nas extremidades e com 35 argolas no espaço de 0,m70, uma da outra;

3 MOIRÕES de tubo de ferro de 3" com 1,m70 de comprimento, tendo na parte inferior uma base circular com 0m,45 de diametro e 1 pontão de madeira para facilitar a sua introdução no solo e impedir a entrada d' terra no tubo;

3 ESPIAS de 2m,00 de 2 arames com $\frac{1}{4}$ retorcidos com 1 gancho na extremidade, para prisão do moirão á estaca;

1 ESPIA de 2m,50 de 2 arames de $\frac{1}{4}$ retorcidos, para prender tambem o moirão á estaca;

2 GRAMPOS esticadores, constituidos de 1 rosca total de 0m,40 girando numa peça retangular que lhe serve de porca, tendo na outra extremidade um gancho giratorio no qual é preso o moirão;

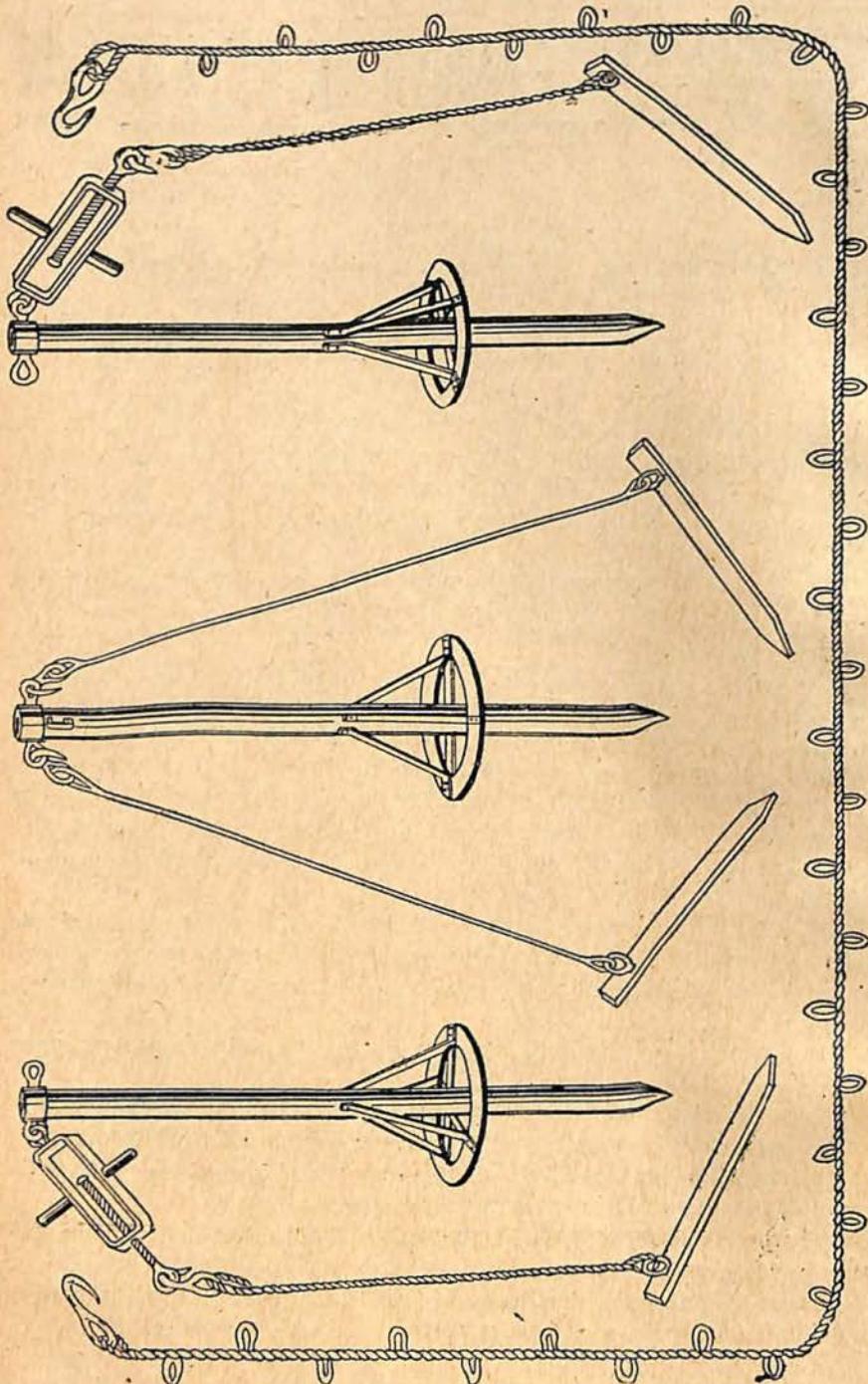
2 ESTACAS de trilho commum de 0m,80 cada uma, com uma argola, para prender a espias;

2 ESTACAS de ferro redondo de 1" com 0m,50 de comprimento, tambem com argola ,para prender o espias ao moirão central;

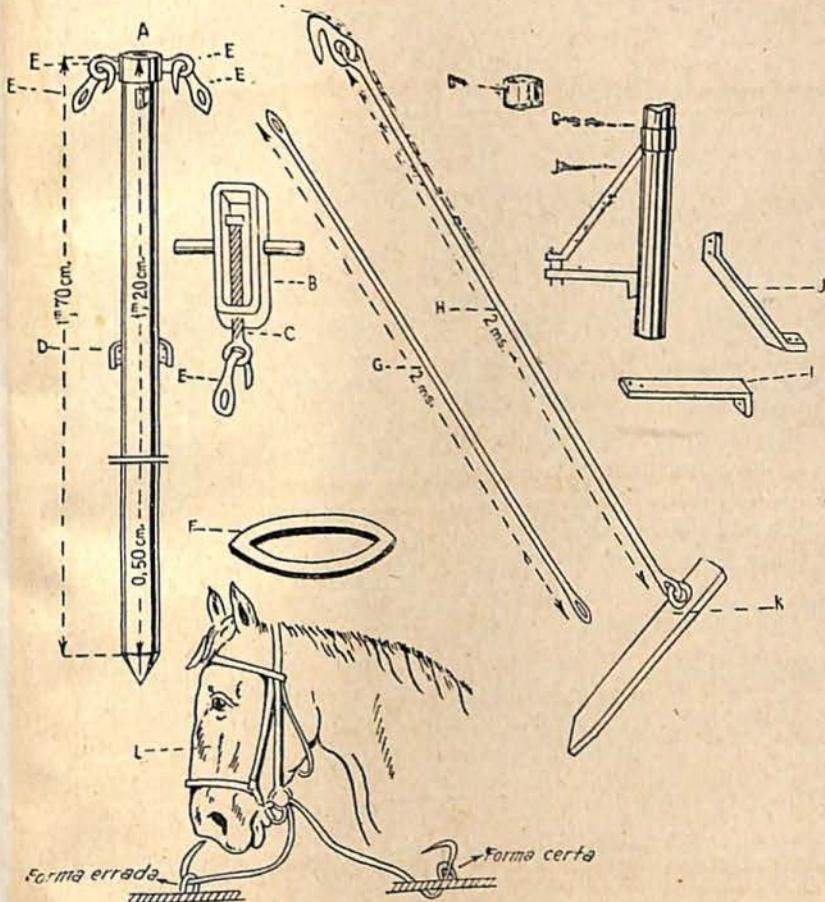
1 GANCHO GIRATORIO preso ao moirão central, para evitar o deslocamento lateral e vertical do cabo.

O desenho apresentado esclarece melhor a construcão do palanque "Tenente Hilario".

Este distincto e intelligente official, resolveu, praticamente, o problema da prisão dos animaes.



O emprego magnifico que fizemos deste palanque, nos diferentes estacionamentos da tropa, nos leva a recommendar o seu uso nos Corpos de Tropa e Serviço de Remonta.



O seu pouco peso, de 80 kilos, permitte que o mesmo seja conduzido em qualquer viatura.

Fica, pois, o Exercito com este problema resolvido, graças á actividade productora do Tenente Hilario Bueno, do 1.^º R. A. M.

- (A) Tubo de ferro de 3p. $\frac{1}{2}$ × 1m,70 de comprimento, dividido em duas partes sendo uma parte de 1m,20 e a outra de 0m,50.
- (B) Esticador rectangular, de ferro de $1\frac{1}{2} \times \frac{5}{8}$, contendo em cada lado dois punhos de 0m,12 de comprimento por $\frac{5}{8}$ de grossura; na extremidade tem uma argola movel de $\frac{5}{8}$ que é engatada no supporte, e na outra extremidade o esticador de $\frac{5}{8}$ de grossura.
- (C) Parafuso esticador de $\frac{5}{8}$ de grosso.
- (D) Luva de ferro para segurança das escoras
- (E) Ganchos e olhaes de ferro de $\frac{5}{8}$ de grosso.
- (F) Circumferencia de ferro medindo 0m,50 de diametro, 2 pol. de largo × $\frac{1}{2}$ de grossura.
- (G) Tirantes de ferro galvanizado de $\frac{1}{4}$ de grossura por 2 metros de comprimento.
- (H) Tirantes de ferro galvanizado trançado de 2 metros de comprimento.
- (I) Cantoneira de ferro de 0m,20 de comprimento por 1 pollegada de largura por $\frac{3}{8}$ de grossura.
- (J) Escoras de ferro, medindo 0m,40 de comprimento por 1 pol. de largura por $\frac{3}{8}$ de grossura.
- (K) Estacas de ferro ou pedaço de trilho sendo as lateraes de 0m,60 de comprimento por 2 pollegadas por 1 pollegada e as do centro com 0m,50 por 1 $\frac{1}{2}$ de largura por $\frac{5}{8}$.
O cabo retorcido tem 28 metros e é formado por dois arames retorcidos de ferro galvanizado, contendo 35 argolas com o espaço de 0m,80 para a prisão de 70 cavallos, mas nas argolas não se prendem os animaes; estas servem apenas para evitar que as arreatas se unam.
- (L) Cabeça indicando como deve ser amarrado o cabo.
-

Livros á venda na «A Defesa Nacional»

ORIENTAÇÃO EM CAMPANHA, Major Demerval	3\$000
ALBUM DOS UNIFORMES DO EXERCITO	20\$000
CANNAE E NOSSAS BATALHAS, Ten. Oscar Wiedersphan	7\$000
BALISTICA EXTERNA, Cap. Morgado da Hora	14\$000
DEFESA DE COSTA E O TIRO COSTEIRO, Cap. Joaquim G. Silva	8\$000

SEÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA

Redactor: BINA MACHADO

Meteorologia para a Artilharia

Pelo Cap. W. D. Hohenthal
da Missão Militar Americana
Instructor do C.I.A.C.

Antes de estudar as correções balísticas que necessariamente devem ser introduzidas no tiro de artilharia, devemos considerar algumas idéas basicas sobre a atmosphera, atravez da qual o projectil passará, e os seus effeitos na forma da trajectoria.

Já vimos que no calculo das tabelas de tiro, era necessário tomar como padrão (standard) as condições medias ou normais da atmosphera e já sabemos que aquellas condições são raramente ou nunca encontradas na pratica.

Antes da Guerra Mundial eram levadas em conta, para as correções balísticas, sómente as condições da atmosphera medidas ou observadas na superficie da terra. Durante a Guerra, com o emprego de maiores angulos de tiro, foi observado que os velhos methodos não serviam mais. Verificou-se que o vento a 1.000 metros de altura pôde soprar numa direcção e com uma intensidade inteiramente diferente que as do vento observado na superficie da terra, e ainda, que o vento em qualquer outra camada não tinha relação alguma com o da superficie. Chegou-se ainda á conclusão de que os canhões que lançavam seus projectis atravez de camadas muito altas da atmosphera davam maiores alcances porque, nas grandes alturas, a densidade do ar e, consequentemente, a resistencia do ar, é muito menor. Durante a Guerra Mundial os allemães construiram um canhão com alcance de 124.000 metros e flecha de 38.000 metros (duração de trajecto igual a 171 seg.). Deste modo 70% da trajectoria ficava numa atmosphera cuja densidade era 90% menor do que a do nível do mar. Este facto constituiu um dos segredos de seu formidavel alcance.

Com o desenvolvimento da aviação tomou extraordinario impulso o estudo sobre a atmosphera ou a sciencia da meteorologia. Foram organizadas pelos exercitos, secções especiaes para applicar descobertas feitas á artilharia. A sciencia da meteorologia está

ainda, pode-se dizer, em estado primitivo. Seu estudo offerece uma excellente oportunidade aos officiaes de artilharia para melhorar sua arma.

Meteorologia, é a sciencia da atmosphera da terra. A atmosphera consiste numa massa de gazes e vapores em movimento, cuja densidade e temperatura variam continuamente. A densidade e a temperatura variam com a altitude. (Vide a figura mostrando as variações segundo a altitude). Estas variações mudam a trajectoria de qualquer projectil e devem ser levadas em conta no calculo dos elementos de tiro. A sciencia da meteorologia pratica mede estas variações afim de predizer seus effeitos sobre o clima e tambem sobre as trajectorias dos projectis.

METHODOS PARA A OBTENÇÃO DE MEDIDAS DAS CONDIÇÕES ATMOSPHERICAS

O methodo mais usual para a artilharia, consiste em enviar para o alto, em intervallos de tempos iguaes, um pequeno balão piloto, cheio de hydrogenio. Com teodolitos ou altimetros especiaes marca-se a rota do balão em altitude, direcção e hora. Esta rota mostra essencialmente o movimento da atmosphera. E' então possivel calcular os effeitos do ventos para qualquer camada desejada acima da terra. A densidade e a temperatura da atmosphera são medidas na superficie da terra e, baseando-se na theoria de que elles variam segundo leis conhecidas da physica, são calculadas para qualquer camada.

As camadas mais convenientes para este calculo são as de espessura de 500 metros, (entre 500 e 2000 metros de altura), de 1.000 metros, (entre 2.000 e 6.000 metros de altura) e 2.000 metros (acima de 6.000 metros de altura) e parallelas á superficie da terra. (Vide a figura mostrando variações segundo altitude).

Na suposição de que o projectil passando atravez das camadas do ar já escolhidas, será affectado pelas condições atmosphericas de cada camada, directamente proporcional ao tempo durante o qual elle permanece na camada e tambem directamente em proporção á densidade e á elasticidade do ar da camada, será necessario calcular um vento, uma temperatura e uma densidade todos ficticios nos quaes sejam levadas em conta as variações citadas. Estas condições ficticias são conhecidas como:

Vento balistico.

Temperatura balistica.

Densidade balistica.

Na pratica aceita-se que estes effeitos podem ser calculados, com a precisão necessaria para o tiro de artilharia, conhecendo-se apenas o valor da flecha e com auxilio da tabella de factores de peso já calculada para cada camada. Não é preciso levar em conta a velocidade inicial, o angulo de tiro e o typo de projectil.

A flecha pode ser obtida directamente das novas tabellas de tiro ou calculadas (para canhões de defesa de costa) com precisão suficiente pela seguinte formula:

$$\text{Flecha (em metros)} = 1,3 \times (\text{duração do trajecto})^2$$

O VENTO BALISTICO

Depois de determinar-se a velocidade e a direcção do vento verdadeiro nas varias camadas, pela observação do movimento do balão piloto, multiplica-se a velocidade do vento de cada camada por um factor peso afim de convertê-lo em vento balístico. As tabellas seguintes são empregadas no Exercito Americano.

Fatores de peso para calculo de vento balistico:

		Altura das camadas									
		Número da camada na mensagem balística									
		F1 e c h a (Metros)									
1	2	0	—	500	(Metros)						
3	4	500	—	1.000	(Metros)						
5	6	1.000	—	1.500	(Metros)						
7	8	1.500	—	2.000	(Metros)						
9	0	2.000	—	3.000	(Metros)						
1	1	3.000	—	4.000	(Metros)						
3	4	4.000	—	5.000	(Metros)						
5	6	5.000	—	6.000	(Metros)						
7	8	6.000	—	8.000	(Metros)						
9	0	8.000	—	10.000	(Metros)						
1	1	10.000	—	10.000	(Metros)						
Emprega-se o vento obs. durante o primeiro min.											
Emprega-se o vento obs. durante o segundo min.											
200	0,41	0,59									
500	0,28	0,26	0,46								
1000	0,21	0,20	0,20	0,39							
1500	0,14	0,14	0,13	0,13	0,46						
2000	0,11	0,10	0,10	0,10	0,20	0,39					
3000	0,09	0,08	0,08	0,08	0,16	0,16	0,35				
4000	0,07	0,07	0,07	0,07	0,13	0,13	0,14	0,32			
5000	0,06	0,05	0,05	0,05	0,10	0,10	0,10	0,10	0,39		
6000	0,05	0,04	0,04	0,04	0,08	0,08	0,08	0,08	0,16	0,35	
8000	0,05	0,04	0,04	0,04	0,08	0,08	0,08	0,08	0,16	0,35	
10000	0,05	0,04	0,04	0,04	0,08	0,08	0,08	0,08	0,16	0,35	

O seguinte exemplo ilustra o uso da tabella: Consideremos uma trajectoria tendo para flecha 6.000 metros (camada numero 9); a duração de trajecto é de 67 segundos (Vide a figura mostrando as variações segundo a altitude).

Pela tabella, o projectil ficará dentro da camada 0-500, durante 0,07 da duração do trajecto ($0,07 \times 67 = 4,7$ segundos) e deste modo, o vento da camada 0-500 não pode afectar o projectil por mais que 4,7 segundos.

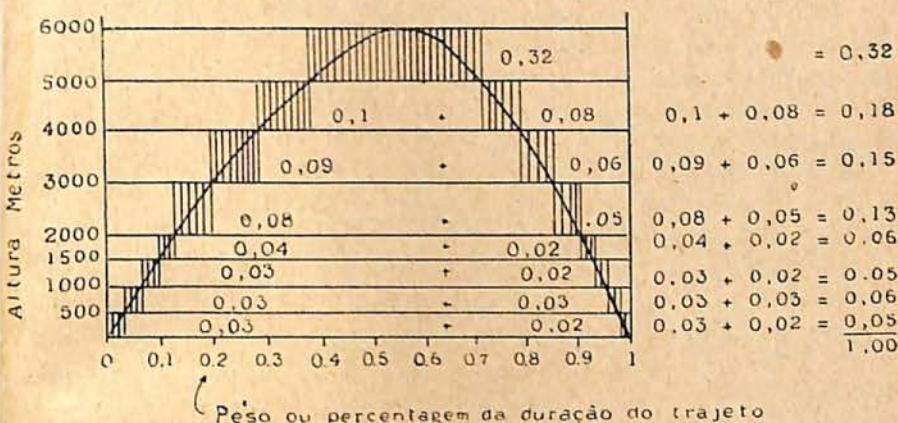
Observamos, ainda segundo a tabella, que o projectil permanecerá dentro da camada 5000-6000 metros durante 0,32 da duração total do trajecto ($0,32 \times 67 = 21,4$ segundos) de maneira que o vento desta camada produzirá um efeito muito maior que o da camada 0-500.

Os efeitos em cada camada, para o exemplo citado, são os seguintes:

N. ^o	Camada	Fator de peso	Numero de segundos de permanência na camada
2	0—500	0,07	4,7 seg.
3	500—1000	0,07	4,7
4	1000—1500	0,07	4,7
5	1500—2000	0,07	4,7
6	2000—3000	0,13	8,7
7	3000—4000	0,13	8,7
8	4000—5000	0,14	9,4
9	5000—6000	0,32	21,4
Total		1,00	67,0

Para ligeira demonstração graphica da tabella de factores de peso oferecemos o seguinte grafico que tambem ilustra o metodo de calculal-as. Foi escolhida e desenhada uma trajectoria qualquer (não anti-aerea) e marcou-se no eixo das ordenadas as camadas de ar e no das distancias os factores de peso (ou duração do trajecto).

As areas tracejadas de cada camada mostram a duração do projectil naquella camada. Comparando, agora, os resultados do grafico com os factores da tabella observamos que existe uma boa concordancia entre elles.



Vamos agora applicar num exemplo, os factores de peso para a obtenção do vento balístico.

VENTO VERDADEIRO
(Obtido pela observação sobre balão)

VENTO BALISTICO
(Resultado da applicação dos factores de peso)

N.º da camada	C. a m a d a (metros)	Velocidade do v. (m/s)	Az. do v. Gr. do N.	C. a m a d a (metros)	Velocidade balística (m/s)	Az do v. b. Graus do N.
2	0—500	20	10°	0—500	$20 \times 0,07 = 1,4$	10°
3	500—1000	18	80°	500—1000	$18 \times 0,07 = 1,3$	80°
4	1000—1500	21	90°	1000—1500	$21 \times 0,07 = 1,5$	90°
5	1500—2000	8	140°	1500—2000	$8 \times 0,07 = 0,6$	140°
6	2000—3000	16	170°	2000—3000	$16 \times 0,13 = 2,1$	170°
7	3000—4000	18	290°	3000—4000	$18 \times 0,13 = 2,3$	290°
8	4000—5000	10	270°	4000—5000	$10 \times 0,14 = 1,4$	270°
9	5000—6000	18	150°	5000—6000	$18 \times 0,32 = 5,8$	150°
0	6000—8000			6000—8000		
1	8000—10000			8000—10000		

Si projetarmos o vento verdadeiro de cada camada no plano horizontal, com os elementos do quadro acima obteremos um traçado (figura 2) que representa tambem a projecção horizontal da trajectoria do balão, porque este tem uma velocidade de ascenção praticamente constante. Na figura 2, a linha interrompida 0-0 re-

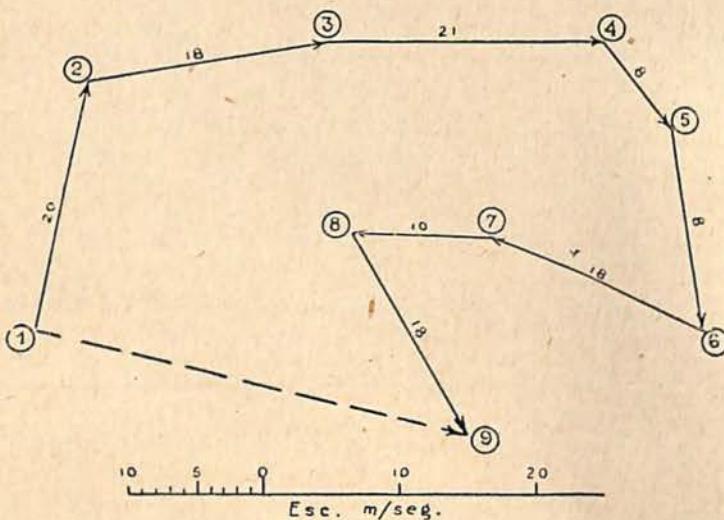


Fig. 2

presenta a somma algebrica das velocidades dos ventos de todas as camadas. Para obter a velocidade media do vento verdadeiro, devemos dividir este valor pelo numero de camadas. A direcção ou azimuth da linha 0-9 representa a direcção da resultante do vento verdadeiro.

Agora, si o vento balistico de cada camada, já calculado na tabella acima, for projectado num plano horizontal, acharemos uma figura 3 (Vide quadro 2) muito diferente da primeira. Os azimutes são iguaes aos da primeira figura, não o sendo porem as distâncias. Nesta figura a linha 0-9 representa directamente o **vento balistico** em azimute e intensidade porque já foram introduzidos os factores de peso. Esta linha representa os effeitos do vento verdadeiro num projectil cuja flecha é de 6000 metros. A este valor chamamos — **vento balitico**. Elle será calculado para todas as camadas já escolhidas para uso da artilharia.

SEÇÃO DE TRANSMISSÕES

Redactor: B. Gálhardo

Esquadrão de Transmissões

MISSÃO, ORGANIZAÇÃO, RECRUTAMENTO E CARACTERIZAÇÃO PARA O SEU EMPREGO

Pelo Cap. RUBENS MASSENA

OBS.: O "Vade-mecum para os Trabalhos de Estado Maior", de 1934, à mesma pag. 191, dá ao Esq. Trans. tal denominação e a de Cia. M. Trns.. Somos de parecer que devíamos empregar **agrupamento, companhia e batalhão** para as unidades a pé, reservando **pelotão, esquadrão e regimento** para as unidades montadas — assim diríamos, por exemplo, Agrupamento de Construção e Pelotão de Construção, Seção Extranumeraria e Pelotão Extranumerario, Companhia de Transmissões e Esquadrão de Transmissões, Companhia de Pontoneiros e Esquadrão de Pontoneiros, ao em vez de Companhia Montada de Engenharia, que quasi nada significa, finalmente Batalhão de Transmissões e Regimento de Transmissões.

I. — IMPORTANCIA DAS TRANSMISSÕES

Todos nós sabemos que a cavallaria informa, cobre e combate e que a cavallaria divisionaria é essencialmente destinada á segurança e á busca de informações. A D. C. é empregada em missões de exploração e de segurança, podendo tambem ser chamada a intervir na batalha. Ora as ordens e as informações na D. C. são transmittidas por intermedio da rede de transmissões — verdadeiro sistema nervoso da divisão — dahi as transmissões terem-se tornado factor capital na guerra.

— Mas como se constituem as transmissões? — São constituídas pelo conjunto dos meios materiaes e technicos para realizar as ligações.

Têm as transmissões papel de tal forma especial e tão indispensavel ao exercicio do comando, que o Esq. Trns., no caso de mobilização, torna-se praticamente órgão do commando da D. C. e depende directamente delle.

E em todas as armas um pessoal especializado faz parte do órgão de commando. O chefe desse pessoal liberta o comandante da unidade de certas preocupações techniques. Elle zela pelo bom funcionamento dos meios de transmissões, prevê o seu deslocamento segundo as ordens que recebe do commando, e assegura um tempo a sua collocação nos logares previstos. Sendo preciso, provoca as ordens necessarias, como conselheiro technico que é de seu commandante.

II. — ORGANIZAÇÃO SUMMÁRIA DA D. C. — NECESSIDADE DO ESQ. TRNS.

A D. C., conforme preceitua a ultima edição do R. S. C., comprehende essencialmente 1 E. M., 2 Bdias. C., 1 R. A. Cav. 1 B. I. M. e 1 Cia. M. E. e eventualmente unidades aereas divisionarias. Possue tambem os serviços necessarios para assegurar a satisfação de suas necessidades.

A organização da D. C. — analoga á da D. I. — é, portanto a seguinte:

- a) Q. G. { Cmt. — Gen. Div.
E. M. — D. C.
Cmts. de armas
Chefes de serviços
Pessoal necessário ao funcionamento do Q. G.
- b) Tropa combatente { 2 Bdias. C.
1 R. A. Cav.
1 B. I. M.
1 Cia. M. E.
1 Cia. M. Trns.
- c) Serviços { Provedores: S. Trns., S. E., S. M. B., S. I., etc.
Transportadores: de estradas de ferro, de
transporte por estrada de rodagem, etc.
Da manutenção da ordem: de polícia e
de justiça.

A D. C. franceza — segundo diz o Cmt. Guériot, no "Cours du Génie", de 1921, tem no seu Q. G.

- a) { 1 Cap. de Eng.
1 Sec. de 30 Tlgs.
1 posto de T. S. F. Lippomovel

e, fazendo parte das tropas,

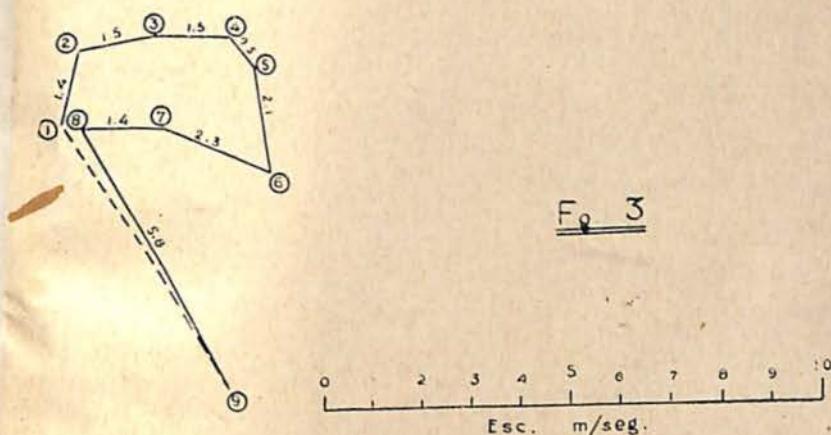
- b) 1 Destacamento de Sapadores Cyclistas.

* * *

A **temperatura balistica** é um valor medio ponderado da temperatura que exprime as condições balisticas de temperatura entre a altitude da bateria e a altitude maxima da trajectoria. A temperatura balistica é calculada para cada valor da flecha. Os factores que entram no seu calculo são: **pressão atmosferica** e **temperatura medida ou calculada** no ponto de bateria. As variações das temperaturas normaes (standard), em cada camada, são multiplicadas pelos fatores de peso e depois somadas algebraicamente ás temperaturas normaes.

Azimute do vento balistico..... 149°

Intencidade do vento balistico.... 6,0 m/seg.



A **densidade balistica** é um valor médio ponderado da densidade do ar que exprime as condições balisticas de densidade entre a altitude da bateria e a altitude maxima da trajectoria. A **densidade balistica** é calculada de uma maneira semelhante á temperatura balistica. As variações da densidade normal (standard) são multiplicadas pelos factores de peso e depois sommadas ás densidades normaes.

A determinação das condições balisticas deve ser feita por pessoal especializado. Para a artilharia de costa a artilharia anti-aérea, é necessário que elas sejam calculadas e enviadas á bateria, pelo radio ou telephone, em cada 20 minutos. Estes valores o commandante de bateria deve registral-os num abaco segundo

o tempo, tornando-se, deste modo, capaz de predizer os valores para o momento do tiro.

Instruções completas (inclusive as tabellas) para determinar **vento balistico, temperatura balistica e densidade balistica** são encontradas na seguinte publicação official americana: "Meteorology for Coast Artillery, by 1st. Lieutenant J. J. Johnson, C. A. C. — Fort. Monroe Virginia, 1923".

Este livro está sendo agora traduzido para o portuguez pelo major Bina Machado, do Exercito Brasileiro, e poderá servir como base para a organização das secções meteorologicas para a Artilharia de Costa no Brasil.

LIVROS A VENDA NA «A DEFESA NACIONAL»

NOTAS DE GEOGRAFIA MILITAR SUL AMERICANA, Ten.

Cel. Paula Cidade 10\$000

VENCIMENTOS MILITARES do escrevente *Barbosa Lima* 10\$000

INDICADOR PARANHOS do escrevente *Eurico Paranhos* 12\$000

BASKET BALL (argentino) *Alfredo Wood* 11\$500

MÉTODO DE NATACIÓN CARACCIOLLO 5\$000

COLLECTANEA DAS OBRAS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO
PHYSICA (9 fasciculos) 25\$500

TACTIQUE DES TRANSPORTS AUTOMOBILES ET DE LA
CIRCULATION EN CAMPAGNE, *J. Delest*, 2 tomos 42\$000

EQUITAÇÃO EM DIAGONAL do Cap. *Oswaldo Rocha* 12\$000

A BATALHA DO PASSO DO ROSARIO, Gen. *Tasso Fragoso* 20\$000

LIMITES DO BRASIL, Cap. *Lima Figueirêdo* 10\$000

PELOS HERO'ES DE LAGUNA E DOURADOS, Cap. *Amilcar
Salgado dos Santos* 4\$000

FORMULARIO PARA PROCESSO DE DESERÇÃO E IN-
SUBMISSÃO Cap. *Niso Montezuma* 5\$000

FUTEBOL SEM MESTRE — Cap. *Ruy Santiago* 5\$000

MANUAL DO SAPADOR MINEIRO, Major *B. Galhardo* 15\$000

As unidades da D. C. possuem os meios de assegurar por si mesmas as suas transmissões, quer no interior dessas mesmas unidades, quer de umas com as outras.

Isto, porém, não é bastante, porque á medida que se sobe aos diversos escalões de commando, augmentam-se as distâncias entre as autoridades que se trata de ligar entre si, tornam-se mais delicados e complicados os processos a utilizar — é preciso, então, confiar o funcionamento dessas transmissões a especialistas bem instruidos e bem exercitados. Dahi a necessidade na D. C. do Esq. Trns.

III. — MISSÃO E CONSEQUENTE ORGANIZAÇÃO DO ESQ. TRNS.

O Esq. Trns., tropa do trabalho, é organizado, apparelhado e instruído com a missão especial de, em ligação com as outras unidades da D. C., fazer funcionar, no decurso das operações, os meios de transmissões de que deve dispor o commando para suas ligações com as tropas da D. C., de resolver os problemas de ordem technica que se apresentam em campanha.

E', pois, missão do Esquadrão assegurar as ligações:

- 1) organizando as transmissões em geral;
- 2) executando certos trabalhos que exigem conhecimentos especiaes;
- 3) Construindo, reparando e conservando as linhas telegraphicais e telephonicas;
- 4) assegurando o reapprovisionamento das unidades em material de transmissões;
- 5) agindo excepcionalmente pelo seu fogo.

* * *

Para poder cumprir a sua missão, o Esq. Trns. — como unidades organizada que é necessita de um órgão de direcção e outro de execução.

A — Commando

O órgão de direcção é o capitão commandante.

O commandante do Esquadrão tem os seguintes órgãos auxiliares { Sec. Cmdo. ou Sec. Extra
} Cmto. Sec.

A Sec. Cmdo. ou Sec. Extra é o órgão, o instrumento de trabalho do commandante do Esquadrão, é seu immediato auxiliar e é constituída de um chefe das praças classificadas da Sec. e do menor numero possivel de homens de tropa, empregados, necessarios ao seu funcionamento. A necessidade de tal Sec. está em assegurar o exercicio do commando, grupando todos os meios de que esse commando necessita para a sua actuação.

Os Cmts. Sec. são os órgãos de direcção das Sec. do capitão.

Só pelo exposto já se pode conceber que o Esquadrão deve trabalhar sob o commando de seus chefes, por fracções constituidas.

B — Tropa

O órgão de execução são as praças do Esquadrão, instruidas e organizadas em secções, cada uma dellas tendo a seu cargo o accionamento de certos meios de transmissão. Para cada meio de transmissão poderá haver maior ou menor numero de secções, o que é função da importancia relativa e da frequencia de emprego desse meio de transmissão.

No Brasil o telegrapho e o telephonio, apesar da difficultade na construcção das linhas, deverão ser os meios de transmissão mais empregados na frente, porque haverá pouco a temer do grande inimigo do telephonio — o canhão.

O Esquadrão, tendo de cumprir, como unidade divisionaria, a missão que lhe é peculiar, e levando-se em conta a identidade de sua constituição em caso de guerra, tem em tempo de paz a seguinte organização:

- | | |
|---------------------|--|
| a) 1 Pel. Extra. | Cmds. do Esq. Trns. e chefia das transmissões
Obs.: O Cmt. Esq. Trns. acumula as funções de Cmt. da tropa e chefe do S. Trns. da D. C.. Faz parte do Q. G. da D. C., é conselheiro technico do Cmt. dessa. |
| | Cmdo. das Secs.
Chefes de serviços
T. E., T. C. — praças classificadas — especialistas e artífices, bem assim as praças empregadas necessarias. |
| b) Tropa combatente | <div style="display: flex; align-items: center;"> { <div style="display: flex; gap: 10px;"> <div style="flex: 1;"> 1 Pel. Const. </div> <div style="flex: 1;"> { 1 Sec. M. Const.
 1 Sec. M. Const. </div> </div> </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> { <div style="display: flex; gap: 10px;"> <div style="flex: 1;"> 1 Sec. Rad. </div> <div style="flex: 1;"> { 1 Sec. Expl.
 1 Sec. Tlg. e Sign. </div> </div> </div> |

Tal é a organização dada ao Esq. Trns. pelo E. M. E. no "Vademecum para os Trabalhos de Estado Maior", de 1934.

Pelos "Quadros de Effectivos da Organização Provisória" aprovados por despachos ministeriaes de 21-X-35 e 14-II-36, obtemos os seguintes dados:

	CIAS. TRNS			Independentes a pé	Incorporada à B. T. montado	Independentes a pé	Incorporada à B. T. montado	Observações
	Discriminação							
Officiaes		7	4	4				
Praças	164	153	139					
Animaes	59	94	190					
Viaturas hippomoveis	15	30	16					
Viaturas automoveis	1	—	—					
Motocycletas	1	—	—					

As praças, pelos quadros de effectivos para 1936 citados, são assim distribuidas:

Secções	C I A S.			O b s e r v a ç õ e s		
	Independentes a pé	Incorporada a B. T. a pé	Incorporada a B. T. montado			
Sec. Const.	34	34	34	Nas Cias. a pé, alem dos officiaes, devem ser montados pelo menos as suas ordenanças, os agentes de trans-		
Sec. Rad.	34	34	34	smissão, os condutores que não vão		
S. Tlf., Tlg. Sign.	34	34	34	nas viaturas, e os sargentos das Secs.		
Sec. Extra	62	51	37	de Construcção, dos grupos radio, de		
Total.	164	153	139	telegraphistas e de telephonistas e		
				todos os homens do grupo de estafetas.		

O T. C. e o T. E. do Esq. Trns. são constituidos das viaturas discriminadas no "Vade-mecum". Dois postos radio sobre autos fazem parte do T. C.

IV — RECRUTAMENTO DA TROPA DE TRANSMISSÕES

Dos tres elementos essenciaes — o commando, a tropa e os serviços, a tropa é o orgão mais importante do Esquadrão; tudo gravita em torno della: sua acção é assegurada pelo commando e suas necessidades são satisfeitas pelos pequenos serviços do Esquadrão.

Si os Esq. Trns. divisionarios devem estar em situação de fazer funcionar todos os meios que a sciencia moderna põe á disposição dos exercitos, e cujos principaes são

- a telephonia,
- a telegraphia,
- o T. S. F.,
- os signaes opticos de projectores,

o seu efectivo precisa ser seleccionado.

O Esquadrão necessita, portanto:

1.º) de um pessoal instruido, sabendo ler e escrever, capaz de transmittir e receber mensagens e conhecer o alphabeto Morse;

2.º) de um pessoal mais especializado em T. S. F., que, alem dos conhecimentos citados, devem saber ler o Morse de ouvido;

3.º) de um pessoal de operarios electricistas, para a conservação do material e construcção das linhas telephonicas, etc.

Só o pessoal, indispensavel á vida do Esquadrão, como sejam os condutores, cozinheiros, etc., não precisa de conhecimentos geraes.

Pelo que ficou dito é intuitivo e incontestavel.

a) que o recrutamento do pessoal de uma unidade de transmissões só pôde ser feito em um meio que possua instrucção já desenvolvida;

b) que a instrucção da unidade é condição indispensavel para o seu rendimento;

c) que o numero de unidades de transmissões não pôde ser augmentado facilmente, de um dia para outro;

d) que mesmo no interior do Esquadrão ha especialistas que não se podem trocar uns pelos outros; se, por exemplo, podemos fazer passar sem nenhuma difficuldade um radiotelegraphista

para o telephonio, não podemos, entretanto, transformar instantaneamente um telephonista em radiotelegraphista, senão depois de dar-lhe instrucção e adestramento especiaes.

Infelizmente, porem, tal tem sido a dura realidade no nosso Exercito: a instrucção dos homens é deficiente, tanto pela falta de officiaes na tropa, quanto pela escassez de bons monitores, como pela inexistencia em carga de quaesquer obras em que os monitores possam beber alguns conhecimentos, finalmente pelo pouquissimo grande conhecimentos geraes dos soldados, que não se acham na altura de uma instrucção de transmissões, a cujo ensino, como assumpto technico, para poder ser convenientemente ministrado, são necessarios homens alphabetizados, que ao menos possam rapida e correctamente transmittir e receber uma mensagem.

V — PROPRIEDADES CARACTERISTICAS DO ESQ. TRNS. PARA O SEU CONVENIENTE EMPREGO

Como na tactica enxadristica é imprescindivel ao jogador, para movimentar uma peça com acerto, bem conhecer as menores possibilidades dessa peça, tambem o commandante da D. C., para empregar com sabedoria o seu Esq. Trns., precisa, antes de mais nada, conhecer e pesar bem ás suas propriedades caracteristicas, a saber:

1.^a) O Esq. Trns. é **unidade do trabalho** de possibilidades e emprego limitados. Sem duvida todas as unidades trabalham, mas quasi todas, tendo em vista a sua missão, para satisfazer as suas necessidades proprias; ao passo que o Esquadrão **trabalha para as outras unidades**, sua missão é o trabalho, no interesse geral, afim de permittir ás demais unidades da D. C. o cumprimento de suas missões.

2.^a) Trabalha o Esquadrão normalmente protegido, e excepcionalmente age pelo seu fogo.

3.^a) Funciona como **Serviço de Tranmissões**, como unidade de serviço; o Esquadrão é encarregado de prover as tropas da D. C. em material de transmissões.

4.^a) É unidade technica pouco numerosa, unidade de elite; o valor technico de sua tropa depende do seu recrutamento. Elle tem em seu seio especialistas, cujos effetivos são reduzidos e difficéis de recompletar; seu emprego deve, por conseguinte, ser parcimonioso na medida compativel com as exigencias da situação.

5.º) E' tropa montada e sua vida em campanha está intimamente ligada aos R. C. D. E', se quizerem, uma Cia. Trns. de D. I. montada, ligeira e leve ou um Esquadrão de Cavallaria especializado, cujas condições de marcha, de estacionamento e vulnerabilidade são reguladas pelas mesmas leis geraes da propria cavallaria, assim é que, por exemplo, tem o mesmo regimen de marcha e a mesma velocidade.

6.º) Similhante ao Esquadrão de Cavallaria, o Esquadrão de Transmissões delle se differe por um caracteristico capital — só combate excepcionalmente. Em circunstancias excepcionaes, impostas pela surpresa, ou no caso de momentanea necessidade iocial de cavallaria, pôde achar-se empenhado em verdadeiro combate, isto é, pôr em jogo accões pelo fogo e pelo movimento na conquista ou na defesa do terreno. Caracteriza-se, então por ser **unidade combatente**, partilhando dos mésmos revezes a que está sujeito o Esquadrão de Cavallaria.

Livros á venda na «A Defesa Nacional»

MEMENTO DU CHEF DE BATAILLON, <i>Vanègue</i>	18\$000
L'OBE'ISSANCE MILITAIRE — <i>Henry Clerc</i>	7\$000
TACTIQUE ET FONCTIONNEMENT DES POSTES DE COMMANDEMENT DES UNITE'S D'INFANTRIE. <i>Andriot</i>	12\$000
AIDE ME'MOIRE DE L'OFFICIER DE RE'SERVE D'INFANTERIE	27\$000
A INSTRUÇÃO NA INFANTARIA, <i>Major Denys</i>	10\$000
COMO ORGANIZAR UMA SUB-UNIDADE, <i>Cap. João Ribeiro</i>	8\$000
EMPREGO DAS UNIDADES AEREAS, <i>Cap. Sucupira</i>	10\$000
ORDEM UNIDA, <i>Cap. Boiteux</i>	8\$000
TOPOGRAPHIA DE CAMPANHA, <i>Gen. Paes de Andrade</i>	7\$000
NOÇÕES DE AGRIMENSURA, <i>Cel. Paulino</i>	16\$000
PROVAS PARA CONCURSO DE ADMISSÃO A' E. E. M.	1\$500
REGULAMENTO DE EDUCAÇÃO PHYSICA (3. ^a parte)	8\$000

SECÇÃO DE PEDAGOGIA

Reactor: S. SOMBRA

Em defesa ao instructor

Cap. SOUZA JUNIOR
(da Escola das Armas)

Não fosse a DEFESA NACIONAL uma revista feita por militares e para militares, por certo não viríamos buscar em suas columnas agasalho para as observações que desejamos fazer. Aproveitando, porém o ensejo para apresentarmos suggestões, sobre um assunto deveras delicado, que, infelizmente, não teve os seus debates limitados apenas ao meio que interessava, mas foi repercutir, inexplicavelmente, em alguns órgãos da imprensa carioca.

A recente resolução ministerial interrompendo por um anno o funcionamento da Escola das Armas, vem pôr em fóco a fragilidade do conceito de que gosam os instructores das nossas escolas e a injustiça que aos mesmos atinge e fere, menos por "innofensiva" culpa e malicia dos homens do que por uma sánavel falha da nossa legislação militar.

Essa falha, por todos reconhecida e proclamada, merece prompta correção, não só para efficiencia do ensino como também para defesa e guarda da reputação dos instructores, como um dos meios seguros e viaveis de elevar estes ao nível daquelle.

De facto, é defeituoso, e prejudicial a tudo e a todos, o modo pôr que se faz, actualmente, o recrutamento de instructores para as escolas superiores do Exercito.

Nocivo ao ensino, algumas vezes, e prejudicial, quasi sempre, á reputação do official escolhido ou designado paia dar o maior e melhor dos seus esforços na disseminação ou transmissão dos ensinamentos que hauriu, e continuará haurindo, das mais puras fontes dos complexos conhecimentos militares, esse processo da livre escolha, semi-graciosa, tira em parte a autoridade

moral e intellectual sobre os alumnos, que todo professor ou educador deve ter, e gera, facilita e provoca os ataques, muitas vezes injustos, de que são alvos os que se dedicam ao delicado e penoso mistér de ensinar.

Parece que esse sistema de recrutamento é justificado pelo criterio e desejo de formar muitos e bons instructores no seio do Exercito, fazendo com que o maior numero possivel de officiaes passe por essas espinhosas funcções, em as nossas diversas escolas. Dahi a livre escolha ou designação, e o tempo limitado e reduzido de 3 annos no maximo, de efectivo desempenho da missão.

Que a livre escolha é um defeito, já o provamos, e que o tempo de 3 annos é reduzido, a pratica o demonstra, porque é justamente a partir do 3.^o anno que o instructor mais efficiente-mente pôde produzir, depois de ter tomado contacto com a materia, no primeiro anno, vacillando, varias vezes, incorrendo em senões, outras, e ter aplainado as difficuldades, tirado certas duvidas e penetrado no amago do assumpto, no decurso do segundo.

Conclusão e consequencia deste processo: de tres turmas que leccione, sómente uma, a terceira e ultima, poderá attestar a capacidade e aptidão do instructor. A primeira contradictará a terceira, e a segunda vacillará... ficando em duvida.

No meio civil talvez esse facto não tenha muita importancia. No meio militar, não. Elle é, ás vezes, decisivo na carreira do official.

Em face, pois, da necessidade de conciliar pontes de vista quasi antagónicos, efficiencia do ensino e rodizio em tempo limitado e reduzido, com o objectivo este ultimo de formar o maior numero possivel de bons instructores, só ha, parece-nos, dois caminhos a seguir:

- 1.^o)—selecção feita rigorosamente por meio de concurso;
- 2.^o)—escolha determinada pelos antecedentes do candidato.

No 1.^o caso, o candidato será submetido a concurso, perante a uma commissão nomeada pela autoridade competente. No 2.^o a selecção será feita nas proprias Escolas das Armas e de Estado Maior do Exercito.

Ambas constituem um excellente campo para observação das qualidades imprescindiveis a um bom instructor.

Facilidade de fallar e escrever, clareza de idéias, methodo de raciocinio, propriedade de linguagem, manifestação de personalidade, amôr ao estudo e ao trabalho, tudo isso pôde ser criteriosamente constatado nos trabalhos em sala, em domicilio e no terreno, no conjunto das disciplinas leccionadas nessas duas escolas superiores do Exercito.

Tornar-se-á, pois, util e facil, em consequencia, constar da folha de conceito do official a observação de que o mesmo demonstrou, durante o curso, notaveis ou brilhantes qualidades de instructor.

Um official em taes condições, portador de taes referencias, será sempre, e obrigatoriamente, candidato a um logar de instructor em qualquer das escolas do Exercito. Será elle como que um candidato submettido a exame, aprovado, classificado, mas, não nomeado por falta de vaga...

E' necessario accrescentar e esclarecer que essa apreciação das Escolas das Armas e do Estado Maior, assim transformadas, simultaneamente, e com evidente vantagem para o Exercito, em uma especie de escolas de selecção de instructores, deverá ser rigorosa, porque, no caso, não se trata de escolher bons instructores para os corpos de tropa e sim para officiaes possuidores em regra, do mesmo preparo e nível intellectual.

A nomeação em qualquer dos dois processos de selecção, será por cinco annos. Procurar-se-á, por outro lado, cercar o nomeado de certas garantias e vantagens de ordem moral, por quanto é forçoso reconhecer a importancia e delicadeza da missão que elle terá a cumprir, no desempenho da qual, além do grande esforço intellectual a despender, mil obices se lhe erguerão á frente e muitas inimizades e antipathias, as mais das vezes gratuitas e injustificaveis, o perseguirão pelo resto do percurso a vencer na sua carreira militar.

Se é necessario elevar o ensino, reconheçamos que é preciso tambem alçar o instructor até lá, para que elle seja digno da

elevada e nobre missão, que provocou, um dia, de Pedro II a generosa confissão: "se eu não fosse imperador, dizia o magnânimo governante do Brasil, desejaría ser professor."

Não procuremos pois, hostilizar e desprestigiar o instructor, depreciando os seus meritos e considerando uma "cancha" (desculpem a gyria e permittam o termo) as suas funções, porque isso reflecte apenas sobre a efficiencia do ensino e a dignidade da classe.

As accusações e a campanha feitas contra alguns importam no desprestigio e na suspeita que, como espantalho, se levanta sobre todos.

Seleccionemos, pois, os instructores, mas forneçamo-lhes todos os meios de defesa de que elles necessitam, para resguardarem sua reputação entre os collegas e seu futuro no seio da classe.

Não esqueçamos, principalmente, que professor e instructor se equiparam, no desempenho das suas funções. Este, entretanto, excede áquelle na responsabilidade da applicação dos methodos.

Os methodos de ensino são julgados por professores, nos recintos das escolas ou faculdades e á sombra de uma legislação adequada.

Os methodos de instrucção recebem a sua inapelável e decisiva sancção nos campos de batalha, em face de um inimigo vigilante e adextrado, que também procura, a todo transe, impôr a sua vontade, pondo á prova a excellencia dos seus methodos e o preparo dos seus quadros.

Cerquemos, portanto, do mesmo apreço e respeito, tributados aos professores, os camaradas que, por força das circumstanças, forem chamados a transmittir aos seus collegas os conhecimentos que adquiriram também nas Escolas, um dia, com a preocupação unica e elevada de augmentar o seu preparo geral e a sua cultura profissional, para bem servir ao Exercito, bem servindo ao Brasil.

somno eterno ! é o culto dos seus heroes, são as suas tradições, suas instituições politicas, suas crenças, sua religião e a sua historia.

São as amizades, as affeixões, os laços que se forjam durante a existencia, nos lares, nos bancos escolares, nas officinas e nos campos, nos quarteis, diante dos altares, perante os juizes, na lucta diaria, nos revezes de cada dia, nas alegrias, nos dias sombrios e nos dias de festa. E' tudo isso que forma uma civilisação e caracteriza uma patria, unidade bem distineta e de existencia real. As civilisações nascem, vivem, prosperam, fecundam novas civilisações, envelhecem e morrem como todos os organismos vivos. E a Bandeira meus alumnos retrata tudo isto. E o Brasil, meus senhores, por varias circumstancias: pela sua situação geographica, pela sua extensão territorial, pela variedade dos seus climas e produções e, originalidade de sua formação ethnica, é incomparável, é unico na superficie desse planeta !

Que não poderá fazer o Creador nesse immenso e rico laboratorio, onde o homem não poude ainda dominar de todo, não poude ainda subjugar, vencer, impôr a sua vontade aos outros elementos naturaes, onde a lucta prosegue surda, incruenta, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, palmo a palmo, entre o homem e a natureza, e esse ainda é pequeno para poder tirar della, tudo o que ella lhe poderá dar.

Que novas expressões de evolução humana, que imprevisíveis e estranhas combinações não poderá plasmar ahí o Artista Supremo

Que paginas bellissimas não poderão escrever ainda, os Brasileiros no Grande Livro da Historia da Humanidade ?

Precisamos encarar de frente a realidade

Precisamos, moços do Brasil, dar um sentido mais real ao culto de nossa Bandeira, precisamos virar para sempre a pagina do lyrismo nacional, precisamos encarar sem medo a realidade de frente. Elle, este culto não deve durar o minuto de nosso entusiasmo, deve ser constante, permanente, forte e real !

deve se confundir com a nossa propria vida. Não basta jurar calorosa e entusiasticamente de-ender aquelle pedaço de pano verde e amarelo, estou certo, certissimo mesmo, e não pôde haver duvida, que nenhum Brasileiro fugirá ao dever dessa hora suprema, que nenhum delles ! poderá sobreviver á deshonra de sua Bandeira ! mas, este deve ser o ultimo dos nossos sacrificio .

Bem sei que na exaltação dos vossos sentimentos juvenis, que na solemnidade desse momento, são as vossas reservas de heroísmo que apressam o curso do vosso sangue ansioso por se derramar em defesa daquelle Bandeira. Bem sei que a evocação da defesa de nosso Pavilhão, é seguida da evocação da guerra. Bem sei que o vosso pensamento me acompanhará mais espontaneamente a um campo de batalha por entre as visões palpítantes e heroicas da lucta armada, por entre a fumaça das explosões, o clarão das detonações, onde a vida é resumida num minuto, onde a morte sinistra e ameaçadora paira sobre todas as cabeças, onde o perigo, permanente e continuo, endurece todas as almas, onde a vida está a um millimetro da morte, um passo em falso, é uma familia inteira na orphandade, um cochilo, é uma vida promissora que se interrompe, um pequeno desvio, é uma esperança que se apaga, um escorregão, é uma partida forçada para a eternidade: trabalhos, esforços, cultura, amizades, ideáes, tudo se pôde perder alli, n'um instante, n'uma cartada infeliz, nesse jogo sinistro com o destino. Estampidos ensurdecedores, ruidos de motores, homens desfigurados, pallidos, fainitos e tresnoitados, recúios, avanços, fugas precipitadas, heroismos anonymos, bravuras, dedicações, imprecações, lamentos, incendios, destruições, miseria e mortes. E todos marcham para alli inexhoravelmente, e quem os reune n'um só corpo, quem os anima com uma só vontade, quem os alenta, quem os fortalece, quem os impele resolutos para o sacrificio ? E' a voz da Patria, é tudo aquillo que descrevi ha pouco que está photographado no fundo de suas consciencias, que está gravado em caracteres de fogo no bronze de suas almas, que ferve no sangue de suas veias, que se queima na combustão de suas contracções musculares, que palpita quente nos seus corações.

SECCÃO DE ESTUDOS SOCIAIS

Redactor: A. F. CORREIA LIMA

ALERTA MOCIDADE!

Discurso pronunciado no dia 19-XI-1936
no Collegio Militar no Rio de Janeiro,
pelo Cap. JOSÉ MARIA LEITE DE
VASCONCELLOS

Sr. Cel. Cmt. do Collegio Militar, Senhores professores e officiaes, meus collégas, senhores alumnos, meus senhores.

Hoje! é o dia radiosso da Bandeira do Brasil, do nosso extremercido pavilhão! Symbolo da Patria querida! Que poderei dizer-vos de novo, meus senhores? Se nossos poetas, os mais geniaes, se nossos escriptores, os de maior talento, oradores os mais brilhantes, eminentes jornalistas e professores notaveis, antepassados ou contemporaneos, se immortalizaram louvando a nossa bellissima Bandeira, enriquecendo com perolas do mais alto preço, a literatura nacional. Que me resta dizer, se elles já, mil vezes exaltaram a sua belleza incomparavel, explicaram a significação de suas côres e estrellas, cantaram as suas glorias, fixaram os nossos deveres para com ella, enalteceram a necessidade do seu sacratissimo culto? Que poderei vos dizer, eu, que me sinto tão pequeno diante da imagem da Patria Immensa? Que direi eu que possa corresponder ao honroso e generoso convite do señor Cel. Director desta Casa de Ensino? E que possa satisfazer as exigencias do talento e cultura de um auditorio destes?

Na Patria se pensa todos os dias

Só acceitei essa honrosissima incumbencia confiado na generosidade dos meus ouvintes, e fiado tambem, devo confessar, na profunda veneração que tenho pela minha terra, na crystallina sinceridade do meu patriotismo, fiado de que nesse mo-

mento ! a minha alma ha de se fundir na grande alma collectiva de minha Patria. Não se passa um dia que eu não medite nos seus destinos, que não me impressione com os males que a affligem, que me não preocupe com a solução dos problemas que a assoberbam, que não pense no grandioso futuro que a espera.

Hoje é o dia da Bandeira, a Bandeira é o retrato da Patria, portanto esse é o dia da Patria.

Meus camaradas, a Patria não é um mytho como querem alguns, uma convenção como apregoam outros. As Patrias são tão distintas entre si no conjunto das nações, como os individuos na sociedade; elles têm as suas physionomias proprias, caracteristicos e civilisações inconfundiveis. A Patria não é uma fieção, não existe por um contracto, não vive pela força de um decreto ou pela vontade dos homens.

As civilisações, meus alumnos, resultam das relações entre o meio phisico e o homem, das reações reciprocas desses dois elementos. E' o facies geographic influindo no carácter do povo. é o relevo do sólo, é a extensão e a configuração da costa, é a belleza do céu com o seu cortejo luminoso de estrellas, são as bacias hydrographicais, são os regimens das aguas, são as cadeias de montanhas facilitando as chuvas, são as chuvas fertilisando a terra, são os productos do sólo, as riquezas do sub-sólo, a constituição geologica, é a flóra, é a fauna, é a composição chimica da terra, é a latitude, é a altitude, é o sol ! as inclinações dos seus raios influindo na temperatura, é a limpidez da atmosphera, é a humidade e densidade do ar, são as correntes maritimas e aereas, é em summa o clima, combinado, misturado por um chimico invisivel, por acções directas ou indirectas e reações continuas com os seus habitantes, que formam, que modelam, que traçam a physionomia dos povos. E mais ainda os factores que se prendem á origem destes, sua formação racial, sua alimentação, sua lingua, seus costumes, suas inclinações, é a impressão indelebel do seu carácter nas suas manifestações do espirito, nas suas obras de arte, na sua literatura, na sua musica, nas suas canções populares ! São os seus monumentos, seus templos, seus cemiterios onde os antepassados repousam no

A lucta começa no tempo de paz

Não é porém sobre isto que vos quero fallar, o espectro da guerra, felizmente ronda longe de nossas fronteiras e o perigo da sua approximação, por si mesmo, alertará todos os espiritos, A guerra é a parte final da lucta, é a sua phase tragica, é a mais emocionante e dramatica e por isso impressiona melhor a nossa sensibilidade. Entretanto meus caros jovens, a lucta começa silenciosa no tempo da paz, começa agora, ou melhor ainda, já começou. Para vós meninos começou quando entrasteis pelo largo portão deste Collegio, ou ainda melhor quando nascestes, a lucta é a propria vida; a paz verdadeira e completa só existe para os fracos e timidos que tudo aceitam e com tudo concordam. Sêde meus amigos, soldados valentes e fortes na lucta silenciosa da paz.

A guerra de hoje abrange toda a nação

Os povos primitivos, no alvorecer dos seculos, ao som das suas "buccinas" de guerra, empunhavam apressadamente suas lanças e escudos, e n'um instante, n'um minuto, estavam promptos para a peleja.

Mas, em nossos dias, a evolução assustadora do armamento, mas hoje em que participa na lucta a nação inteira, com todas as suas forças e energias ! hoje, meus senhores, vence quem tem as armas mais modernas e poderosas, quem dispõe de mais dinheiro, quem possue melhores navios, quem tem mais canhões, quem conta com o maior numero de aviões, quem tem a industria melhor organisada, quem trabalha o aço, quem dispõe do petroleo e do carvão, quem conhece a chimica, quem é senhor da sciencia, quem tem os governos mais fortes e os seus filhos mais unidos.

Que vale hoje o heroismo dos soldados na refrega, se elle se desmancia, se esboroa em pó deante dos monstros de aço que espalham a morte e vomitam a desgraça ? Que vale a bravura do soldado da guerra, diante do poder formidavel do material fabricado pelo soldado da paz: o operario. Que vale a pericia

do general se elle não teve antes de si o engenheiro do laboratorio e da officina ? Que valem as grandes massas de soldados sem a prosperidade e riqueza para alimental-os na lucta ? Que valem as forças numerosas sem os meios rapidos de transporte ? Que valem esses meios se não houver o carvão e o petroleo, sanguem dos exercitos e das esquadras ?

Por isso meus senhores, eu digo que a guerra já começou, já começou ha muito ! a lucta armada é apenas o epilogo dos dramas da civilisação. Começou no enriquecimento das nações, na conquista dos mercados, na prosperidade do commercio, no apparelhamento e organisação da industria, na intensificação da produção, no melhor aproveitamento dos productos do sólo, no aperfeiçoamento da sua organisação politica, na moralização de sua administração, começou na instrucção e preparo dos seus filhos.

O caso da Abyssinia

Não precisamos ir muito longe para illustrarmos com factos consumados, ainda vivos em nossa memoria, as minhas affirmações. Uma grande e poderosa nação latina, laboriosa, cohesa, forte e prospera, com industria adiantadissima, com abundante moderno e aperfeiçoado material de guerra, expandindo o seu potencial civilizador, cumprindo um designio secreto da natureza, acaba de invadir com relativa facilidade, o territorio inhospito de uma nação fraca, com a civilisação atrazada de alguns seculos, desarmada, que se tem conservado impermeavel á civilisação occidental, pelos antiquados costumes, habitos, usos e tradicções enraigadas no espirito de seu povo; pelo atraزو de suas instituições e pela ignorancia dos seus habitantes.

Que valeu o heroísmo desesperado dos filhos da terra invadida ? Que valeu o seu acendrado amor pelo misero sólo natal, que valeu o seu culto religioso pela Bandeira, se elles no seu atraزو, na sua imprevidencia e miseria só entraram na lucta no epilogo, na phase final ?

Quando o grito da Patria em perigo, correu pelas montanhas e pelos valles da Etyopia, os nativos, empunhando as suas armas

ridiculas, tiveram do invasor uma impressão de pasmo, de assombro e terror; pela sua inadevertencia, pelo seu desconhecimento das cousas, não perceberam que o inimigo os precedeu ha muito na lucta, não divisaram, não vislumbraram, não viram, não notaram atráz dos conquistadores de sua Patria, os longos seculos de adiantamento, civilisação e trabalho pacifico. Patriotismo, bravura, heroismo, dedicações desconhecidas, renúncias, abnegações, tudo inutil diante do inevitável da derrota e da vergonha. E o Abyssinio vencido, sem saber bem como e porque, exhausto, se entrega e permitte que o Europeu vencedor lhe vista a camisa de força da civilisação.

Felizes os povos que progridem

Felizes dos povos que progridem, que prosperam que se tornam fortes e respeitados sem a humilhação de um domínio estranho, ou a tutela de um governo estrangeiro.

Meus caros compatriotas, eu vos advirto, eu vos convido a conquistar o Brasil. E peço a vossa atenção para a imagem do Brasil immenso, cheio de possibilidades, de riquezas inexploreadas, mas actualmente pobre. Pobres os brasileiros, é pauperrimo o Brasil. Nossas numerosas e extensas redes hydrographicais não utilisadas, nossas cachoeiras inaproveitadas, um desperdicio formidavel e continuo de energias preciosas, nossos immensos campos ainda desertos, nossas extensas florestas ainda virgens, nossas fabulosas riquezas mineraes no seio da terra adormecidas, nossa agricultura em grande parte ainda um tanto primitiva, nossa industria em grande parte ainda vacillante, nosso commercio em grande parte ainda na mão dos estrangeiros, nossos compatriotas do interior em grande parte desvalorizados pela ignorancia e pela molestia. Nosso patriotismo não se deve fundar criminiosamente em illusões e mentiras, devemos conhecer profundamente a verdade e, em toda a sua extensão os nossos defeitos e males para lutarmos contra elles n'um combate sem treguas. Sêde meus jovens, soldados nesta campanha pelo progresso do Brasil. Activemos, acceleremos, promovamos,

Brasileiros de fé, por todos os meios, o desenvolvimento da civilisação que vagarosamente se processa nesse vasto territorio, para que não desapareça nenhuma d'aquellas estrellas, do azul limpido da nossa idolatrada Bandeira, para que as gerações vindouras bendigam para sempre a nossa memoria.

Não ignoraes meus jovens, que a humanidade na sua constante evolução, tem transposto varias etapas ou idades, e no momento actual, encontramos na terra, como vasto museu, amostras vivas dessas diferentes phases da evolução humana, desde os povos selvagens do interior da Australia em plena Idade da Pedra, até os mais civilizados do Globo. A Idade da Pedra contemporanea do seculo da machina, do aço, do petroleo, dos grandes navios aereos. Extremos de uma mesma escada de numerosos degraus intermediarios. No começo da historia, no limiar das civilisações, os povos isolados, viviam em graus de adiantamento diferentes, ignorados uns dos outros, as diversas phases da evolução humana, existiam como compartimentos estanques ! e pouco a pouco o desenvolvimento do commercio e as conquistas pelas armas, foram levando por toda parte os productos das civilisações mais adiantadas, procurando nivelar o progresso dos povos.

Hoje com a maior aproximação das nações, pelos numerosos e rapidos meios de transporte, com o intenso intercambio de productos e idéas, temos a impressão que estamos todos no mesmo seculo, porém infelizmente, nós Brasileiros não attingimos integralmente o ultimo, não estamos em dia com o progresso, vestimo-nos ainda por figurinos alheios; apezar de possuirmos e usarmos automoveis, aviões, navios e canhões, não os fabricamos ainda efficiente e abundantemente.

O mal que nos afflige

Meus senhores ! de todos os males que nos affligem, que debilitam as nossas finanças, que anemizam a Economia Nacional, um dos mais influentes e nefastos, é a nossa dependencia economico. Vivemos n'uma incomoda, dura, onerosa e perigosa

dependencia extrangeira. A nossa posição de paiz agricola, fornecedores de materia prima, nos colloca numa situação de inferioridade. Industriaes extrangeiros nos compram por preços irrisorios os productos penosamente extrahidos do nosso sólo e nos vendem por altas quantias os artigos fabricados com a nossa materia prima. De todos os individuos que tomam parte nesta operação: o agricultor, numerosos intermediarios, o industrial e o commerciante, os importadores e exportadores, de todos elles meus senhores, quem menos ganha é a quem cabe a tarefa mais ardua é ao agricultor, é ao Brasileiro portanto.

Alumnos do Collegio Militar ! Olhae firmes para aquella Bandeira, e jurae nas vossas consciencias, diante de vossos professores, perante o vosso Commandante, jurae para convosco baixinho, que no anno vindouro trabalhareis mais ainda do que trabalhastes este anno.

Alumnos do Collegio Militar ! Estudae ! Estudae ! Estudae ! Instrui -vos, é servir a vossa Patria. Cultivae a vossa saúde, o vigor do vosso corpo, o preparo do vosso espirito, o amor dos vossos paes, a amizade de vossos mestres, o respeito aos vossos superiores, cultivae a vossa honra de pequeninos soldados, prosperae, crescei, ambicionae, enriquecei, sede fortes, porque a segurança daquella Bandeira repousa na força dos seus filhos.

Moços de todos os recantos de minha terra, a vós compete libertar o Brasil, a vós compete preparar o advento do Brasil Commercial e Industrial, do Brasil novo, *realmente, verdadeiramente* rico e poderoso. Evitae, meus amigos, sempre que puderdes, a tutela do Estado já enfermo por uma hypertrophia do funcionalismo, procuraе de preferencia as actividades productoras, substituie os extrangeiros na direcção da Economia Nacional, Eu bem sei que uma industria não se improvisa, a tarefa é ardua a lucta é longa e diffíel, mas nada é impossivel para aquelles que amam esta Bandeira. Vós outros, consumidores, protegei o esforço nacional que estareis trabalhando pelo engrandecimento da Patria.

Brasileiros da gerações novas ! Preparai-vos para fazer mais do que nós fizemos. A Patria conta com vosso amor, com a vossa dedicação, com o vosso esforço, com a vossa intelligença, com a vossa energia, com a vossa vontade, com o vosso trabalho incessante, conta com a vossa renuncia, com o vosso sacrificio e com a vossa abnegação. E nós, oh ! moços, acreditamos na vossa victoria.

Brasileiros de toda parte, perceverae nesta magnifica, grandiosa, explendida e sublime obra projectada pelo Supremo Ar-chitecto, que cuidadosamente, que meticulosamente, que carinhosamente reuniu nessa imponente officina, nesse soberbo e extraordinario Paiz, tudo que ha de melhor, tudo que ha de maior, tudo que ha de mais bello na terra, Oh ! majestosa Bandeira do Brasil ! eu te saúdo, por tão grande felicidade.

Livros á venda na »A Defesa Nacional»

ENSAIO SOBRE INSTRUCCÃO MILITAR — Gen. <i>Baillon</i>	12\$000
UN REGIMENT DE SECONDE LIGNE DANS UNE BATAILLE DÉFENSIVE EN 1918, <i>P. Janet</i>	25\$000
L'ORIENTATION, Cap. <i>Seignobosc</i>	7\$500
MÉTHODE PRATIQUE DE TIR INDIRECT DES MITRAILLEUSE, Cmt. <i>Paille</i>	18\$000
O TIRO DA ART. DE 75 (7 fasciculos) Cap. <i>Senna Campos</i>	20\$000
MANOBRAS DE NIOAC, Gen. <i>Klinger</i>	4\$000
GUIA PARA A INSTRUCCÃO MILITAR (1936) Cap. <i>Ruy Santiago</i>	10\$000
R. E. C. I., 1. ^a parte	4\$000
2. ^a parte	5\$000
A. C. P., Ten. <i>Geraldo Cortes</i>	15\$000
NOTICIAS DA GUERRA MUNDIAL, Gen. <i>Corrêa do Lago</i>	8\$000
O OFFICIAL DE CAVALLARIA — Cel. <i>Benicio</i>	10\$000
A TECHNICA DO TIRO DE COSTA, Cap. <i>Silveira</i>	22\$500

NOTICIARIO E VARIEDADES

Em continencia ao Barão do Cerro Alto

Cap. LIMA FIGUEIRÊDO

A dez kilometros do Passo do Rosario sobre o Rio Santa Maria, tendo por eixo a Estrada Rosario-S. Gabriel, travou-se, a 20 de fevereiro de 1827, a celebre Batalha de Ituzaingo, que, apesar da dureza do embate, não teve vencedores nem vencidos.

O nome de Ituzaingo vem do facto do campo da peleja ser banhado pelo rio do mesmo nome, que desagua no Santa Maria. A palavra "ituzaingo" é corrupção do vocabulo guarany "ytú-çã-ingó" (cachoeira vertical). Implicavam os estudiosos com esse nome, em virtude de não haver no citado curso d'agua nenhum acidente que lhe quebrasse o perfil de equilibrio. Hoje está tudo explicado. De facto, o salto existia e ainda existe, segundo testemunho do Dr. Mario de Vasconcellos, conhedor profundo da região. Tem elle um metro e quarenta de diferença de nível e esteve, durante muitos annos, occulto por espessa camada de areia. Ha pouco, apôs uma formidavel enchente, a areia foi carregada e o salto surgiu, justificando, plenamente, a certeza da toponymia.

No sopé de uma cochilha, branquejando o verde lindo da pradaria, o monumento ao Barão do Cerro Largo balisa o local onde tombou com honra o general José de Abreu e lembra uma jornada de sangue, que, se não fosse a falta de ardor offensivo do adversario, teríamos nas paginas luminosas da nossa historia a nodoa inapagavel de uma derrota.

O monumento é singelo. Tem a forma de uma pyramide de base quadrangular com cerca de tres metros de altura. Na face voltada para o norte lê-se: "A memoria gloria do general José de Abreu, Barão do Cerro Largo, e dos outros heroes ao serviço do Brasil, na batalha de 20-2-1827". Na face opposta está

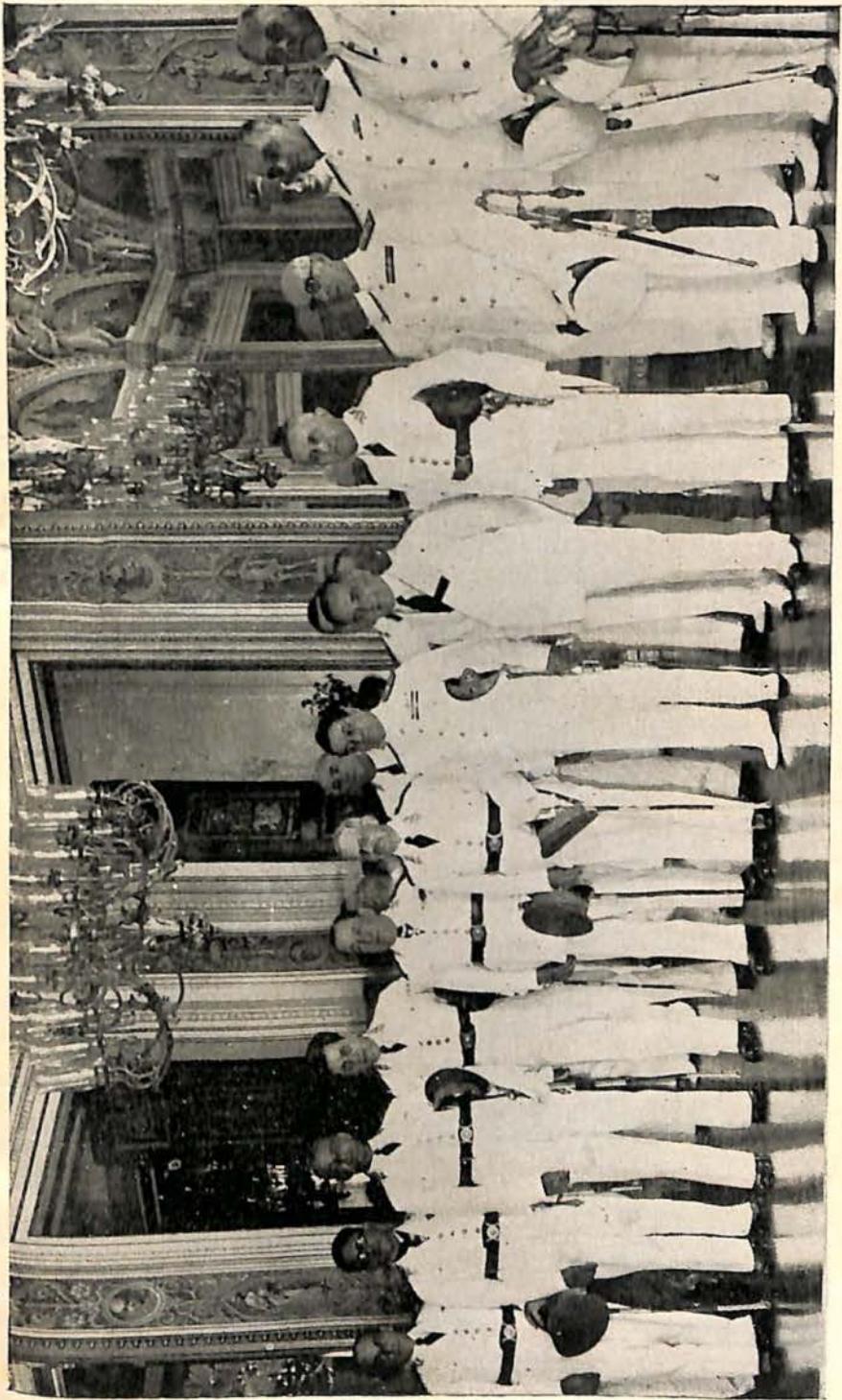
inscripto: "Mandado erigir pelo Inspector da 12.^a Região, General de Divisão, Bellarmino Mendonça, em Fevereiro de 1912".

O Exercito argentino era commandado por Alvear; o brasileiro por Barbacena.

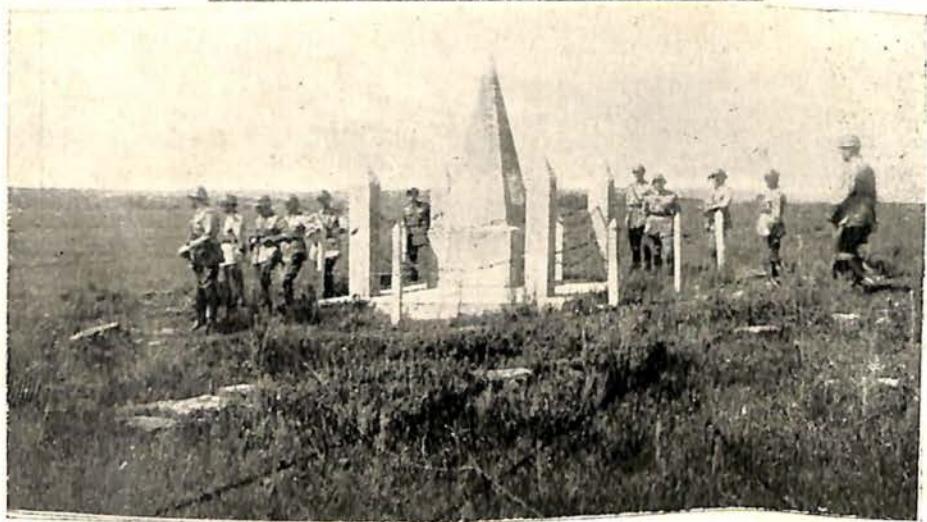
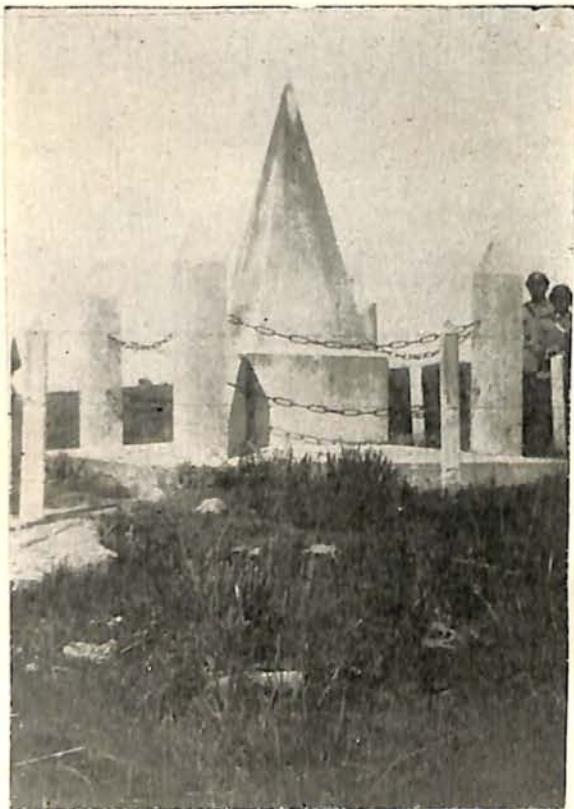
"Todo o terreno apresenta a feição geral da campanha do Rio Grande: ondulações mais ou menos suaves se escalonam em todos os sentidos, tapizadas de relva, dando ao observador que as contempla pela primeira vez, a sensação estranha, posta em relevo por um geographo distinto, de um mar de vagas gigantescas e roladas, que mãos poderosas houvessem de subito immobilizado numa mysteriosa solidificação". Nada se pode accrescentar a esta descripção poetica feita pelo general Tasso Fragoso. Incontestavelmente a campanha riograndense ora se apresenta com ondas verdes e enormes como as de um oceano revolto, ora suaves, quasi imperceptíveis, como as ondulações duma enseada.

Na cochilha dos Olhos d'Agua se achavam os argentinos, separados pela sanga do Barro Preto; na elevação fronteira se detiveram as tropas brasileiras. Parece que o encontro decisivo não era procurado por nenhum chefe. O destino jogara-os ali... A iniciativa da offensiva cabe aos brasileiros que chegam a atravessar a sanga citada com energia e na mais ansiosa vontade de jogar o adversario para dentro do caudaloso Santa Maria. Toda-via, o Exercito imperial atacou sem obedecer a um plano; não havia cohesão entre os esforços desenvolvidos pelas diferentes divisões — era a consagração do falso principio: cada um faz o que puder. A gente de Alvear escora a nossa arremetida, arrefecendo o impeto dos atacantes. E, só neste momento, o comando viu que as suas massas de força agiam isoladamente, sem que pudesse oferecer apoio reciproco — foi ordenada, então, a retirada...

Tudo foi reunido. O exercito de Barbacena effectuou a marcha em retirada na mais perfeita ordem, repellindo todas as acutiladas que o inimigo lhe desferia. Uma tropa de cavallaria conseguiu nos tomar a frente com o itnuito de deter-nos. Comtudo, as



O Exército Nacional cumprimenta o Presidente da República pela entrada do Anno Novo.



Monumento ao bravo General José de Abreu e seus
denodados companheiros.

nossas forças continuaram o movimento, como se nada houvesse em sua frente. Vendo que nenhum danno nos poderia fazer, voltou ao seu acampamento, dando vivas á Patria, que foram respondidos, pelos nossos, com vivas ao imperador !

Se houve victoria, Alvear não acreditou nella. Com tropas frescas na sua mão, não fez a perseguição que no caso era de esperar — mandou (com certeza para ver si nós iamos embora) fracos elementos. Marchámos até á meia-noite, acampando protegidos pelo Cacequy. No passo foram encontradas quinze carretas pertencentes aos argentinos, que foram queimadas com todo o carregamento: armamento, ferramentas, caixões de balas, ferraduras...

Após curta perseguição voltaram os adversarios á sua base, lutando, agora, contra as labaredas que lambiam, assutadoraamente, a macéga e enovelavam, para o céo, nuvens escuras de fumaça...

Parece que Alvear tinha o receio de ser atacado por outra forte columna pela margem esquerda do Santa Maria. E por este motivo tinha ansia de safar-se, daquelle theatro de operações, o que, aliás, fez, assim que pôde reunir seu pessoal.

Do estudo da batalha se conclue que nem Alvear nem Barbacena tinham planos de manobra e que os dois contendores deixaram o campo de luta sem que houvesse vencedor.

Na tão falada peleja deixaram de existir dois bravos: o general José de Abreu e o coronel Frederico de Brandsen, argentino. Por uma notável coincidencia, ambos morreram procurando mostrar que a covardia não encontrará agazalho em seus peitos de heroes. Brandsen foi bravo até á morte. Por qualquer motivo, este impavido soldado, ao receber, de Alvear, ordem para carregar contra os quadrados brasileiros, fez uma ponderação. Alvear exasperou-se e respondeu: "Se tem medo carregarei". Em face desta resposta, Brandsen desembainhou a espada, e, redea solta, galopou para a gloria ou para a morte. Mesmo assim Alvear acompanhou-o. Brandsen, não se contendo com tanta desconfiança,

"deplorou vel-o num posto que elle julgava ocupar dignamente". Seus esquadrões avançavam e voltavam perseguidos pelos nossos por varias vezes. Numa dessas investidas cae mortalmente ferido o bravo coronel, que, deixando transparecer o seu estado d'alma, grita aos seus commandados: "Carreguem canhhas!"

José de Abreu foi outro heróe que regou com seu sangue pujantes aquelle chão fertil e lindo. Era um velho. Havia conquistado seus galões e titulos pelejando, incansadamente, pela grandeza do Brasil. Accusavam-no de um insucesso no rincão de Galliñas. Isto mortificava o velho que tinha certeza do seu valor pessoal e procurava ocasião opportuna para mostrar a tempera do seu caracter. Exigiu o commando da vanguarda brasileira, o que não era compativel com seu posto e sua edade avançada. Dizia elle "que ia restituir á guerra o que só della havia recebido".

Seu vaticinio saiu certo. Assim que as tropas brasileiras se engajaram na refrega, elle procurou agir pelo flanco direito do inimigo. Seus meios eram reduzidos — pouco effectivo. Rapidamente estava em contacto cerrado com o adversario e de roldão foi levado para cima da divisão Calado, que não titubeou em fuzilar amigos e inimigos para o bem geral das forças brasileiras. E assim tombou o valente general José de Abreu, Barão do Cerro Largo, commandante de uma vanguarda, com mais de setenta annos, só com receio da pecha de covarde... Sublime!

Foi enterrado no mesmo logar em que cairá e ha um anno e um dia após o fatal desfecho foram os seus sagrados restos conduzidos para a cathedral de Porto Alegre onde se acham.

* * *

A turma de officiaes da Escola de Estado Maior, visitando aquelles recantos quefidos, quiz prestar uma homenagem ao inclito soldado. Dirigiu-se á tumba do heroe, e, após um minuto em continencia, cantou o Hymno Nacional. O silencio daquelles

hermos foi quebrado pelas notas bellissimas, e, sem haver um só exercicio, os officiaes cantaram com tal vigor, com tal entusiasmo, que deram áquelle acto cívico um esplendor ultra extraordinario. Houve um official que, de commoção não pôde cantar — e as lagrimas de seus olhos saltaram de chofre aos borbotões... O espirito nacional renasce na alma dos filhos desta terra abençoada...

O vento zunia... Zunia, levando para bem longe as notas melodiosas do hymno que cantavamos. Fiquei querendo bem áquelle vento que até então achava incommodativo. Outróra, como agora, elle levou os gritos afflictivos dos que tombaram em defesa da honra e da integridade do Brasil. Pudessem as nossas forças, o nosso grito ardente de patriotismo, como uma espiral de insenso, subiria até aos céos, onde se acham o general José de Abreu e seus bravos companheiros...

PRECONCEITOS DA NOSSA LITERATURA BIOGRAPHICA E O QUE NÃO SE DISSE SOBRE BENJAMIN CONSTANT

UMBERTO PEREGRINO
1.^o Ten.

Movimento bonito e opportuno esse a que estamos assistindo, de exaltação e divulgação da vida dos nossos grandes homens.

Carlos Gomes, Olavo Bilac, Cairú, Santos Dumont, Benjamin Constant, já foram estudados em conferencias da série "Os nossos grandes mortos". Movimento que sobre ser cultural é verdadeiramente patriótico. E ainda por cima muito bem achado pelo prestigio que têm hoje em dia os estudos biographicos. Pena que no Brasil o genero não tivesse ainda encontrado a equipe de cultores que tantas vidas illustres e palpitantes estão ahi a esperar. Tirante o sr. Eloy Pontes, que nos deu com a "Vida inquieta de Raul Pompeia" um livro e tanto, os outros escritores nossos que ensaiaram a bio-

graphia, inclusive Oswaldo Orico, fizeram sempre obr: seguramente muito aquem dos seus biographados.. Gastão Cruls vai buscar a explicação disso na falta de documento humano, isto é, cartas intimas, cadernos de lembranças, diarios, rascunhos, manuscripts ineditos, contas pagas... E commenta que si por acaso algum morto illustre deixa desses documentos a familia corre a exterminal-os, de modo que o finado só possa aparecer á posteridade "de cartola ou chapeu coco, croisé ou fraque biselado, annel symbolico e guarda-chuva de cabo de ouro..." E ai do escriptor que se arriscasse a suprehender qualquer heroe indigena de trajes mais á frescata ou postura menos consentanea com as chamadas normas de boa educação!" O menos que fariam era taxál-o de destruidor das glorias nacionaes...

Eu estava matutando nestas coisas todas a propósito da conferencia do sr. Ivan Lins sobre Benjamin Constant. Não é, de modo algum, que me prevenissem o espirito as considerações do conferencista contra o fortalecimento do nosso Exercito. Até tem graça aquella sua conclusão simplista de que, "dada a situação excepcional da America, onde a paz pôde facilmente ser mantida atravez da arbitragem, foi grave erro do governo imperial desenvolver, como vimos, depois da guerra do Paraguay, o nosso Exercito e a nossa Arma-dá, em vez de reduzil-os e transformal-os, pouco a pouco em simples milicias civicas, destinadas ao policiamento não só de nossas cidades mas ainda, e principalmente do nosso "hinterland", onde os "Lampeões", para vergonha nossa, ainda hoje campeam impunemente".

Vê-se que o homem faz do cangaço do Nordeste um caso de policia, o que só não é mais delicioso do que a sua concepção da politica internacional sul-americana...

Mas a conferencia do sr. Ivan Lins confirma desoladoramente tudo o que Gastão Cruls denuncia.

Uma existencia singular, curiosa, suggestiva, como ha de ter sido a de Benjamin Constant, continua enterrada, porque d'elle só se contam as mesmas passa-

gens exteriores, convencionaes, tão batidas e que nada adiantam ao exacto conhecimento da sua personalidade.

O homem permanece ignorado. Nada se fica sabendo da sua intimidade, paixões, conflitos sentimentaes, gostos, habitos, esperanças e desenganos. Vale a pena dar uma espiadela no pedaço em que, por ser impossivel ocultar, aparecem referencias ao curso apagado e ás reprovações de Benjamin, para ver só que pudor o do conferencista, como passa elle de carreira e aflichto nestas coisinhas indiscretas, arranjando desculpas para Benjamin nas suas dificuldades de vida ! Desculpa ingenua e inutil. Benjamin com a inteligencia e capacidade de trabalho que sempre revelou, não se deixaria sacrificar a um curso mediocre e até a uma reprovação, si ligasse mesmo a esse curso. Depois, para que justifical-o ? Fôra antes muito mais interessante acompanhal-o atravez do curso arrastado, surprehendendo as suas preferencias, as suas derrapagens para fóra dos trilhos escolhares, mil coisas assim ! E talvez (quem sabe ?) por ahi estivesse a melhor explicação das suas notas baixas e até da feia reprovação... Porque, em verdade, os **primeiros alumnos** são aquelles moços modelos, que repetem religiosamente a bula do professor... E como a cultura não está naquelas prelecções ou notinhas de aula, acontece que os **primeiros**, entrando na vida, nunca passam da mediocridade, por incapazes de avançar um passo alem das lições em que obtiveram grau 10. Benjamin não seria seguramente o primeiro estudante apagado a virar triumpho mais tarde e assumir o commando dos seus condiscipulos laureados...

E Benjamin professor ? Só se disse sobre isso coisas repetidissimas ou sem interesse. No entanto sabemos por Medeiros e Albuquerque alguns pedaços optimos da sua atividade na Escola Normal. Sabemos que Benjamin como professor de matematica elementar era detestavel. Dando aula a cerca de 100 alumnas, punha-se diante do quadro negro e ia entupindo-o de algarismos, enquanto resmungava um monologo incomprehensivel. As moças que já sabiam, não escutariam nem enten-

deriam nada daquillo, faziam crochets, estudavam outras matérias, copiavam trabalhos. Benjamin não dava nunca pelo toque de fim de aula. Era preciso que a inspectora viesse avisá-lo, sacudindo-lhe por vezes a manga da sobre-casaca. Então elle se voltava gentil e soridente: "Sim, D. Amelia, eu já vou". Não ia nada. Continuava entrando pela hora do outro professor, sendo necessário advertir-l-o três, quatro vezes. E, segundo entendidos, que viam às vezes o que Benjamin deixava no quadro, parece que elle a meude se esquecia de que estava às voltas com simples aritmética elementar e se aprofundava pelas "bellesas vertiginosas do cálculo diferencial e integral..."

E' ainda Medeiros e Albuquerque quem nos conta de uma temporada num hotel em Palmeiras, estando por lá também Benjamin com a família. Ficavam às vezes reunidos, marido, mulher e filha, horas e horas, "sem ler, sem fazer nada, e sem trocar palavra"! Refere mais, da sua aproximação com Benjamin nesta temporada, que elle devia ser perfeitamente ignorante de ciências naturais, a julgar pela naturalidade com que aceitava a crença popular de que nascem ratos de objectos podres. Mas era muito inteligente e "quando lhe expunham qualquer questão, promptamente a aprendia". As reformas da instrução assignadas por Benjamin, não têm, na boca de Medeiros e Albuquerque, "talvez nem um artigo que elle mesmo elaborasse".

E como seria curioso esmiuçar as verdadeiras idéias religiosas de Benjamin, que perfilhando ostensivamente a philosophia comteana, não deixou de receber duas condecorações, a da "Ordem da Rosa" e de "Cavaleiro de Aviz", nem de seguir para o Paraguai e era membro da "Irmandade da Cruz dos Militares"!

Tudo isso é que é bom para desenvolver num estudo à altura de Benjamin. As tiradas academicas de exaltação ou destruição systematica não interessam. Está faltando é quem descubra o homem.

No Exército, além de Benjamin Constant e sem falar em Caxias e Osório, vejo mais nomes que estão pedindo um estudo: Deodoro, Floriano, Euclides da

Cunha, Couto de Magalhães e (porque não inclui-lo já?) o nosso Rondon. Tambem não nos faltam homens intelligentes e com todas as facilidades para essa empreitada, ah! bem em cima de arquivos preciosos.

Major Travassos, capitão Lima Figueirêdo, capitão Severino Sombra, que me dizem a isso?

Por que não inauguram a série "os nossos grandes militares"?

BIBLIOGRAPHIA

O OFFICIAL DE CAVALLARIA: COMO É, COMO DEVE SER

O coronel V. Benicio da Silva escreveu um interessante livro sobre o suggestivo titulo acima. Inaugurou o Autor, com essa publicação, um genero de literatura que sentiamos necessidade, em virtude dos escriptores militares se dedicarem a assuntos inteiramente technicos, quando não enveredam para themes estranhos á nossa profissão.

Em França, e em muitos outros paizes, ha livros de facil leitura, ao alcance mesmo dos leigos que, ao mesmo tempo que instruem e dão um conforto espiritual aos profissionaes, servem de propaganda das classes armadas no mundo civil. Entre elles podemos citar *Sabre au poing* de Marcel Dupont, *Les transformations de la guerre* de J. Coline muitos outros. O livro do coronel Benicio está nesse caso: constitue leitura agradavel, facil, instructiva e ao alcance de gregos e troianos.

Temos certeza que o cavallariano digno deste nome, ao lelo, sentir-se-á feliz, não se arrependendo de haver ingressado na arma que, para muitos, entrou num occaso esmagador, maxime para os que ainda sonhavam com a edade medieval e as cargas fulminantes de Murat... Fez elle surgir os gaúchos de Andrade Neves com lanças improvisadas com bambú e laminas das tesouras de tozar, fazendo floreios nos luzidios "pingos" que sabem vencer, com entusiasmo, as pradarias interminas que enfeitam, ao sul, a zona lindreira de nossa terra.

Elegendo a America do Sul á Canaan da Cavallaria, o Coronel Benicio turva um tanto as esperanças daquelles que já vêem, nas planicies Sulinas, os auto-metralhadores que, se bem que tenham por bandeira a potencia e a rapidez, engolem, assustadoramente, a gazolina que ainda não possuimos. Estamos com o Autor—a motorização virá com a evolução da industria bellica brasileira.

Ha um ponto que não concordamos de todo com o illustre Autor: é quando elle assevera (pag. 110) surgir a engenharia, no scenario marvotico, após a artilharia.

Desde que os exercitos sentiram necessidade de se movimentar para alargar os dominios dos seus chefes, surgiu a principal missão da arma—abrir communicações, com todo o cortejo de trabalhos supplementares que essa missão exige. Podiamos mesmo dizer que a engenharia nasceu em Menés do Egypto—o primeiro rei da historia.

A outra missão—a fortificação—também é tão velha como a muralha lendária de Troia e a não menos famosa de Babylonía.

A destruição que tanto valor empresta, agora, á arma de Villagram Cabrita também vem dos tempos soturnos e escuros dos chaldeus, assyrios e babylónicos. Usavam o unico elemento destruidor que possuiam—o fogo. Ainda longe estava a descoberta infernal dos chinezes...

Até a ponte de barcos, com fóros de modernismo, foi lançada, pela primeira vez, por Xerxes para vencer o kilometro e meio do Helesponto e transpor seu exercito que devia esmagar a Grecia. Conta a filha de Herodoto—a Historia—que essa ponte foi destruída por uma tempestade e tão furioso ficou Xerxes que, em pessoa, foi surrar o mar que, em outras plagas é verdade, fôra tão cavalheiresco com Moisés...

Não desanimou—fez a segunda ponte e o mar se acovardou...

Não temos credenciaes para julgar o merito do livro do Coronel Benicio, mas uma cousa podemos dizer com toda a sinceridade—Iemos o livro e gostamos. E, não querendo ser egoistas, aconselhamos a todos que procurem conhecer o trabalho de que, aqui, agora, nos ocupamos.



UM PRODUCTO DA
S. A. FABRICA VOTORANTIM

Rua 15 de Novembro, 47 - Phone 2-5146
SÃO PAULO

NAS construções que o senho com a sua respeitade, lembre a qualidade do material é a garantia da exactidão dos cálculos.

Empregue, sem dúvida, o material de construção absoluta: Empreenda com confiança: **CIMENTO VOTORAN**

Pureza, homogeneidade, resistência.

O CIMENTO VOTORAN SE ENCONTRA
NAS MELHORES ESPECIFICAÇÕES
EUROPEAS E NORTE AMERICANAS



ASSEGURE um perfeito funcionamento do seu carro, sem aborrecimentos paradas forçadas, e batidos do motor, usando a dupla de ouro —



GASOLINA E ÓLEO LUBRIFICANTE

ENERGINA



Saudando em V. Ex., a distincta classe militar da Nação, collocamos ao seu dispôr a nossa Matriz em S. Paulo e a nossa filial no Rio para tudo o que se relate com *Vestuarios em geral, Moveis, Tapetes*, e todos os artigos indispensaveis ao conforto — e belleza do lar. —

MAPPIN STORES

- A Sua Casa Predilecta -

S. Paulo
P. Patriarcha, 2

PAES

Para alimentação
de seus filhos

exigi de seu fornecedor:

Leite Condensado "VIGOR"

O de maior rendimento
e o mais puro.

CASAS Antoine GROS

MATRIZ São Paulo Rua Visconde do Rio Branco 616

FILIAL " Praça da Rep. 16 Posto de Serviço

" " Av. Rangel Pestana 2140 - id.

" Santos Rua Senador Feijó 208 - id.

PNEUS NOVOS Das Melhores Marcas

SUPER RECAUTCHUTAGEM com garantia de 15.000 kilos

ACCUMULADORES "Antoine GROSS"

AJUSTE DE FREIOS e renovação das Ionas

SERVIÇOS DE ELECTRICIDADE

LAVAGENS E LUBRIFICAÇÃO "Mobiloil"

ACCESSORIOS EM GERAL

FABRICA DE BORRACHA

ARTEFACTOS Para vulcanisadores

OS POSTOS
DE
SERVIÇOS
FICAM
ABERTOS
SEM
INTERRUPÇÃO

NOTA: Os senhores Assignantes da Revista "A DEFESA NACIONAL" gosam de preços excepcionais em todas Nossas CASAS.

TOSTÃO A TOSTÃO FAZ UM MILHÃO



é uma instituição oficial
garantida pelo Governo Federal
para beneficiar o povo
pagando juros pelas suas
economias e auxiliando
com seus empréstimos.

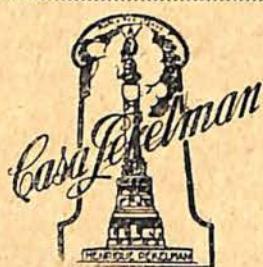
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

FUNDADA EM 1854

Esta casa tem um grande sortimento de livros de ensino primário,
secundário e superior, os quais vende por preços baratinhos

Remetemos catálogos gratis para todo o Brasil

RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro
RUA LIBERO BADARÓ, 49-A RUA DA BAHIA, 1052
SÃO PAULO BELLO HORIZONTE



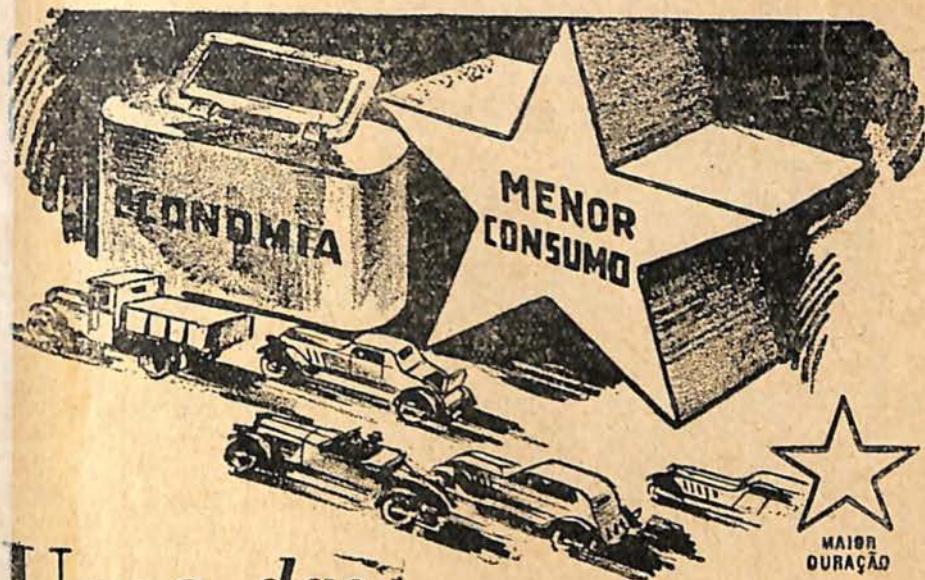
MOVEIS MODERNOS DE TODOS OS ESTILOS
CONGOLEUM "SELLO DE OURO"
LINOLEUM LANCASTER

Tapeçaria em geral
IMPORTAÇÃO DIRECTA

HENRIQUE PEKELMAN
TELEFONE: 5-4437

DEPÓSITO: Rua Maria Thereza, 39^a - 39^b

Largo do Arouche, 82, 84 e 86 (Esquina da Rua Maria Thereza) — SÃO PAULO —



Uma das 5 qualidades enciaes a um lubrificante perfeito

O automobilista devorando kilometros multiplica progressivamente o consumo do oleo. O calor produzido pela velocidade torna mais fina a pellicula do lubrificante. E, ao afluir com abundancia, muito oleo passa á camara de combustão onde se queima. Isto constitue, com os derrames, a causa principal do excessivo consumo de oleo na grande velocidade.

Não desperdiçará oleo, com ESSOLUBE, porque seu "corpo" lhe permite resistir a altas temperaturas, sem volatizar-se inutilmente. ESSOLUBE circula sempre, e não se perde.

Se outro oleo annuncia condicão identica, pode carecer de algumas das outras qualidades de ESSOLUBE, não menos importantes. ESSOLUBE possue todas as cinco propriedades que a sciencia affirma como essenciaes a uma lubrificação correcta.

Na proxima vez que necessitar de oleo, encha o carter com Essolube. Observe sua protecção e rendimento.



COMPENSA usar

Essolube

O "AZ" DOS LUBRIFICANTES



RESIDUO
MINIMO



FLUIDEZ
INALTERAVEL



VISCOSIDADE
CONSTANTE



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL



Carneiras, Pellicas, Mestiços, Vaquetas, Bezerros,
Chromo, Buffalo, Porcos, Solas, Raspas, Vernizes, etc.

CORTUME FRANCO-BRASILEIRO

SOCIEDADE ANONYMA

MEDALHA DE OURO TORINO, 1911



GRANDE PREMIO
ROSARIO DE STA. FÉ, 1926



GRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1922

São Paulo: Avenida Agua Branca, 170

Caixa Postal, 2 J — Phones 5-2174 - 5-2175 - 5-2176

AGENCIAS: RIO DE JANEIRO — MINAS GERAES
PARANÁ — RIO GRANDE DO SUL
BAHIA — PERNAMBUCO — PARÁ



Pirie, Villares & Comp.

Av. Henrique Valladares, 150

Fones { 22-9426 Dia
22-6672 Noite, Domingos e
Feriodos

HAUPT & CO. - RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO SÃO PAULO
FUNDADA EM 1823

Artilharia—Munição—Polvoras.

REPRESENTANTES DE:

ANTIEBOLAGET BOFORS

BOFORS - SUECIA

ELEKEIROZ S. A.

ESCRITORIO CENTRAL

Rua São Bento, 503 — São Paulo

INSECTICIDAS E FUNGICIDAS

Arsenico Branco.
Arsenato de Calcio.
Arseniato de Chumbo (em pó e em pasta)
Bisulfureto de Carbono "JUPITER"
Extracto de Fumo "JUPITER"
FORMICIDA "JUPITER"
INGREDIENTE "JUPITER"
Verde Paris.

PRODUCTOS PARA INDUSTRIA

Acido Chloridrico.
Acido Nitrico.
Acido Sulfurico.
Acido Sulfurico desnitrado (Para acumuladores).
Alcool de Cereas.
Alumen de Potassio (em pó e em pedra)
Ammoniaco.

FABRICAS

em São Paulo: R. Boracea, 2 e em VARZEA.

Benzina Retificada.
Ether Sulfurico.
Perchloreto de Ferro.
Peroxido de Manganez (Granulado e em pó).
Sulfato de Aluminio, de Cobre, de Ferro, de Manganez, de Sodio e de Zinco.

PRODUCTOS PARA CRIAÇÃO

Carrapaticida "JUPITER".
Extracto de Fumo "JUPITER".
Queirózina.
Solução "JUPITER" (para envenenar couros).

PRODUCTOS PARA AGRICULTURA

Adubos completos "JUPITER".
Adubos completos "POLISU".
Fertilizantes.

Representante no Rio de Janeiro

EMILIO POLTO

Rua General Camara, 60 — Caixa Postal, 937

As Lonas "LOCOMOTIVA"

são as unicas verdadeiramente impermeaveis.

Exijam esta marca.

São Paulo Alpargatas Company

SALITRE DO CHILE

(nitrato de sodio 99,2%) para agricultura e para a industria.

Agentes: Arthur Vianna & Cia. Ltda.,
todos os materiaes para lavoura.

Rua S. Bento, 100

SÃO PAULO

Rua da Alfandega, 59.

RIO DE JANEIRO

Sociedade Commercial e Constructora Ltda.

Architectos -- Engenheiros -- Empreiteiros -- Constructores

SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 51 -- Sob.

8. andar - Telephones 2-4195 e 2-4196

ANGELO SESTINI & Cia.

IMPORTADORES

"-----"

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

Commercio em grande escala de Alfalfa e Forragens em geral — Cereais e generos do Paiz

SÃO PAULO — Escriptorio: Rua Florencio de Abreu, 26 — Teleph. 2-3985
Códigos RIBEIRO BORGES — End. Teleg.: "ANGELSES"

Depósito: Rua Carnot N.º 48 — Teleph. 9-1348

Padaria do Commercio: Rua Voluntários da Patria 451 e Rua Sallete, 70 — Teleph. 4-9742
FILIAL: Estação de Juquery — P. (S. R.) Teleph.: INTERURBANO

Casa  Allemã



Artigos de qualidade
a preços bem populares



SCHAEDLICH, OBERT & Cia.

ALUMINIO

Productos de aluminio em geral: Chapas lizas e em rolos. Fios. Lingotes para fundição. Barras e vergalhões. Chapas riscadas para estríbos de automoveis. Cantoneiras de todos os typos. Rebites. Tubos e connexões. Pasta de alumínio marca "ALPASTE" para preparar tinta de alumínio.

PRODUCTOS DE "DURALUMINIO": CHAPAS, BARAS, VERGALHÕES, REBITES, TUBOS, ETC.



Rua S. Pedro, 92 — Rio

Tel. 23-2035

Geskoslovenská Zbrojovka

AKC.

SPOL.

BRNO.

Fabrica Tchecoslovaca de Armas S.A.

Brno. — TCHECOSLOVACIA

Z. C.

Fabricantes de fuzis,
metralhadoras
e munições.

Snsr. Officiaes

*Adquiram baixelas
e talheres para ser-
viços de meza da
marca*

“FRACALANZA”

C A R L Z E I S S

RIO DE JANEIRO

Todos os apparelhos e instrumentos de
óptica de preciso para

**TIRO E BOMBARDEIO, NAVEGAÇÃO, OBSERVA-
ÇÃO, PHOTOGRAPHIA AEREA**

Construcções especiaes para o exercito e marinha

Instalações para marcação das rotas aereas e
iluminação dos aeroportos

INFORMAÇÕES:

21, Rua Benedictinos, 21

(4.^o andar)

RIO DE JANEIRO

CURVAS

EXTRAVAGANTES?



Para muita gente parabolas são curvas de forma exquisita, mas para outros são apenas a parte de um dia de trabalho.

Alguns scientistas conhecem muito bem as parabolas. Elles trabalham com ellas.

A trajectoria de todas as balas em vôo é uma parabola que pôde ser medida mathematicamente por meio de complicadas formulas, e tambem provada por experiencias praticas.

Os estudos desses e de semelhantes phenomenos permite aos technicos alcançar melhor comprehensão sobre as exigencias da munição.

Isso nos têm ajudado a produzir uma

MUNIÇÃO DE QUALIDADE.

**Companhia Brasileira de Cartuchos S/A
SÃO PAULO**

Bolos e Doces só

*de sabor
inegualável*

com a

FARINHA

"ESPECIAL"

**DO MOINHO
FLUMINENSE S.A.**



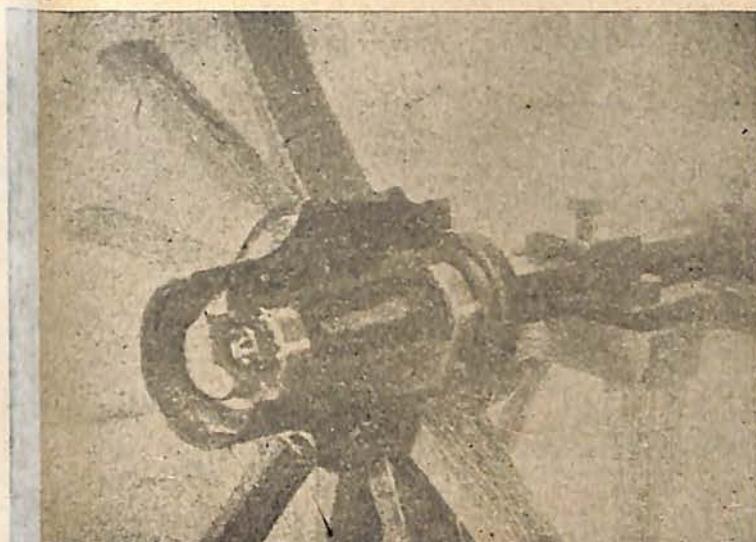
*em saquinhos
de 5 kg*



X
100
13

**Proteger a Indústria Nacional é
cooperar para a grandeza do Brasil**

SKF



Cubos para carros e coisinhas de campanha, canhões, carros de munição e outras viaturas.

Usados por quasi todos os exercitos do mundo, pois os cubos **SKF**

- diminuem sensivelmente a resistencia de marcha,
- augmentam a capacidade de carga,
- reduzem a lubrificação a uma só por anno, (em caso de guerra ou outras graves occorencias os cubos **SKF** podem perfeitamente e sem qualquer inconveniente dispensar a lubrificação durante alguns annos).
- augmentam a velocidade de marcha,
- poupam os cavallos, etc., etc.

Os cubos **SKF** representam para o exercito moderno uma necessidade sem par.

Uma descripção mais detalhada sobre as experiencias já feitas pôde ser fornecida pela Companhia **SKF** do Brasil á Rua da Quitanda, 141—Rio de Janeiro.

Cotonificio Rodolfo Crespi S. A.

SÃO PAULO

Maior e quasi unica fornecedora
do brim verde oliva
para praças

Com o fornecimento de 1936, desde
1932 forneceu cerca de 5.000.000
de metros a Intendencia da Guerra
de acordo com o caderno de encargo

Cores firmíssimas

"INDANTHREM"



Marco Registrado



Marco Registrado

Aços Roechling

Aços finos de maior rendimento para todos os fins
e ferramentas, arames e chapas de aço

Installação de tempera

Aços Roechling Buderus
do Brasil Limitada

RIO DE JANEIRO

Rua General Camara, 136
Teleph. 23-5742
Caixa Postal, 1717
End. Telegr. ROECLING

SÃO PAULO

Rua Florencio de Abreu, 65
Teleph. 2-3441 e 2-3442
Caixa Postal, 3928
End. Telegr. ROECLING

AVENIDA JULIO DE CASTILHOS, 265
(Esquina da Praça Visconde Rio Branco)
Caixa Postal N. 563 Telephone 50.59
Endereço Telegraphico: «ROECLING»

PORTO ALEGRE



INDANTHEN

Tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE OLIVA, a tricoline cinzenta, a MESCLA e as LONAS. para o uso do EXERCITO E MARINHA
Os corantes

INDANTHEN

— As cores dos tecidos tintos com —

INDANTHEN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e

— — — — — Marinha — — — — —

CASA BROMBERG

Machinas e aços das usinas "KRUPP", Essen. — Oleos e graxas da "SUN OIL COMPANY", Philadelphia.

— Frezas, brocas, alargadores, machos, etc., de "R. STOCK & C.", Berlim. — Gachetas e armações para vapor. — Serras para metal e madeira marca "CÃO". — Correia de couro nacional e estrangeira, correia balata "LINDA", correia de lona e borracha

laminada marca "BULL DOG" e "O PODEROZO". —

Artigos para Galvanoplastia.

— Rebolos "ALEGRITE", para aço. "CARBORUNDUM", para ferro. — Esmeril e outros artigos para machinas de arroz. — Moinhos. — Enxadas "AGUIA", e "COLONO".

— Machados "COLLINS". — Pulverisadores "COLONO".

— Ferragens e ferramentas para todos os fins. — Limas

"CAVEIRA". — Arsenico. —

Verde Paris venenoso. — Arseniato de chumbo. — tintas. — Oleo de linhaça.

— Artigos sanitarios. — Connexões. — Tubos galvanizadores. — Arame de todos os tipos. — Telhas de zinco.

— Chapas galvanizadas e pretas. — Arados "RUD SACK" e "O PODEROZO".

— Material agricola em geral. — Artigos para apicultura.

— Machinas para matar formigas "COLONO". — Formicidas. — Motores electricos.

— Dynamos. — Fita insolunte "LEADER". — Material electrico em geral.

— Machinas e accessorios para o ramo graphico. — Typos allemaes "SCHELTER & GIESECKE". — Machinas em geral, para todas as instal-

Bromberg & Cia.

SÃO PAULO

Caixa Postal 756



Filial no RIO

Rua Gen. Camara, 37

Caixa Postal, 690

lações e officio.



"INCOR" -- o cimento portland
nacional de endurecimento rápido.
O producto que satisfaz a neces-
sidade actual de rapidez com
segurança.

Companhia Nacional de Cimento Portland

RIO DE JANEIRO

NAS
FABRICAS...



MELHOR
ILLUMINAÇÃO...



MELHOR DISPOSIÇÃO
PARA O TRABALHO!...

CASA DODSWORTH MANFREDO COSTA & CIA.

IMPOR DORES

ENGENHEIROS CIVIS, ELECTRICISTAS E HYDRAULICOS

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — BRASIL

Secção de Machinas e Material Ferroviario

REPRESENTANTES DE:

Associação de Fabricas de Tornos "V. D. F."

Gebr. Boehringer G. m. b. H., Goeppingen

Franz Braun A. G., Zerbst

Heidenreich & Harbeck, Hamburg

H. Wolhenberg K. G. Hannover

Tornos rapidos "Standard - V. D. F." — Tornos revolver e automaticos — Machinas para frezar engrenagens — Plainas para engrenagens — Plaina de mesa a um e dois montantes — Tornos frontaes — Machinas de furar radial — Machinas especiaes

Maschinenfabrik Weingarten, Weingarten

Tesouras, Prensas e Puncções

Wilhelm Hegenscheidt A. G., Ratibor

Tornos para rodeios de vagões e locomotivas

Friedrich Schmaltz G. m. b. H., Offenbach

Machinas para rectificar

Wanderer - Werke A-G, Chemnitz

Frezes de precisão de qualquer typo

Les Ateliers Métallurgiques S-A, Nivelles & Les Usines,

Forges et Fonderies de Haine, St. Pierre

Locomotivas, carros passageiros, vagões de carga — Material Ferroviário em geral — Pontes e superestructuras metallicas

Machinas de solda A E G — Electrodos FREDOTTI

Importadores de material para alta e baixa tensão — Material telephonico — Chaves desligadoras — Fios e cabos para electricidade — Escovas de carvão para dynamos e motores — Especialidades electricas — Fabricação

R. VISCONDE DE INHAUMA, 62

End. Telegraphico: DOSRIO Telephones 23-4589 e 23-2757
RIO DE JANEIRO

Matriz — São Paulo: Rua Bôa Vista, 82

Para a correspondencia de V. S.,
seja official ou particular é preciso
que V. S. tenha uma machina de escrever



A marca da garantia

A fabrica MERCEDES — a maior da Europa, especializada esclusivamente em machinas para escriptorio — fornece 3 modelos diferentes de MACHINAS PORTATEIS PARA ESCREVER, attendendo assim ás conveniencias e ao gosto de V. S.



**PEDIMOS A V. S. QUEIRA PEDIR INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO A
Machinas para Escriptorio
Mercedes do Brasil Ltda.**

RIO DE JANEIRO **SÃO PAULO** **SANTOS**
Rua da Quitanda, 65 R. Lib. Badaró, 134 Rua D. Pedro II, 16
OU AOS AGENTES AUTORIZADOS NOS ESTADOS

Para a protecção do seu rosto

-use a lâmina Gillette Azul
num aparelho Gillette



**BARBELINO
AFFIRMA:**



Gillette



VARTA Accumulator

ACCUMULADORES ESPECIAES PARA

A V I Ó E S
C A R R O S D E A S S A L T O
S E R V I Ç O D E C A M P O

O:

Accumuladores Cadmio — Nickel
D E A C para todos fins

INFORMAÇÕES

D. H. BERUDE & CIA. — Rio de Janeiro
— — — TELEPHONES: 22-5547 e 42-2878 — — —



Saudando em V. Ex., a distinta classe militar da Nação, collocamos ao seu dispôr a nossa Matriz em S. Paulo e a nossa filial no Rio para tudo o que se relacione com *Vestuarios em geral, Moveis, Tapetes, e* todos os artigos indispensaveis ao conforto — e belleza do lar.

MAPPIN STORES
— A Sua Casa Predilecta —

S. Paulo
P. Patriarcha, 2

Rio de Janeiro
Rua Botafogo, 360

CASA CONTEVILLE

FUNDADA EM 1854

RIO DE JANEIRO

Machinas para officinas em geral: para trabalhar ferro, madeira, chapas, tubos, etc. — Instalações industriaes para fabricação em serie de qualquer producto. — Instalações para a produção de productos chimicos, oxigenio, acetyleno etc. — Instalações de Raios-X industriaes. — Apparelhos para estudos de macrographia, analyses magnetica, balistica, dynamica, etc. — Apparelhos de manutenção: transportadores, elevadores, carrinhos para armazens.

AÇOS FINOS

NOTA: Acabamos de obter a exclusividade de
KIRCHNER & Co. A. G., LEIPZIG

Machinas para madeira e accessorios

Correspondencia: Rua da Alfandega, 94-98
Telephones: 23-0311 23-0410 23-3842 e 23-5598

FABRICA DE BALANÇAS: Rua Gotemburg 14-16 (26-6975)

VILA VALQUEIRE

PROCURE CONHECER

A

VILA VALQUEIRE

A localidade mais aprazível dos subúrbios
propriedade da

CIA. PREDIAL

Informações

Praça Floriano, 31/9 - 2.^o andar
Tel. 22-7690 R. 79

Estrada Rio São Paulo, 885

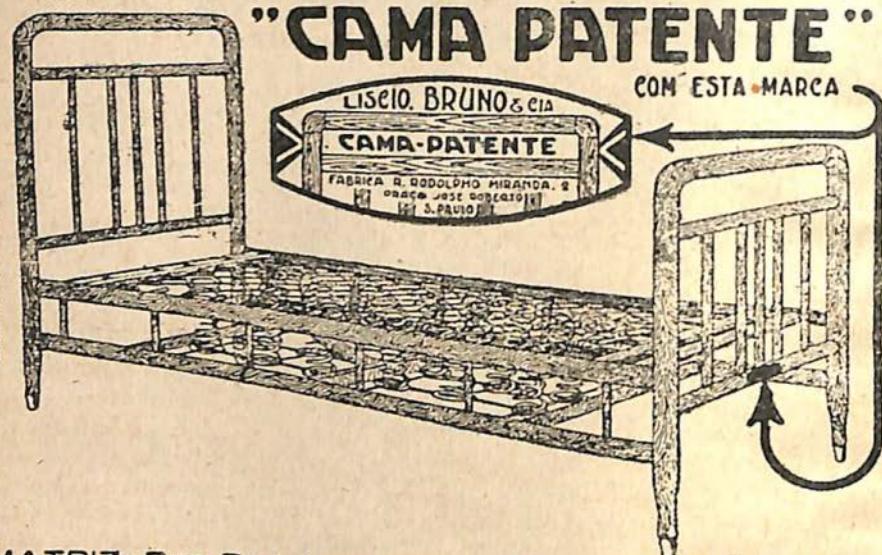
OU COM OS NOSSOS AGENTES AUTORIZADOS

A CAMA ADOPTADA PELOS QUARTEIS:
HYGIENICA — RESISTENTE — CONFORTAVEL

NAS SUAS COMPRAS PREFERAM SEMPRE A
"CAMA-PATENTE"



COM ESTA MARCA



MATRIZ: Rua Rodolpho Miranda, 2 — SÃO PAULO

Telegrammas: LISBRUNO — SÃO PAULO

Filiais: Rio de Janeiro — Belo Horizonte — Porto Alegre — Bahia — Recife

Superioridade Provada

Os productos Atlantic provam a sua superioridade na estrada, com factos. É a victoria de Toms River, onde 6 carros fizeram quasi 1.000.000 de kls. sem falhas no motor e sem qualquer limpeza de carvão, acaba de ser confirmada, aos olhos dos brasileiros, pelo triumpho impressionante de Copoli e Caru' no Circuito da Gavea. Os produtos Atlantic significam economia e protecção sem igual para o seu carro.

ATLANTIC

Gazolina — Motor Oil — Lubrificação



CIMENTO PRODUCTO DA
S. A. FÁBRICA VOTORANTIM

Rua 15 de Novembro, 47 - Phone 2-5146
SÃO PAULO

NAS construções em que o senhor entra com a sua responsabilidade, lembre-se que a qualidade do material é a garantia única da exactidão dos seus cálculos.

Empregue, sempre, um material de confiança absoluta: Empregue CIMENTO VOTORAN.

Pureza, homogeneidade, resistência.

O CIMENTO VOTORAN SE ENQUADRA NAS MELHORES ESPECIFICAÇÕES EUROPEAS E NORTE AMERICANAS



Carneiras, Pelicas, Mestiços, Vaquetas, Bezerros,
Chromo, Buffalo, Porcos, Solas, Raspas, Vernizes, etc.

CORTUME FRANCO-BRASILEIRO

SOCIEDADE ANONYMA

MEDALHA DE OURO TORINO, 1911

End. Tel. "FRANBRA" — Codigos : "Ribeiro"
A. B. C 5th. - A. Z.

GRANDE PREMIO
ROSARIO DE STA. FÉ, 1926

GRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1922

São Paulo: Avenida Agua Branca, 170
Caixa Postal, 2 J — Phones 5-2174 - 5-2175 - 5-2176

AGENCIAS: RIO DE JANEIRO — MINAS GERAES
PARANÁ — RIO GRANDE DO SUL
BAHIA — PERNAMBUCO — PARÁ

Sociedade Commercial e Constructora Ltda.

Architectos -- Engenheiros -- Empreiteiros -- Constructores

SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 51 -- Sob.

8. Andar - Telephones 2-4195 2-4196